

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Faculdade de Letras



Rainha D. Amélia – Mecenas do Património e Artista

José Alberto Julinha Ribeiro

Orientadora: Prof^ª. Doutora Maria João Quintas Lopes Baptista Neto

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor em História da Arte, na especialidade de Arte, Património e Restauro

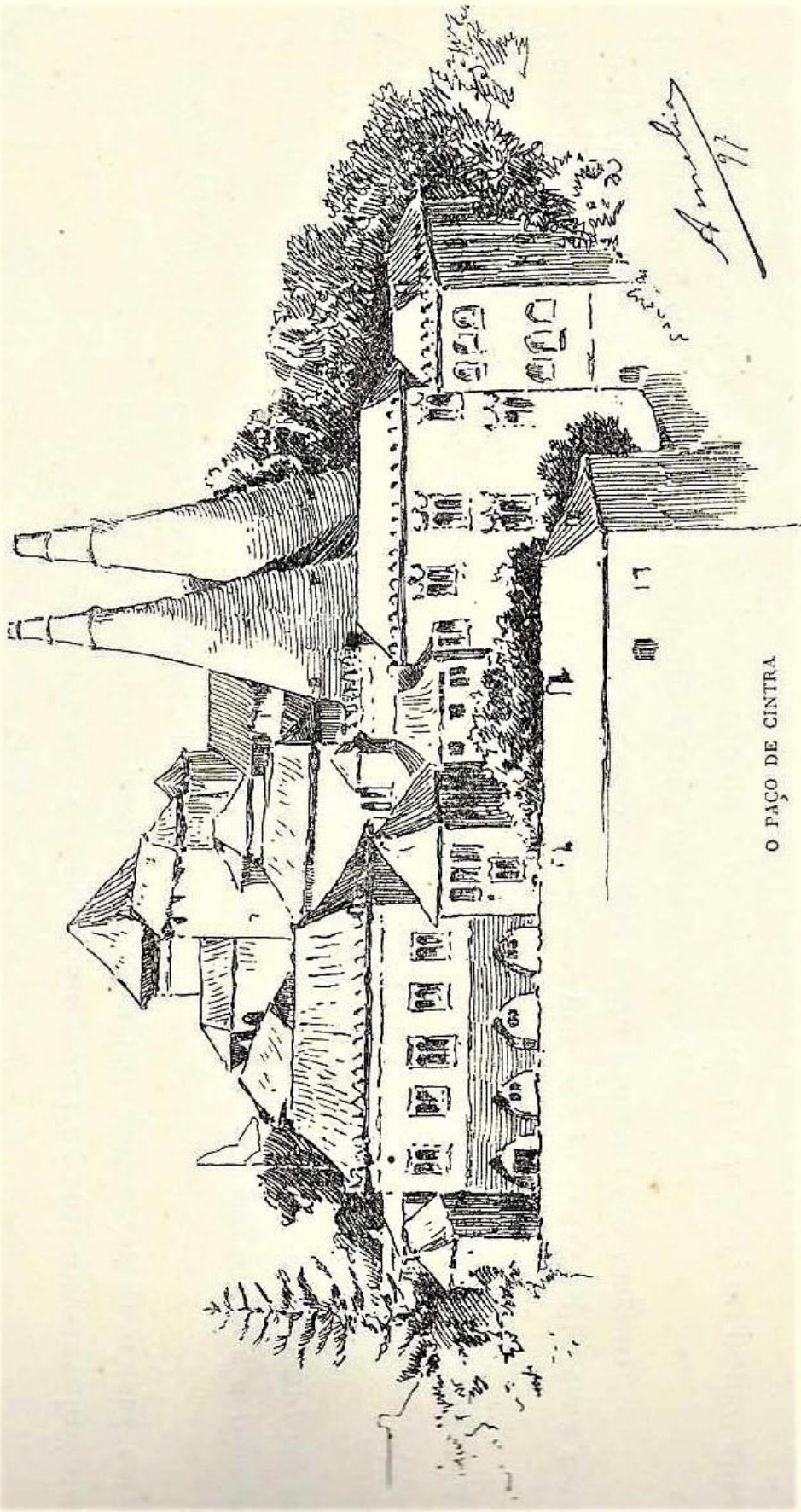
ANEXO I

2024

ÍNDICE

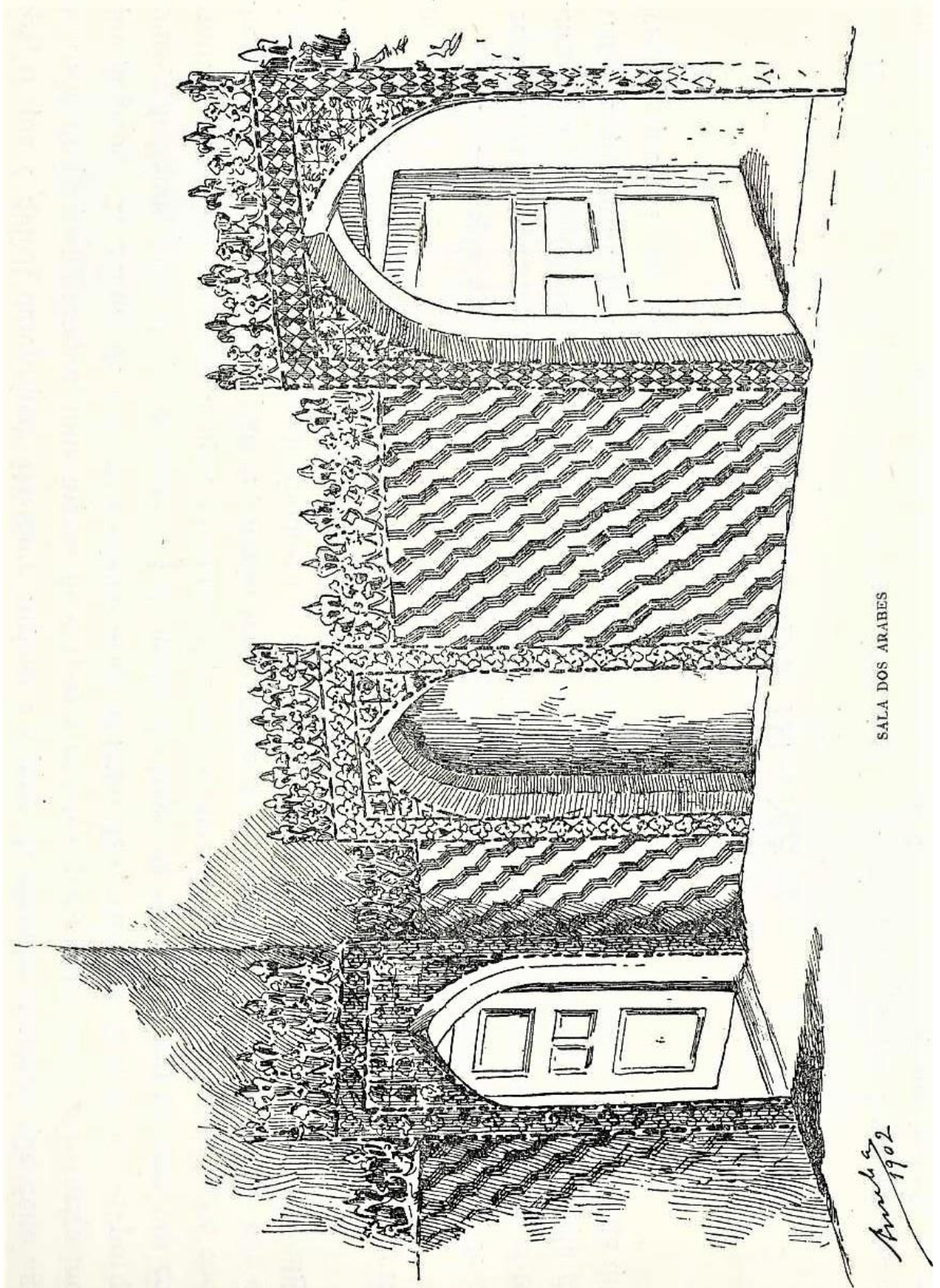
	Páginas	Figuras
O Paço de Sintra	3 a 33	1 a 30
Mes Dessins - Mes Endroits Préférés		
Quadros-Resumo	35 a 42	-
Mes Dessins	43 a 224	31 a 144

O PAÇO DE SINTRA



O PAÇO DE CINTRA

Fig. 1



SALA DOS ARABES

Amadeo
1902

Fig. 2

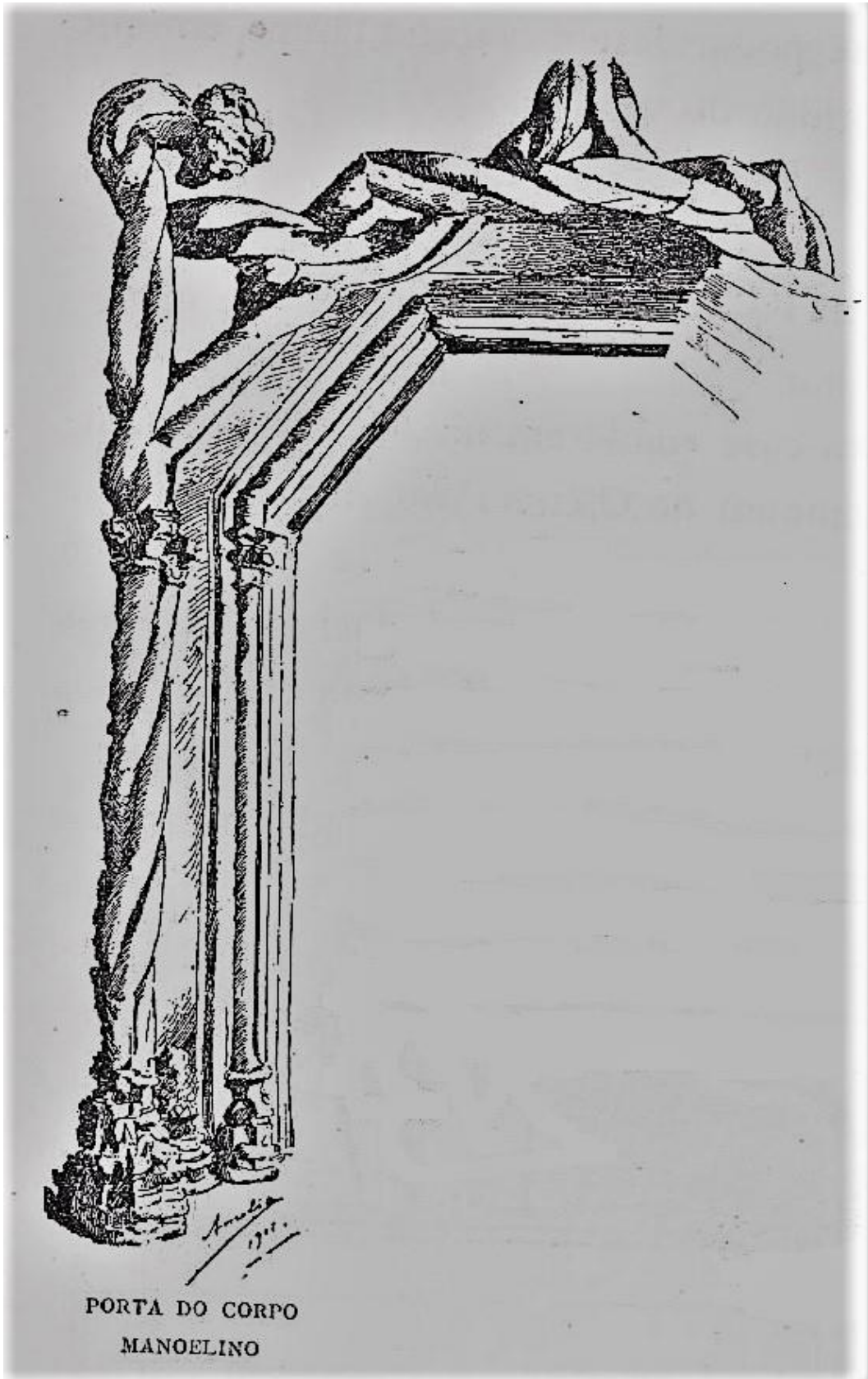
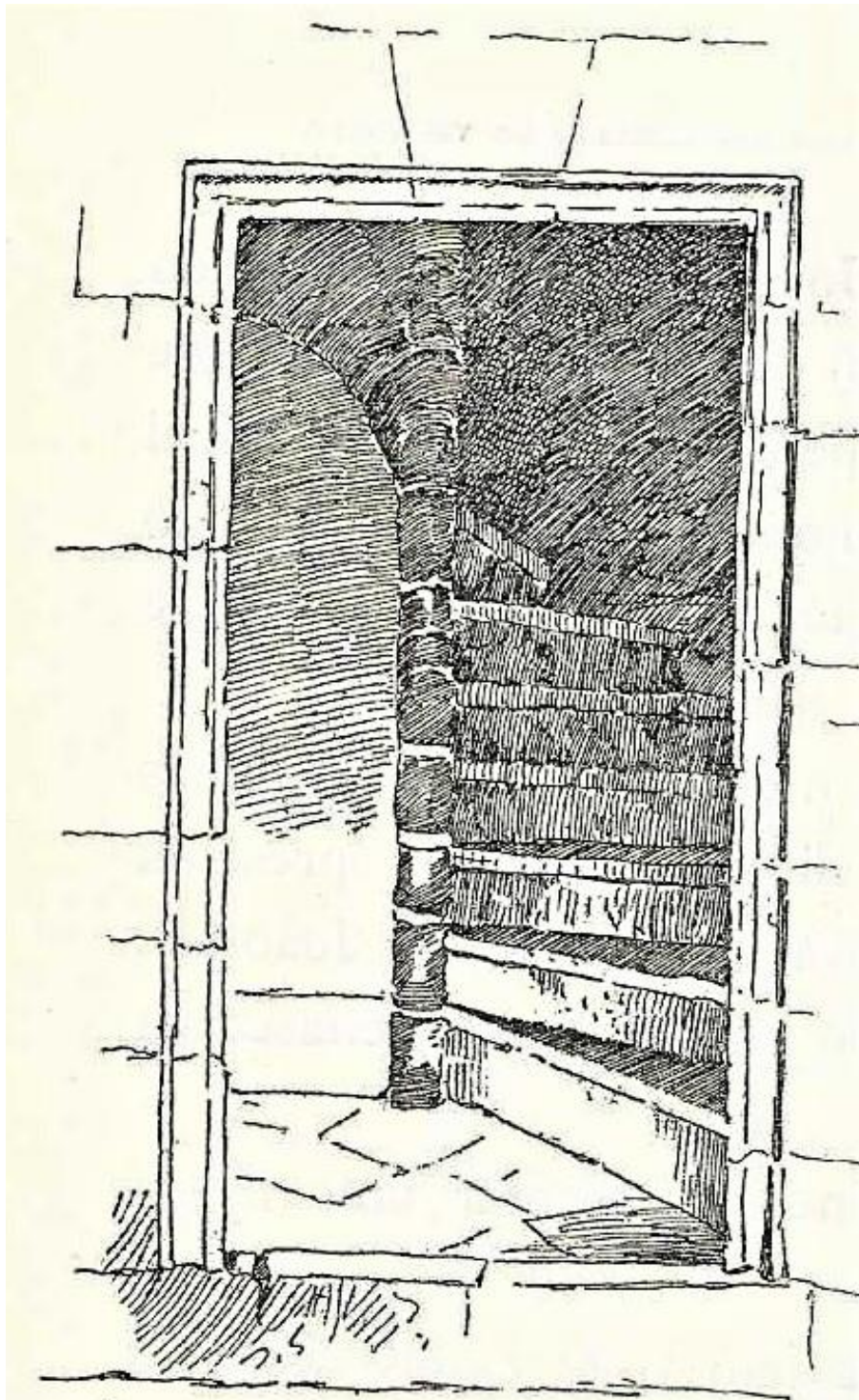


Fig. 3



Amelio
1902

PORTA NO CANTO DO PATEO CENTRAL E ESCADA
QUE LEVA Á SALA DOS ARABES

Fig. 4

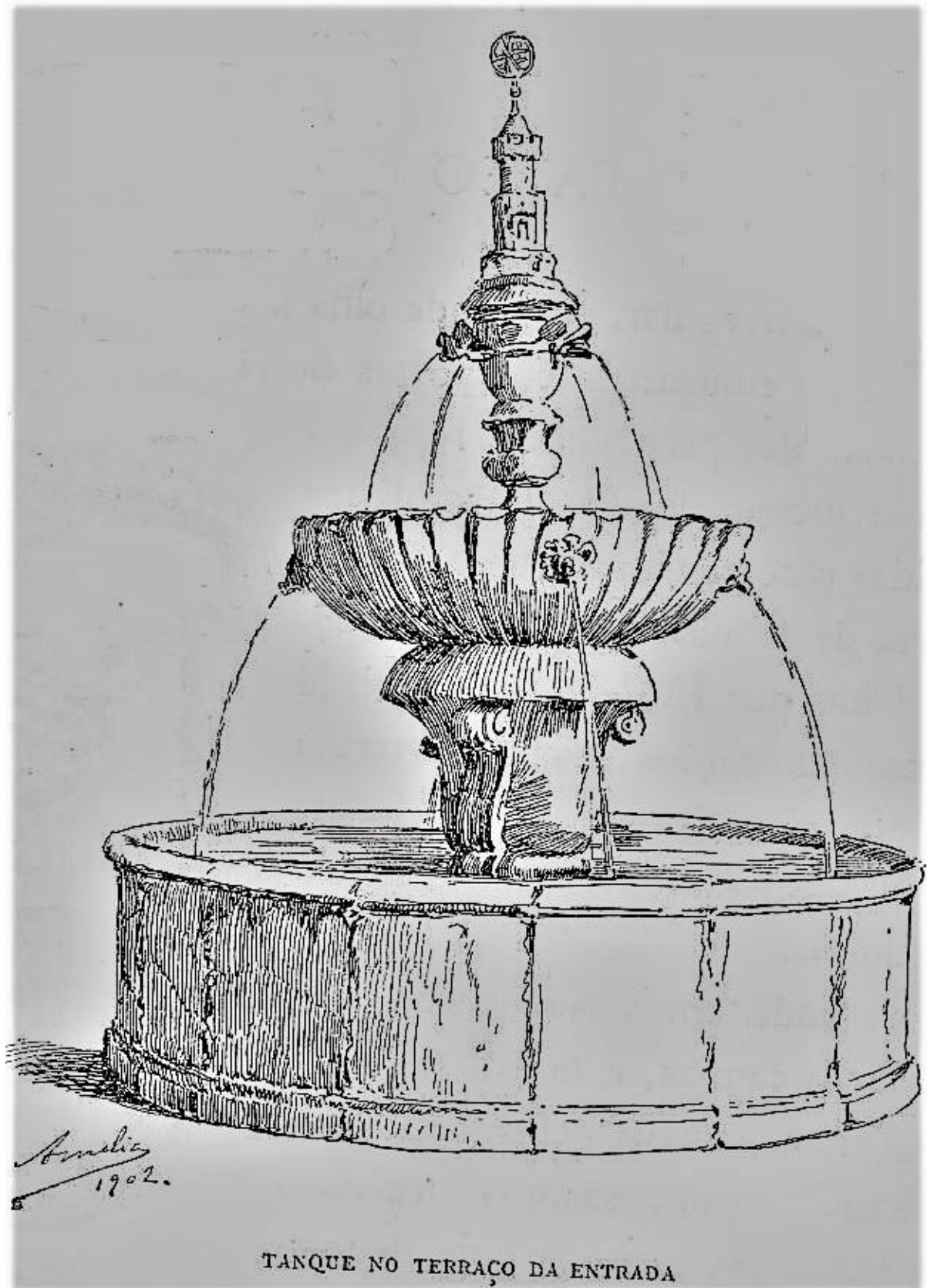
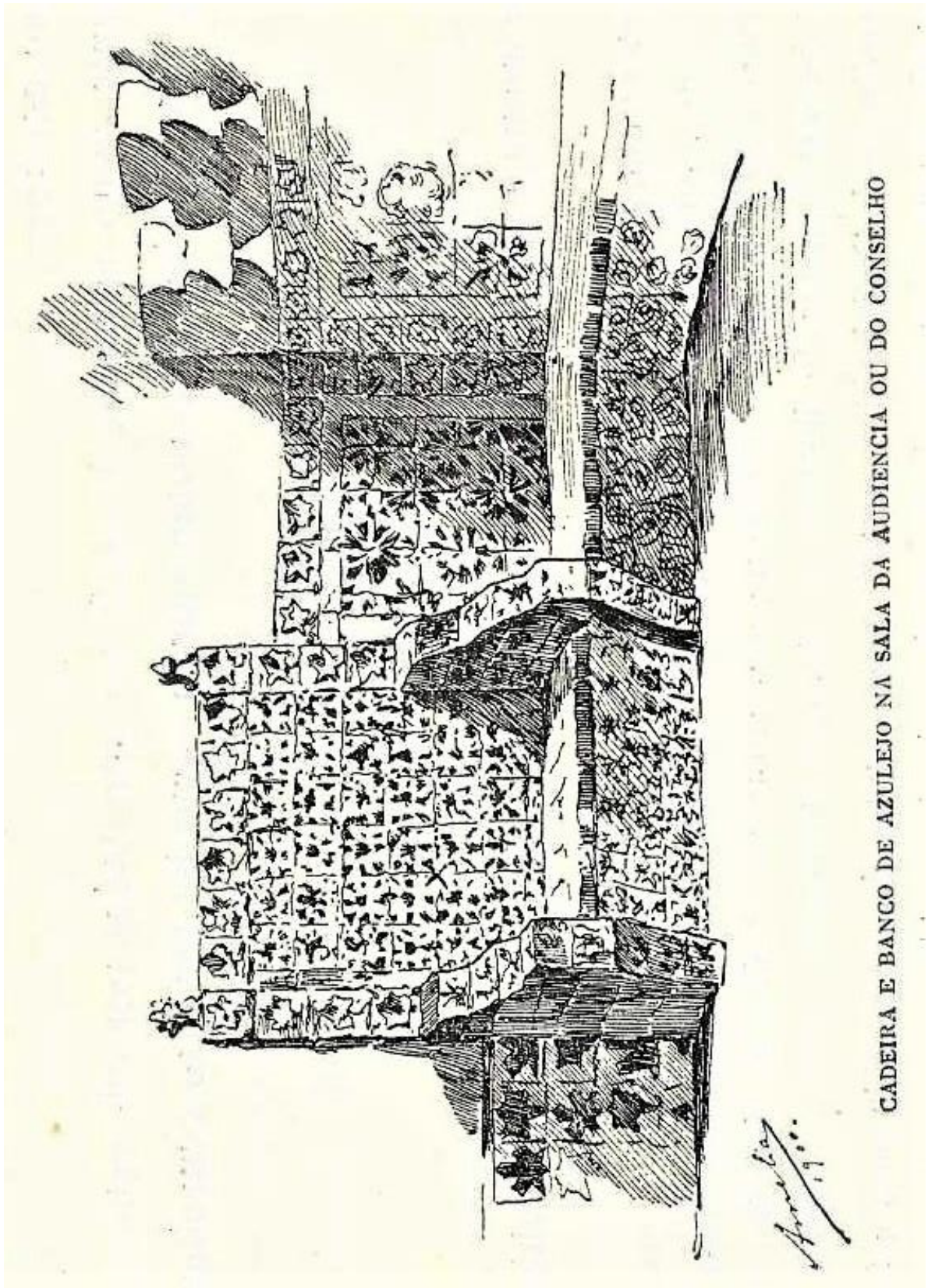


Fig. 5



CADEIRA E BANCO DE AZULEJO NA SALA DA AUDIENCIA OU DO CONSELHO

Fig. 6

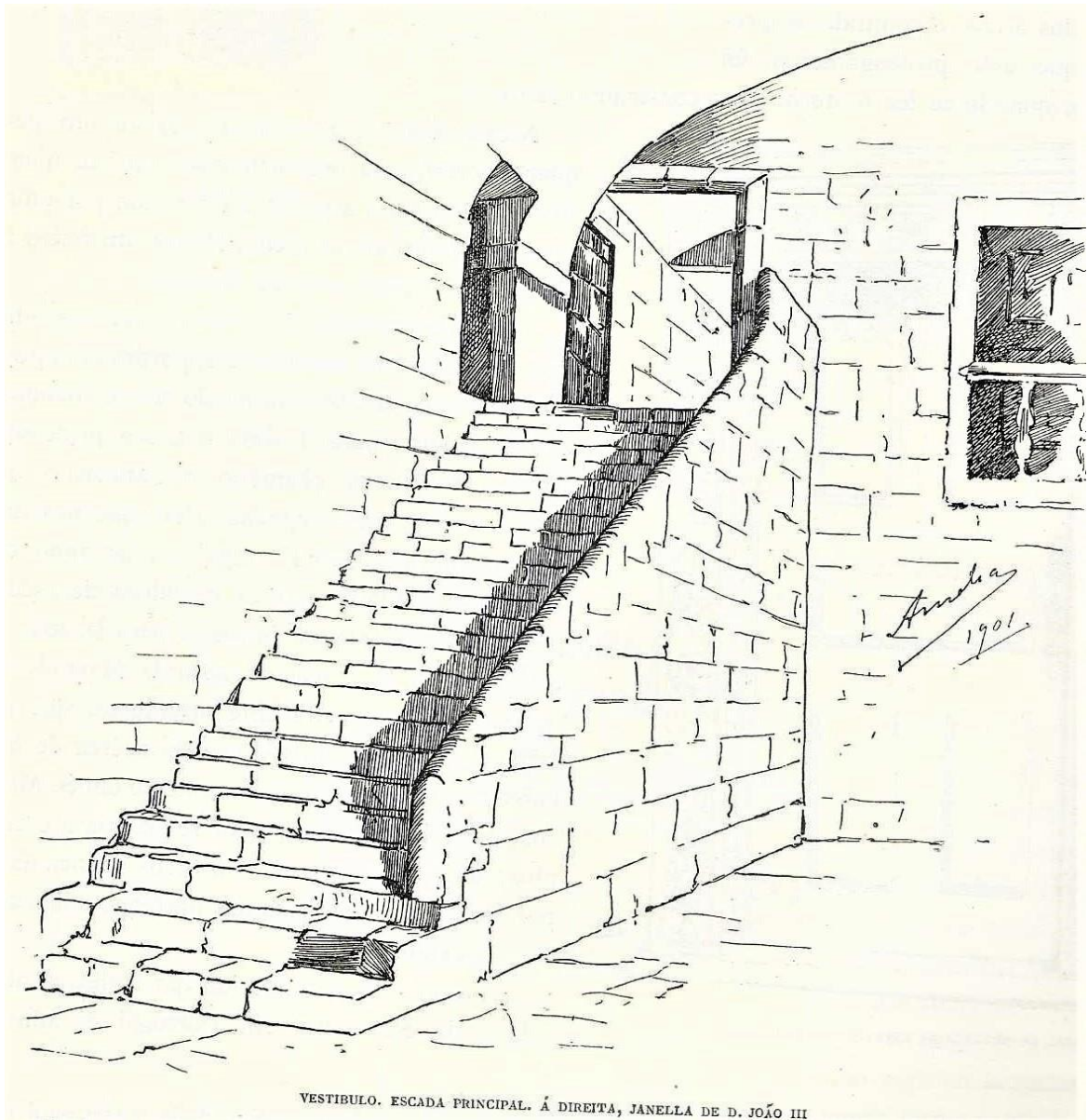


Fig. 7



CHAMINÉS DA COZINHA

Fig. 8

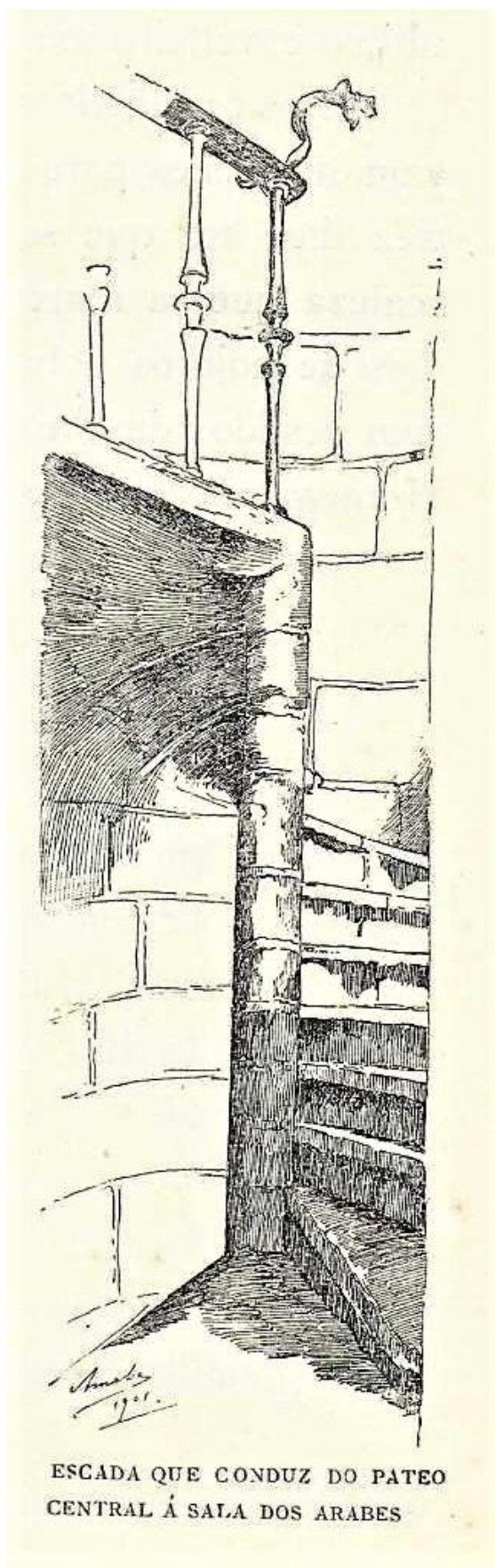


Fig. 9

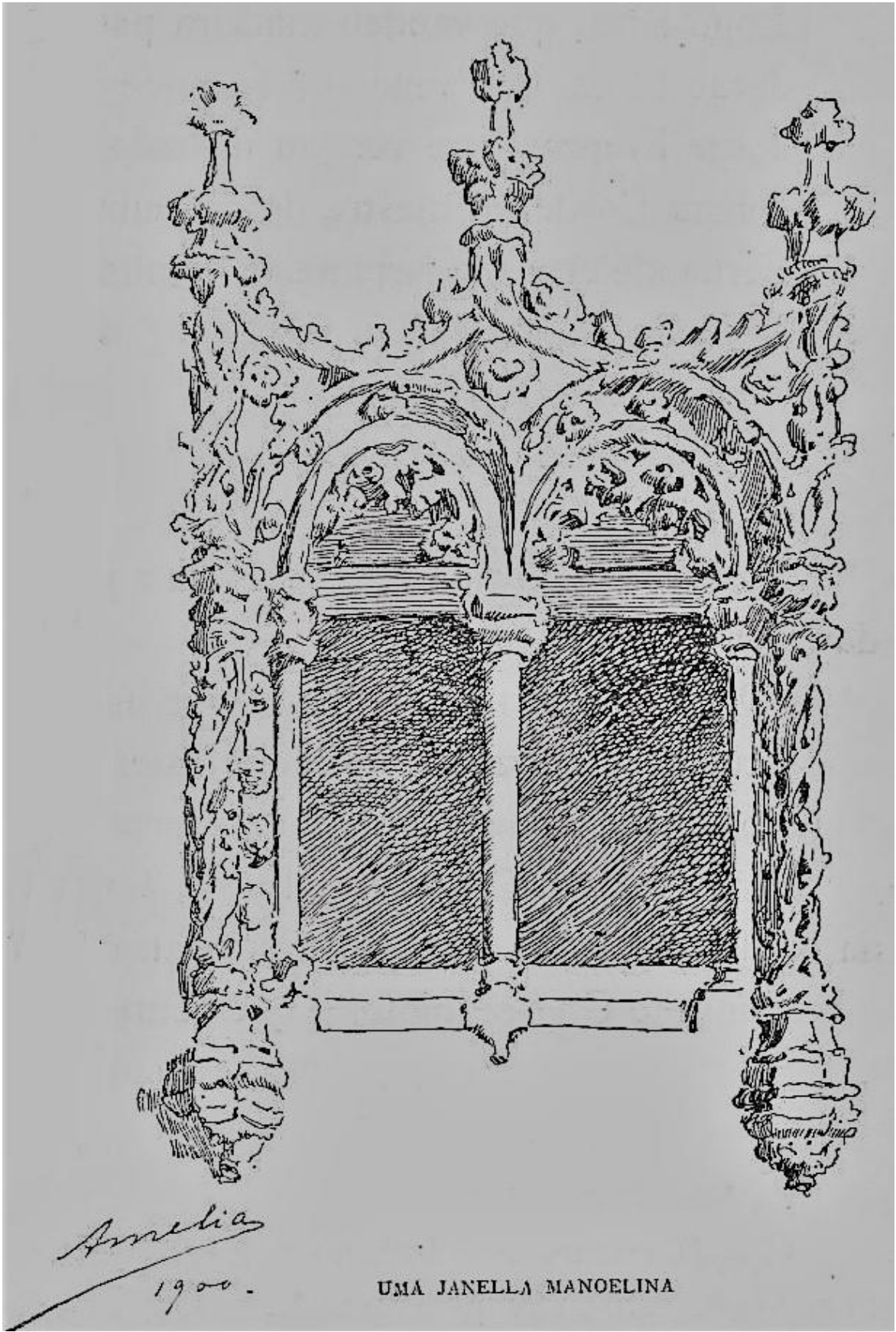


Fig. 10



Fig. 11

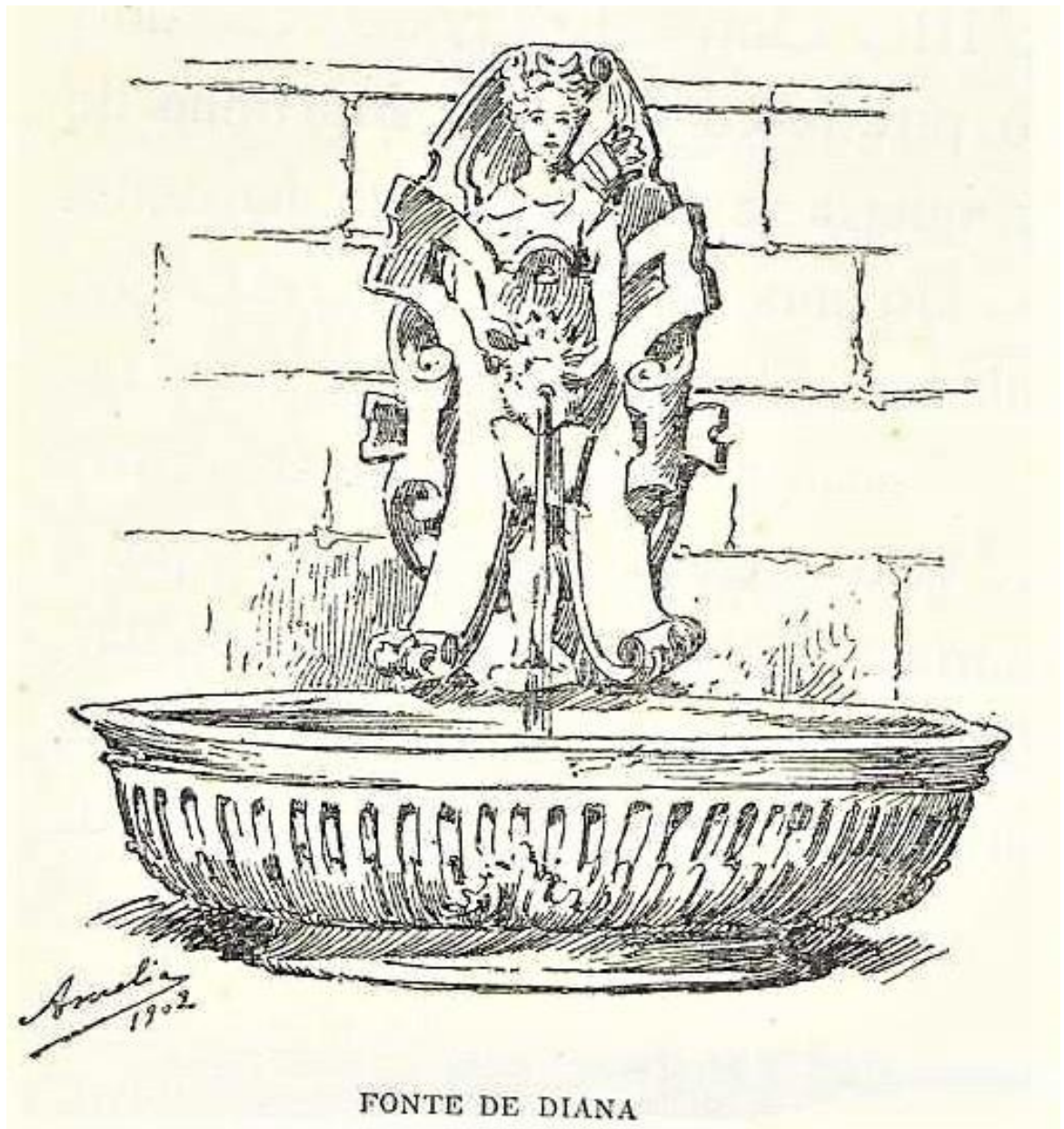
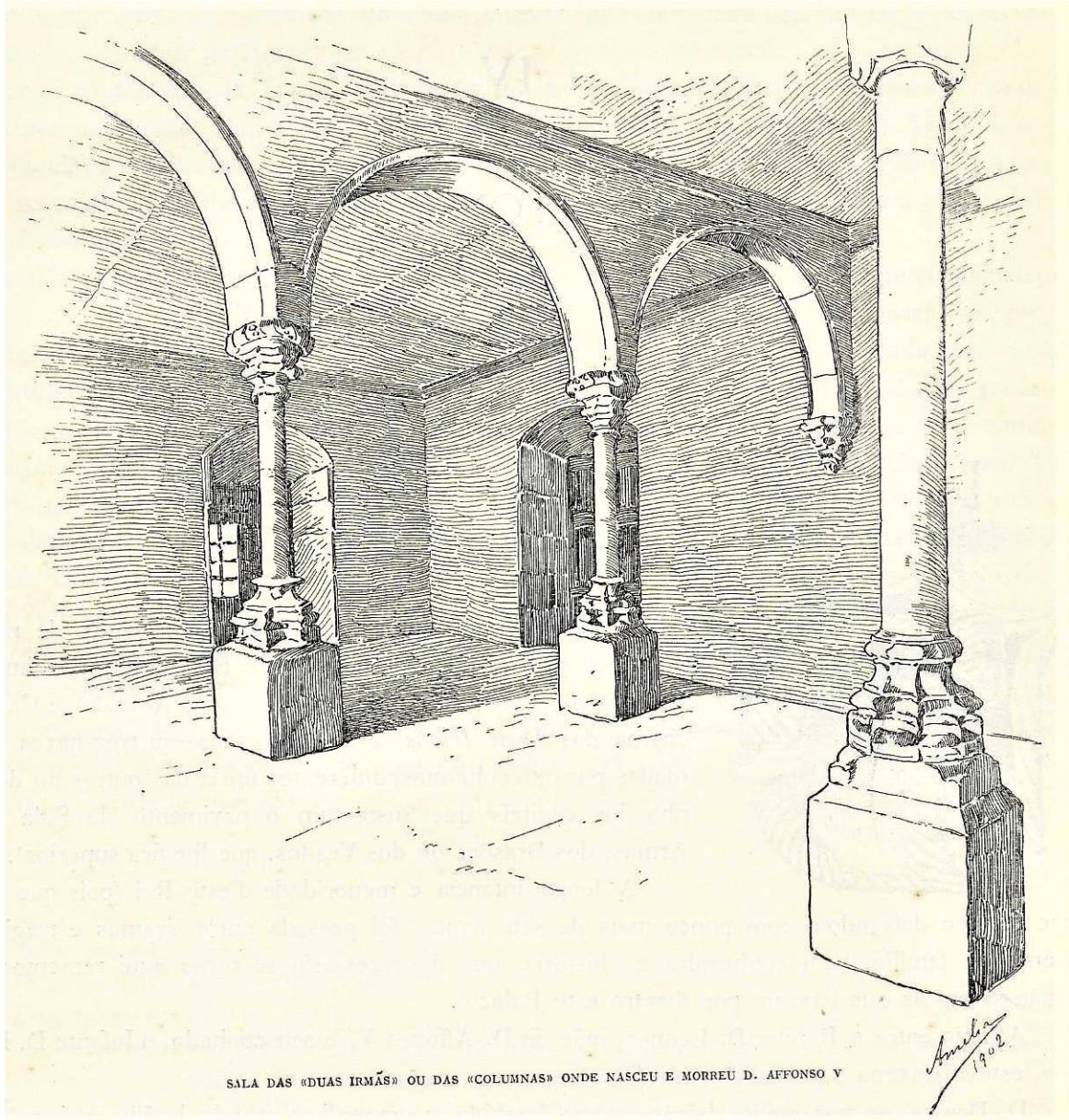


Fig. 12



SALA DAS «DUAS IRMÃS» OU DAS «COLUMNAS» ONDE NASCEU E MORREU D. AFFONSO V

Fig. 13

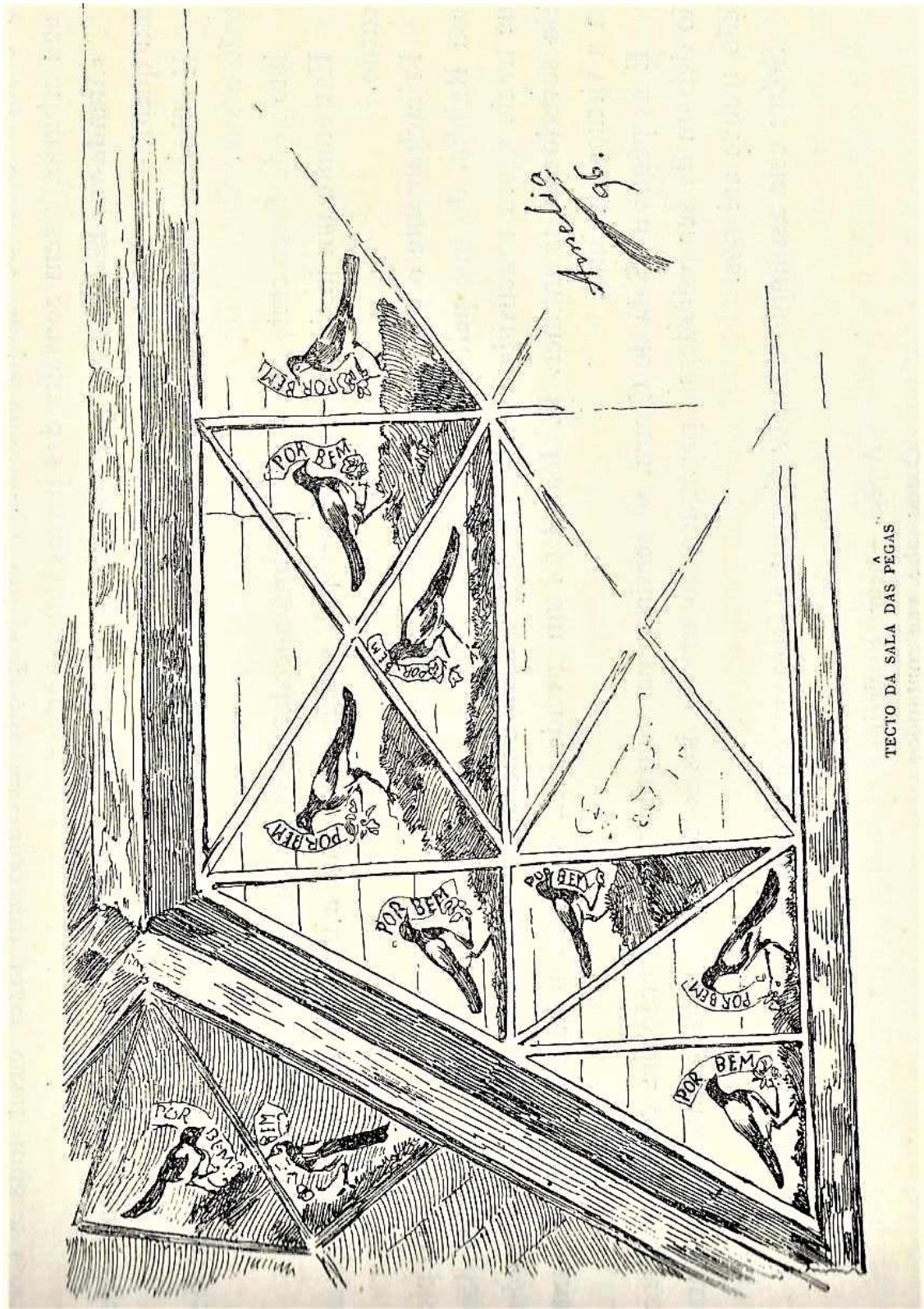


Fig. 14

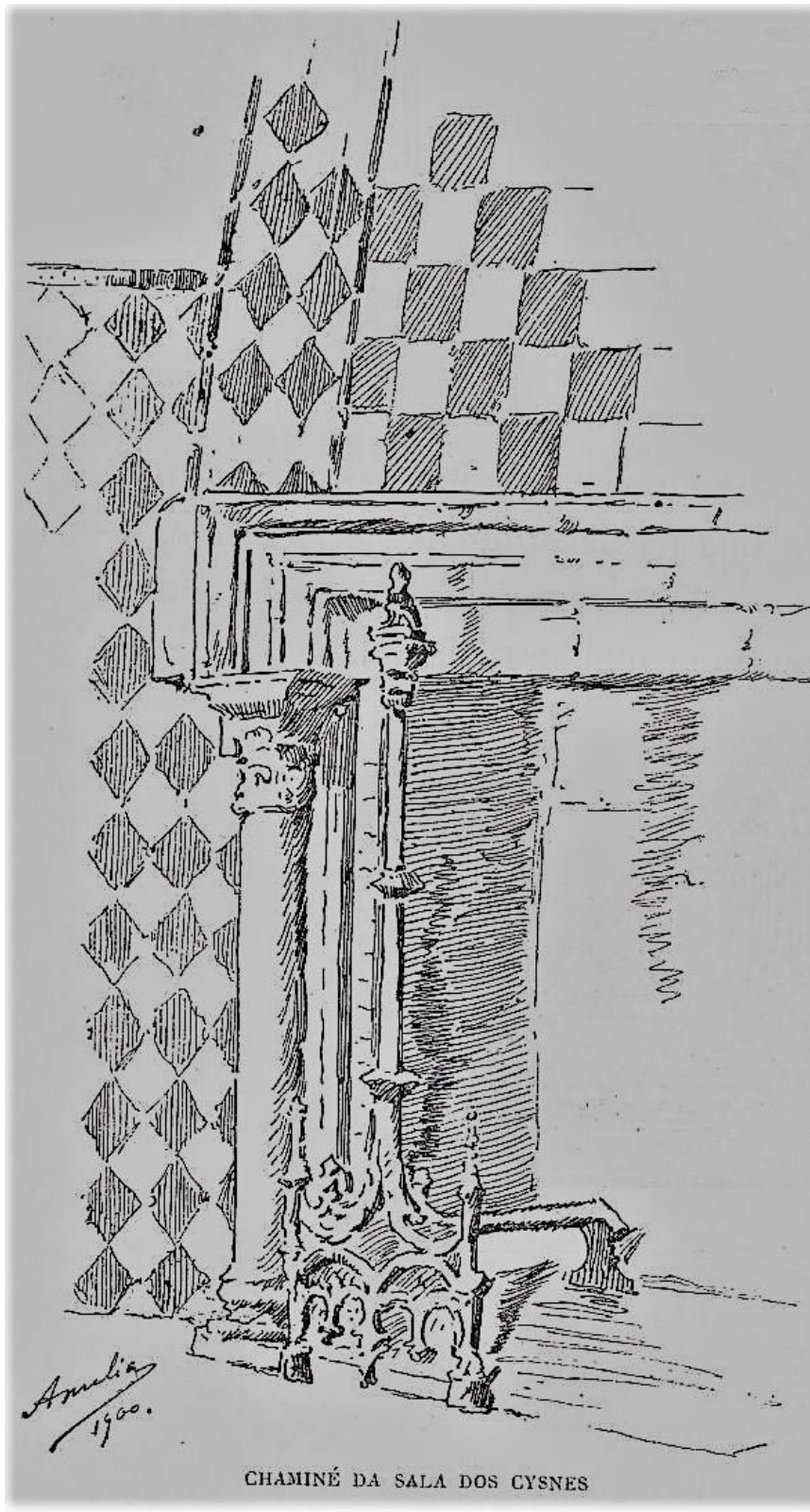


Fig. 15

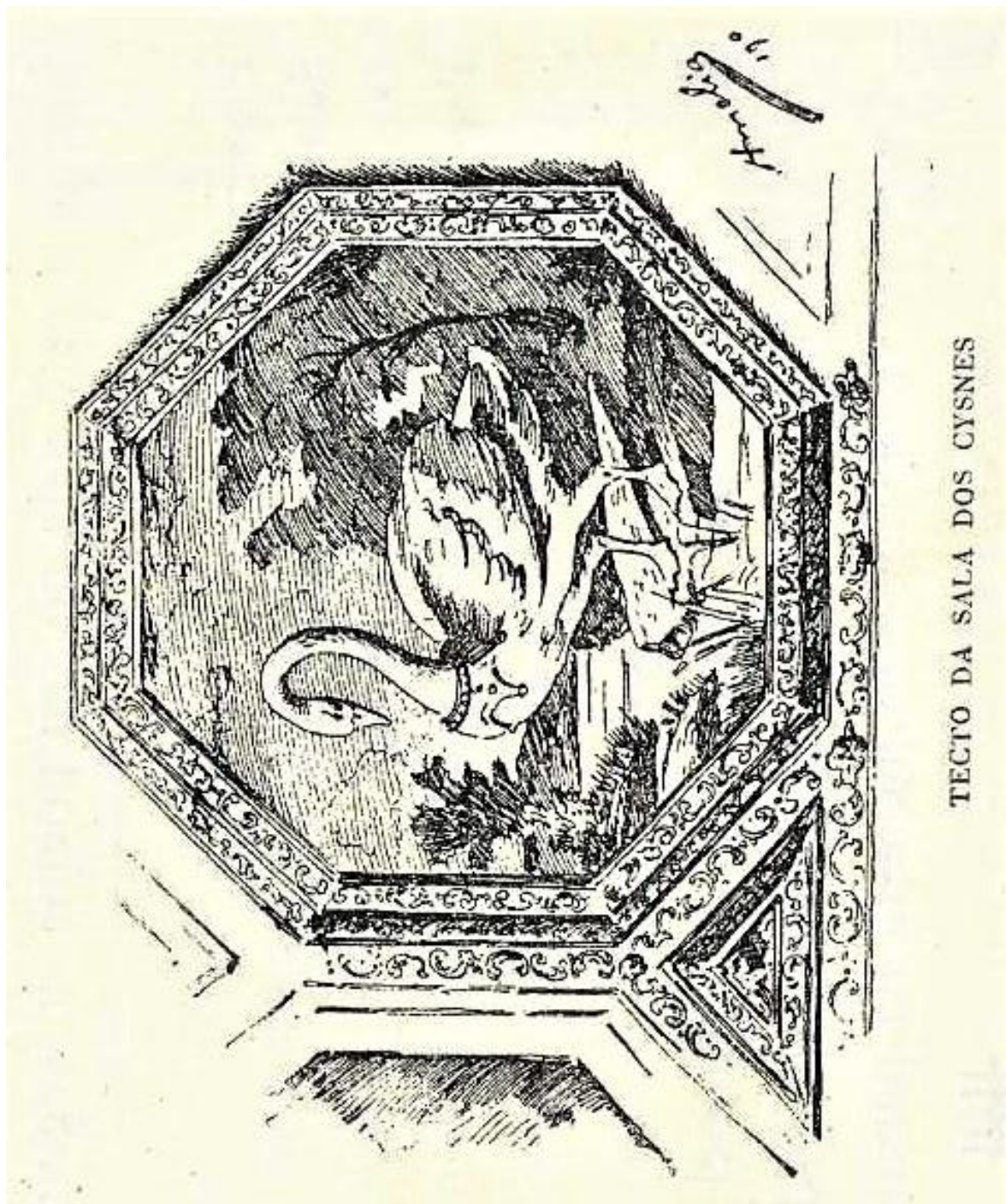


Fig. 16

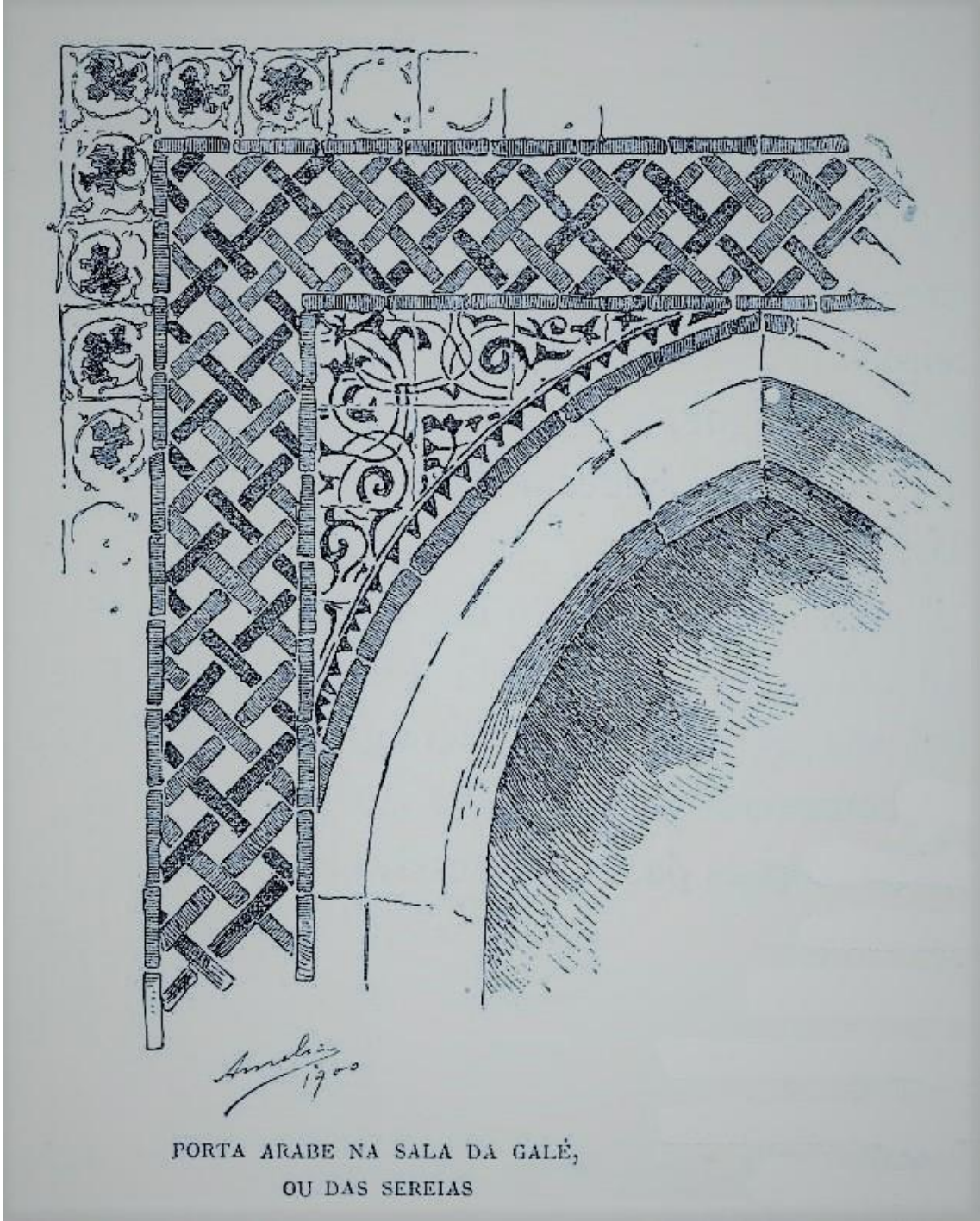
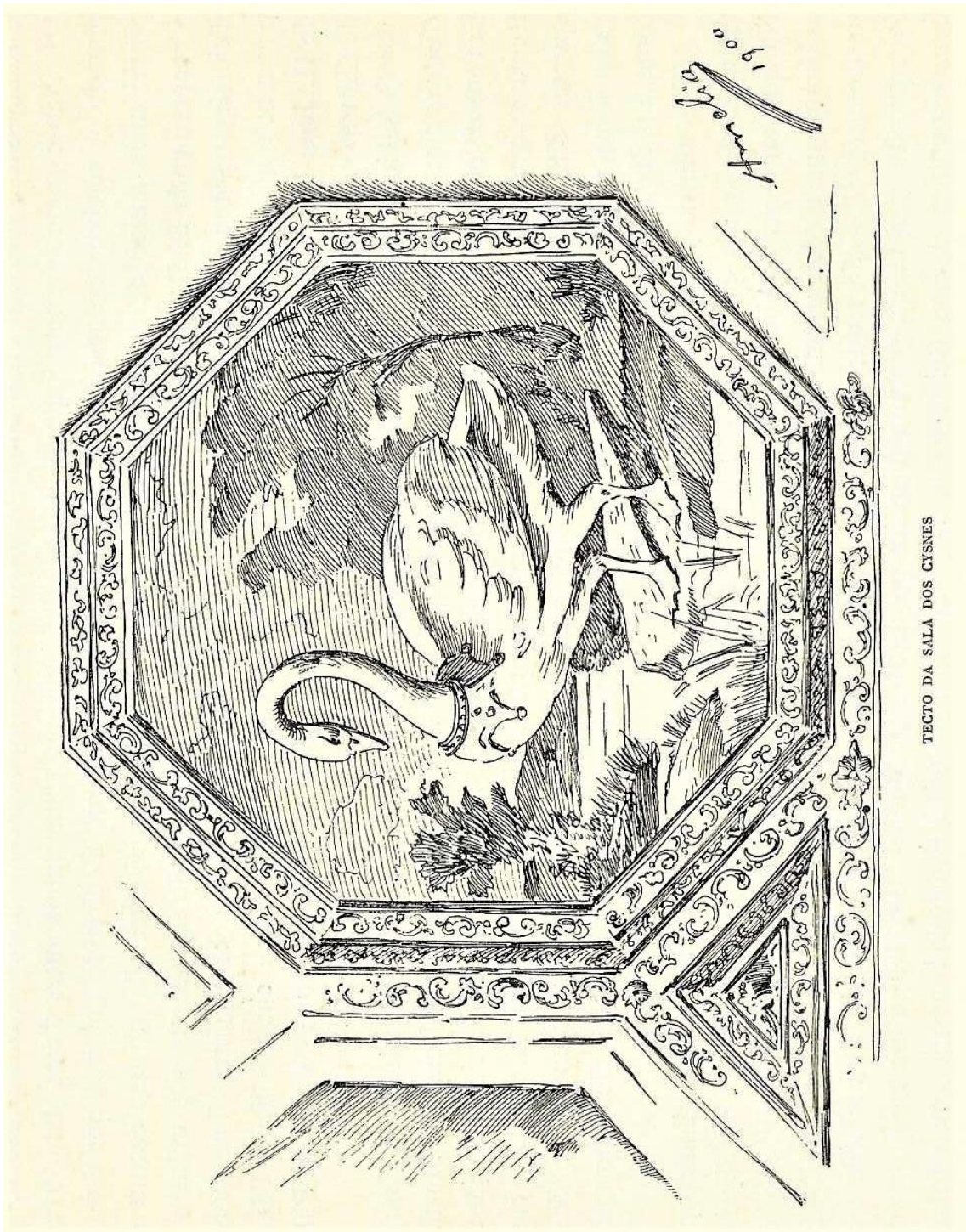


Fig. 17



TECTO DA SALA DOS CYSNES

Fig. 18

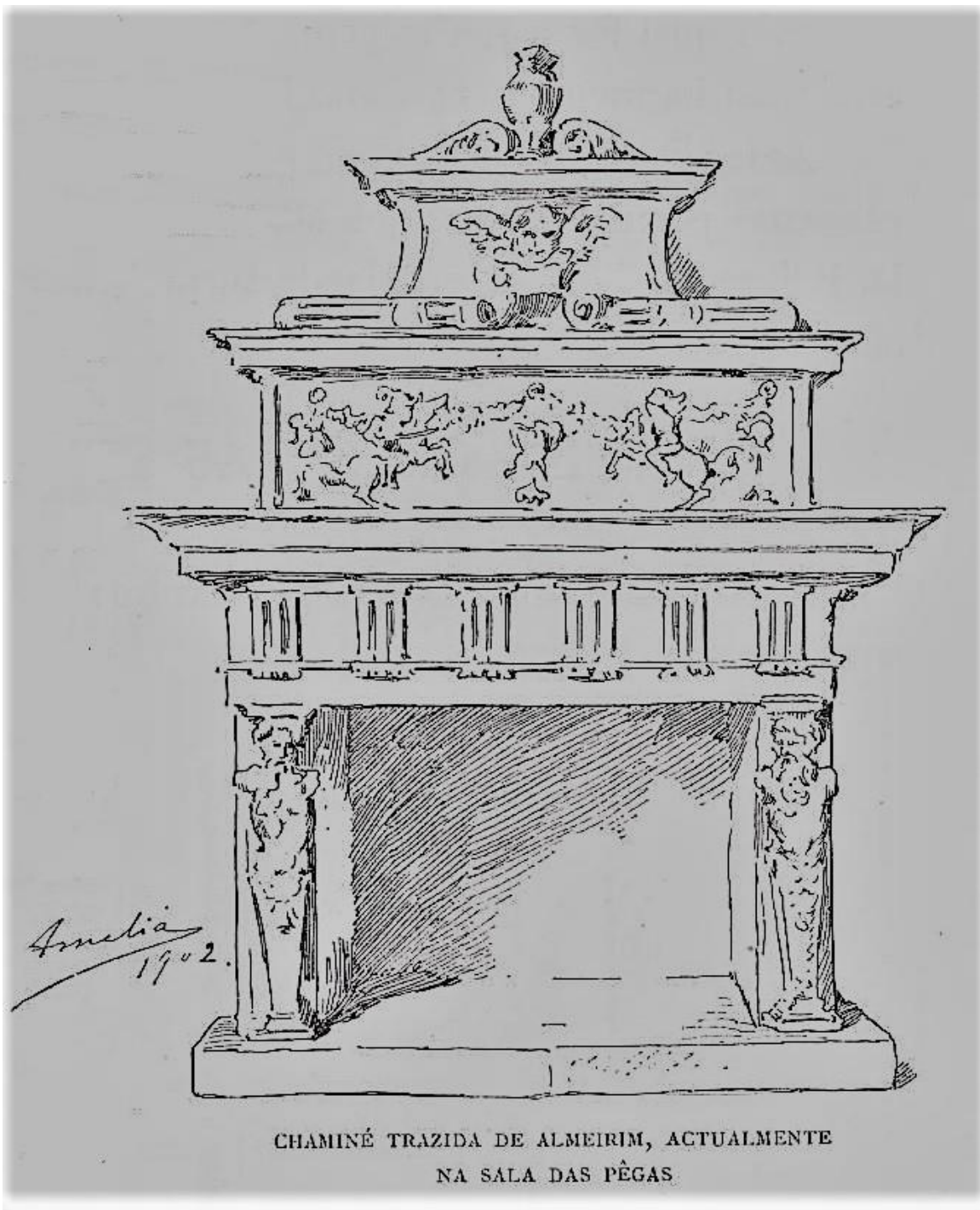


Fig. 19

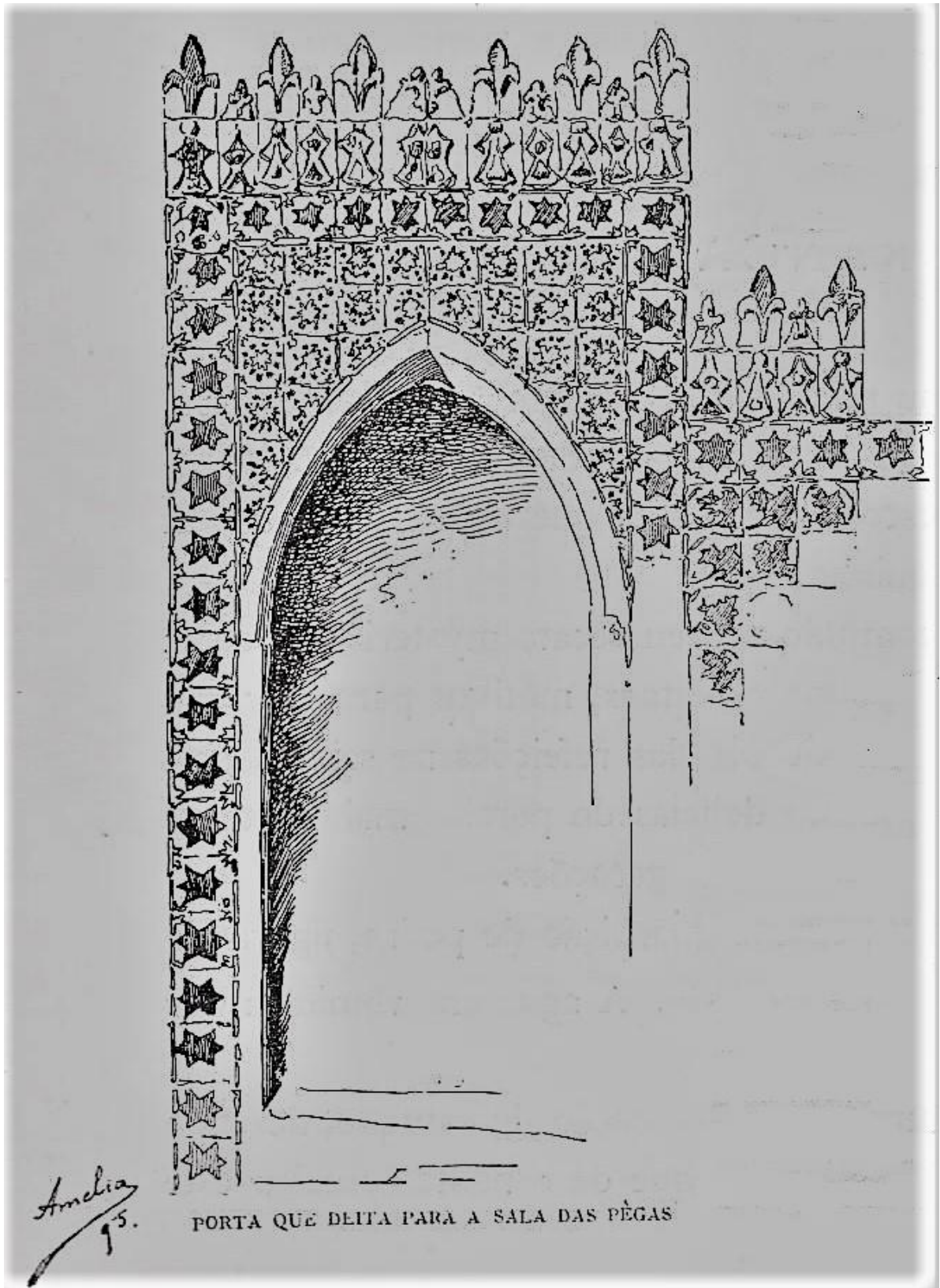


Fig. 20

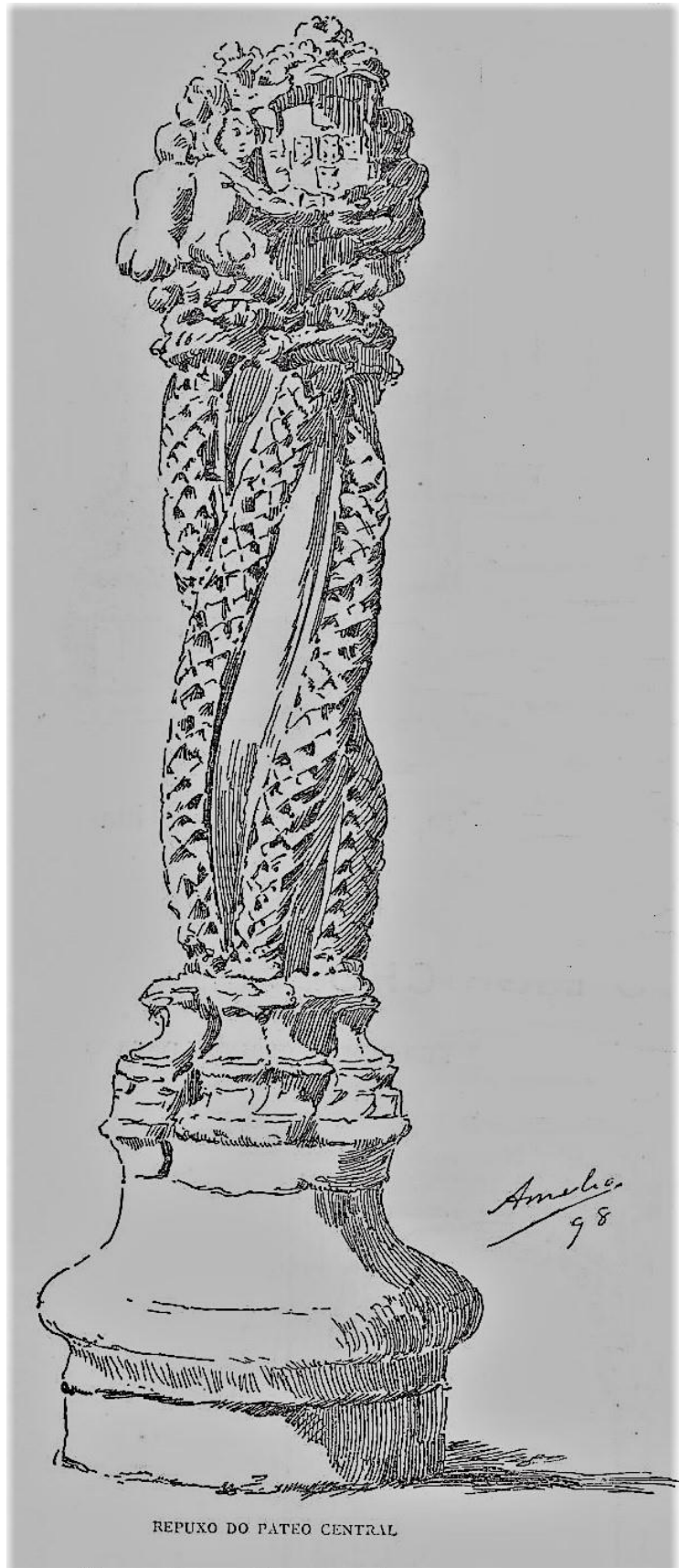
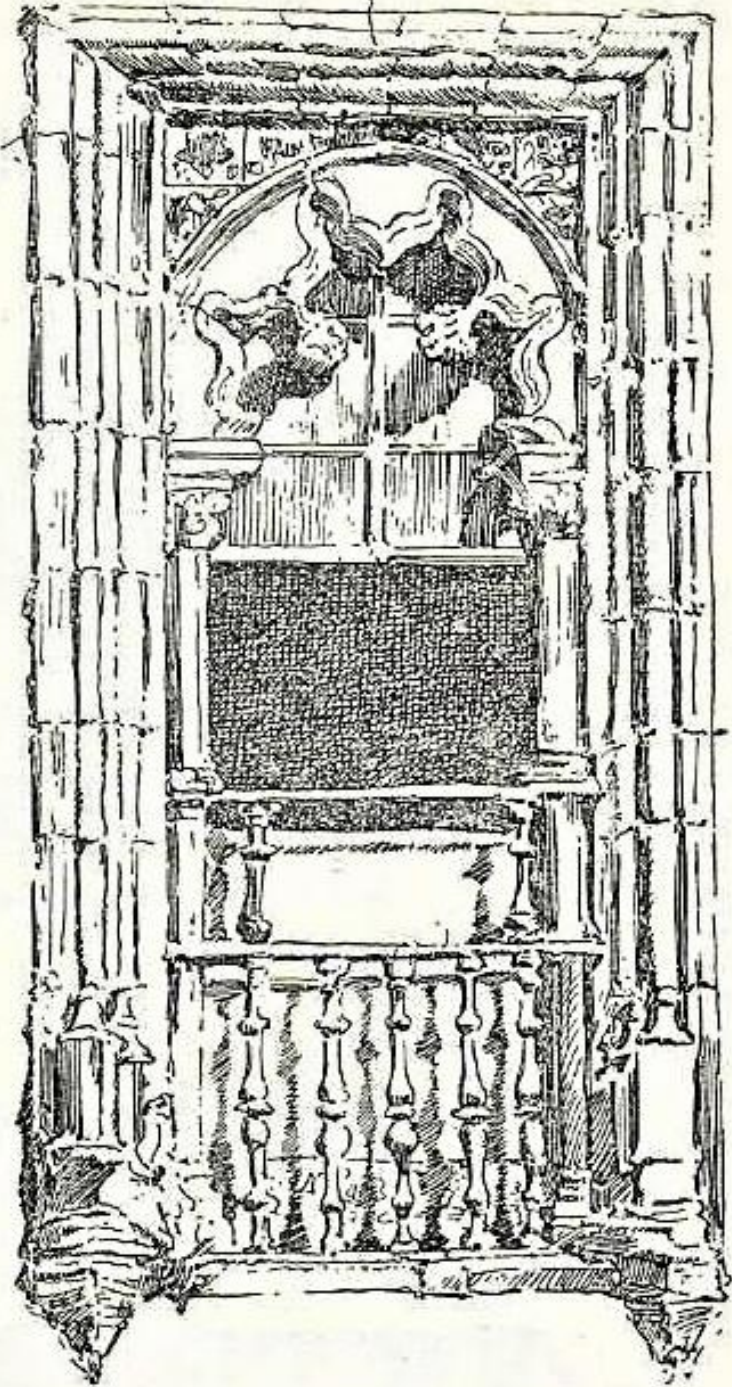


Fig. 21



Amelia
99.

JANELLA NO PATEO
DE DIANA

Fig. 22

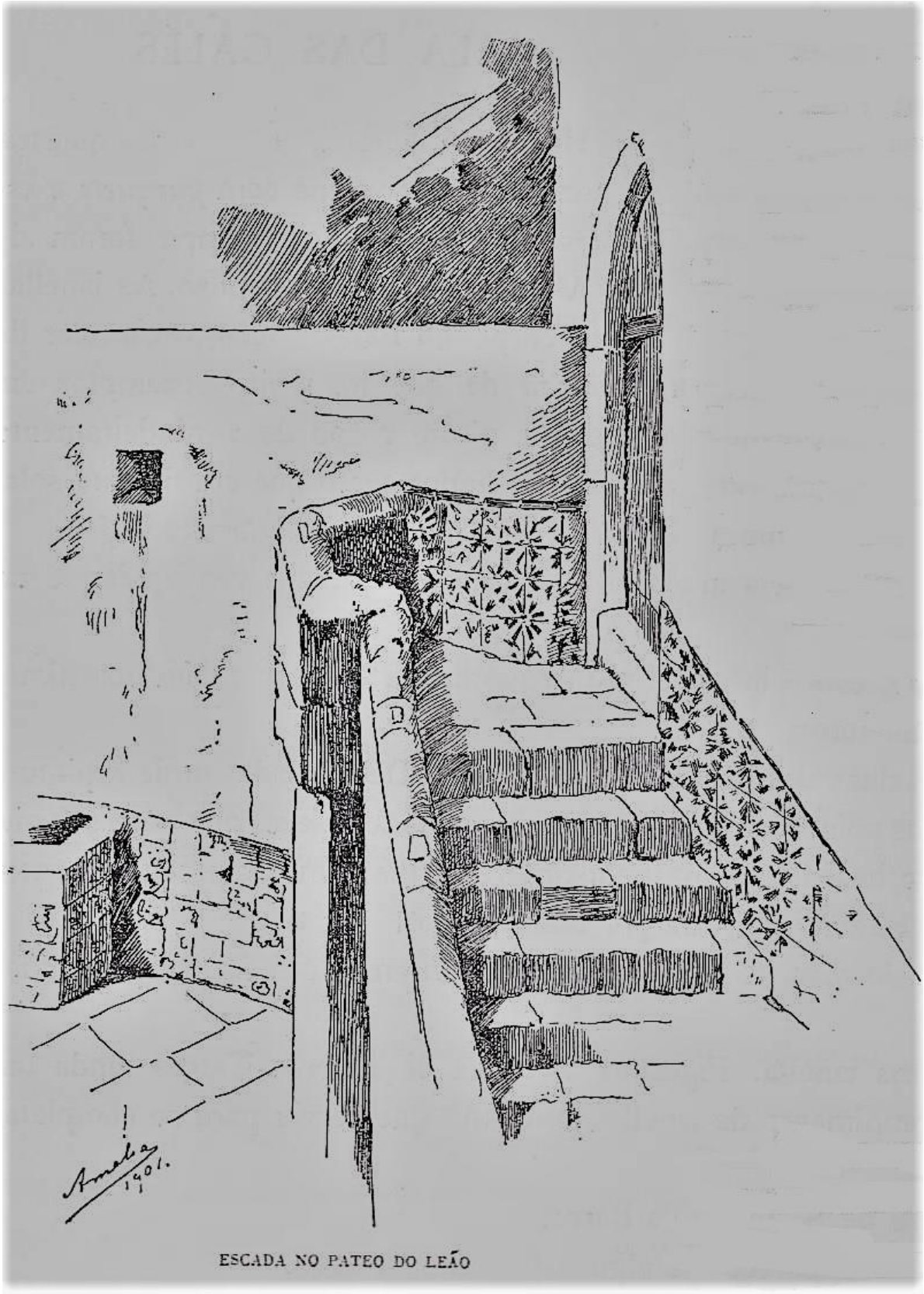
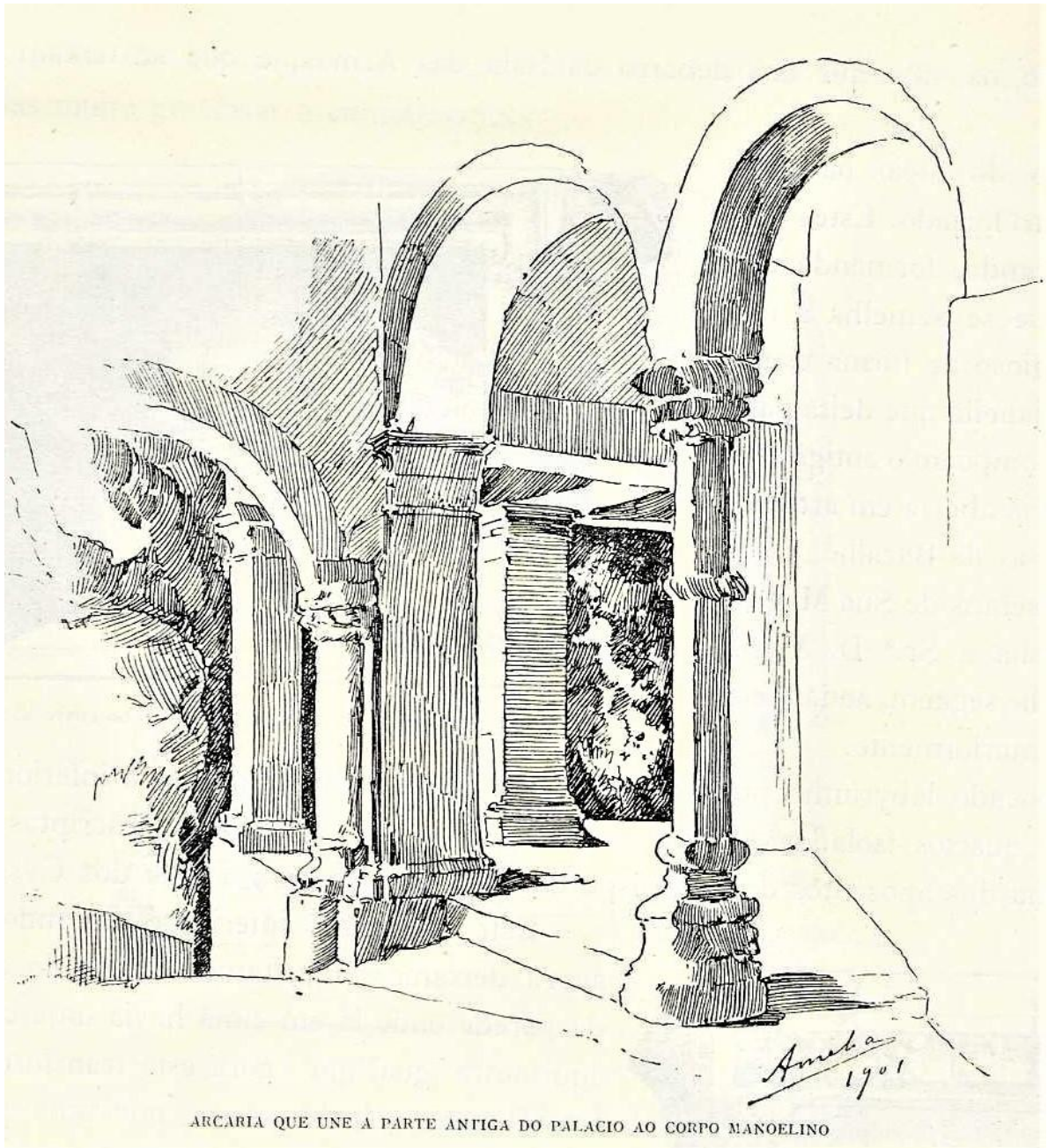


Fig. 23



ARCARIA QUE UNE A PARTE ANTIGA DO PALACIO AO CORPO MANOELINO

Fig. 24

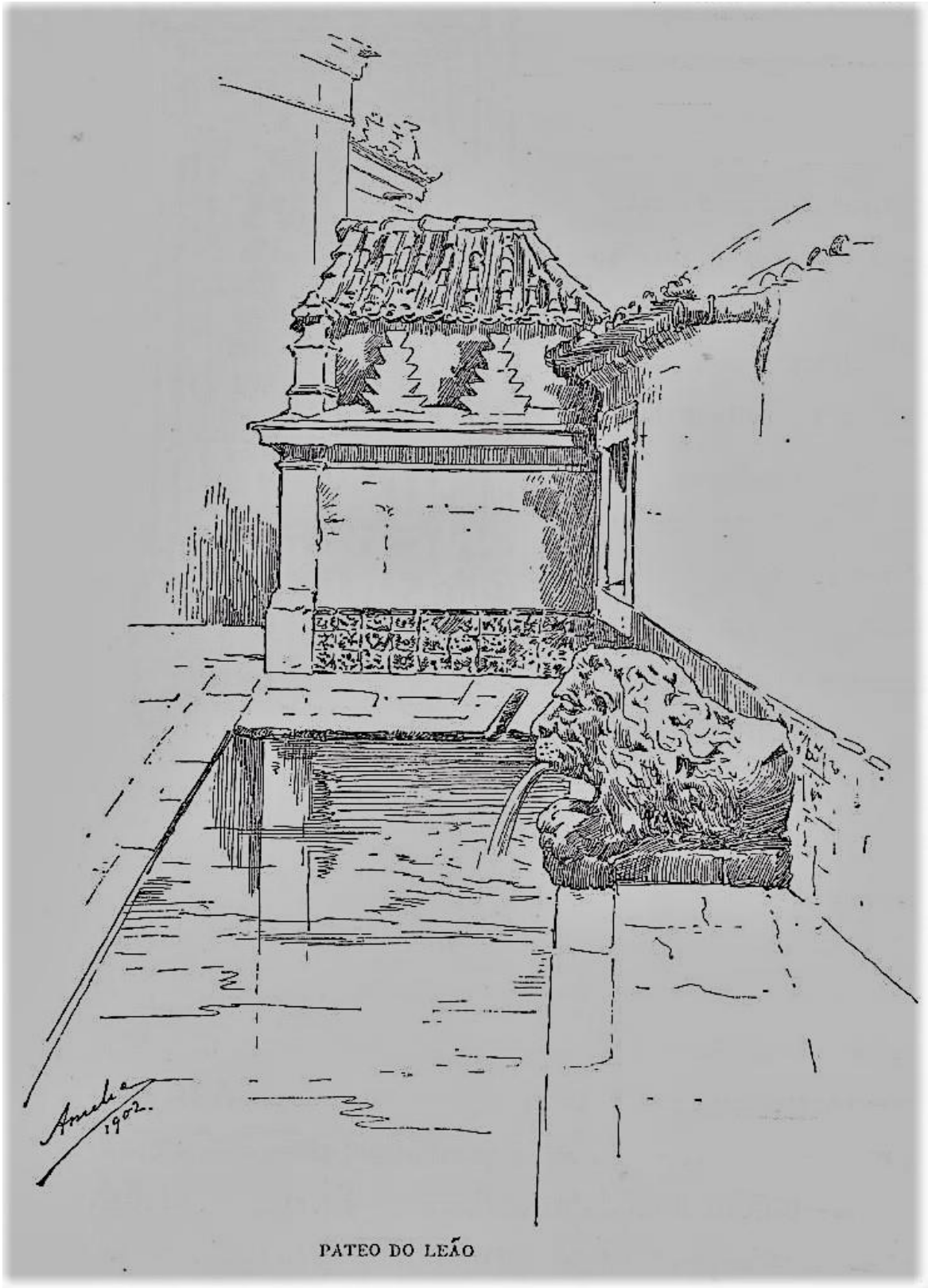


Fig. 25

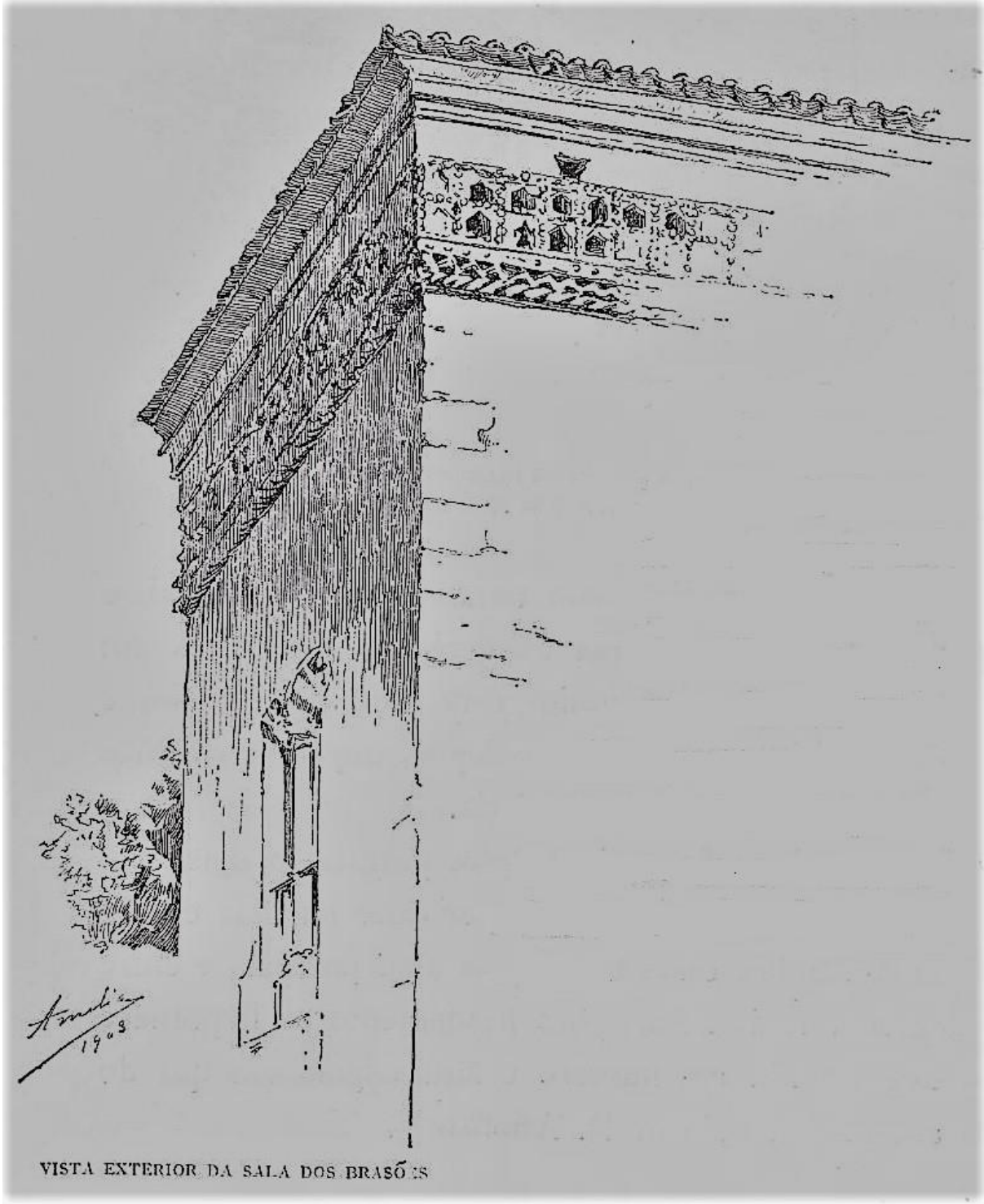


Fig. 26

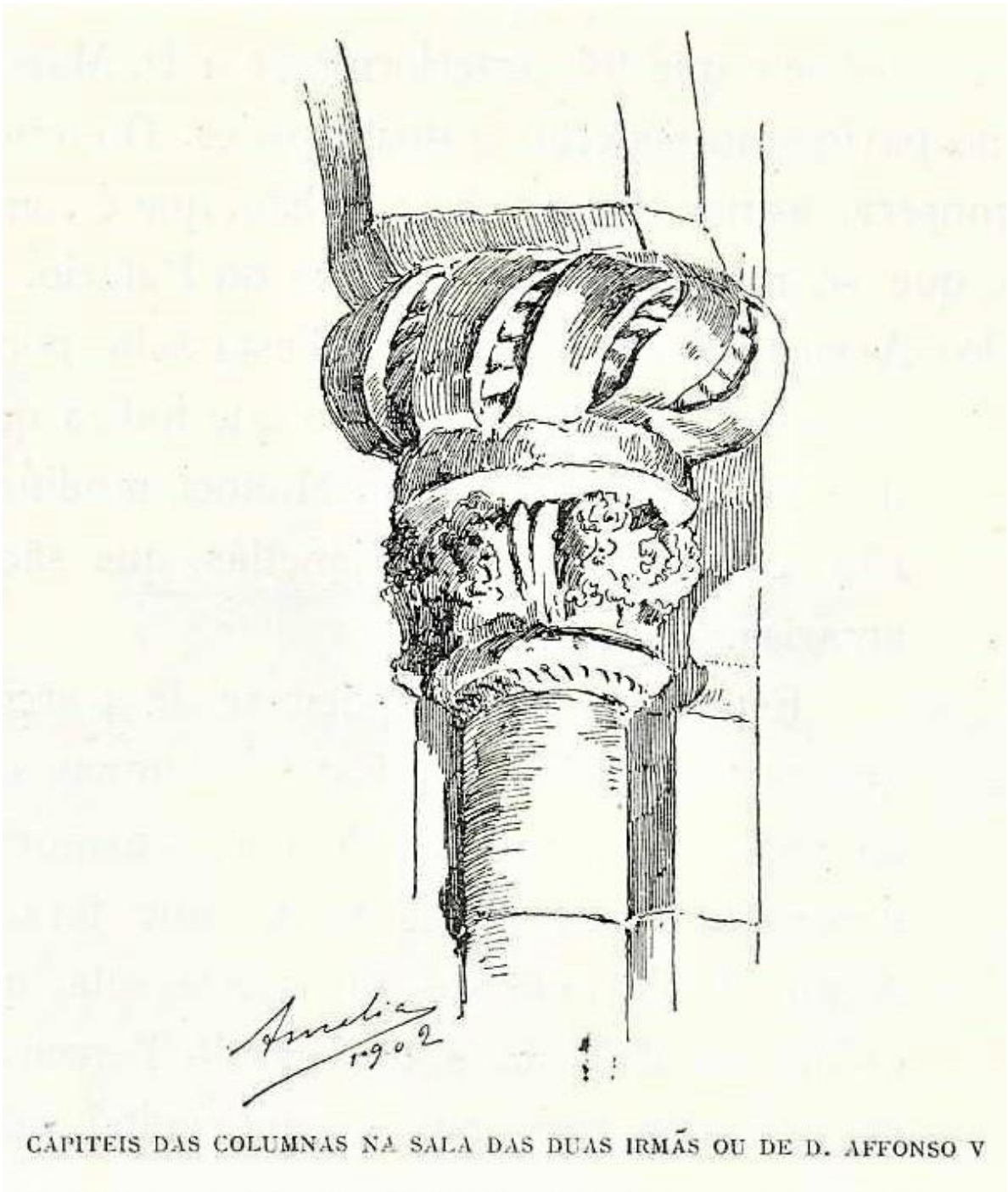
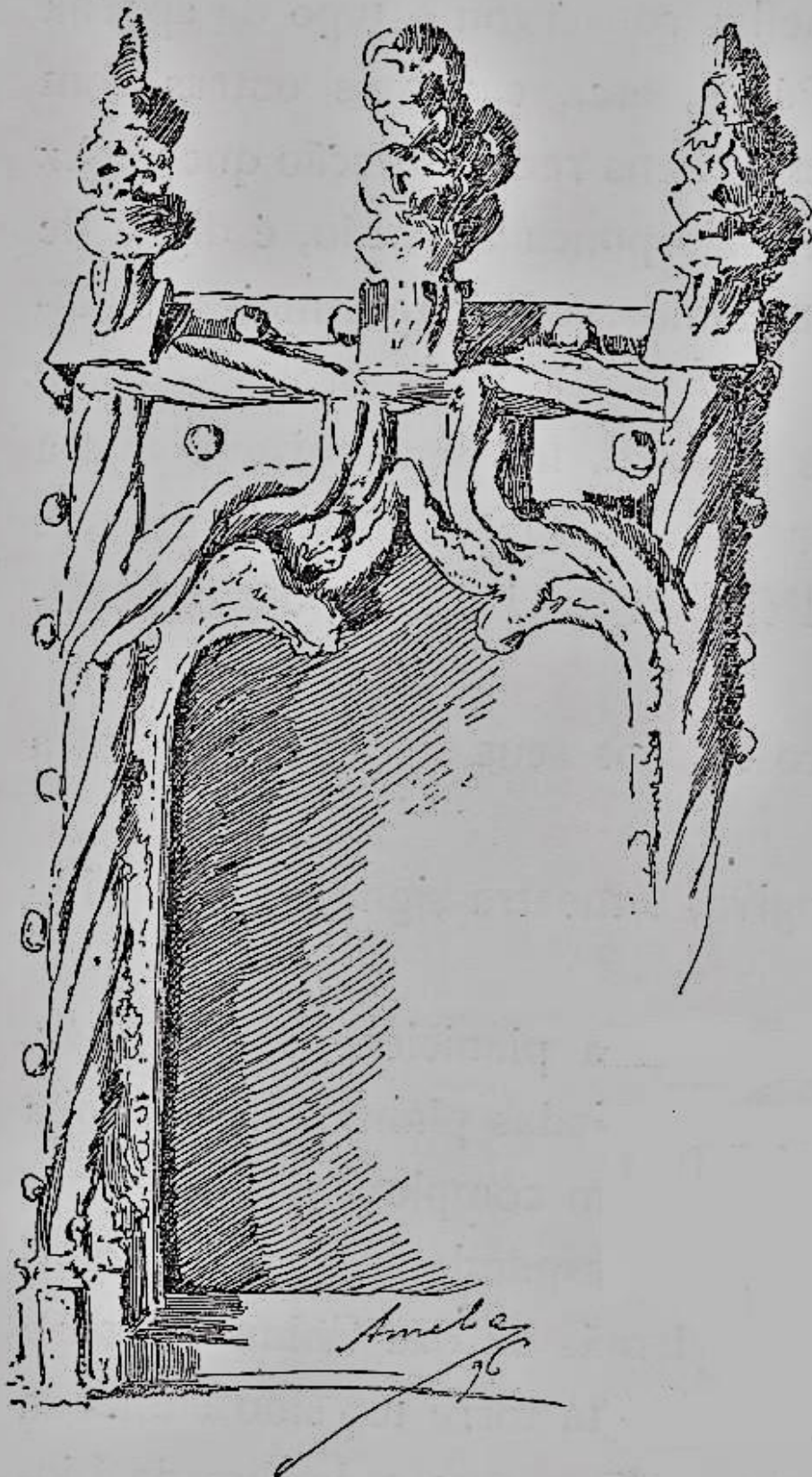


Fig. 27



PORTA DA SALA DOS BRASÕES

Fig. 28

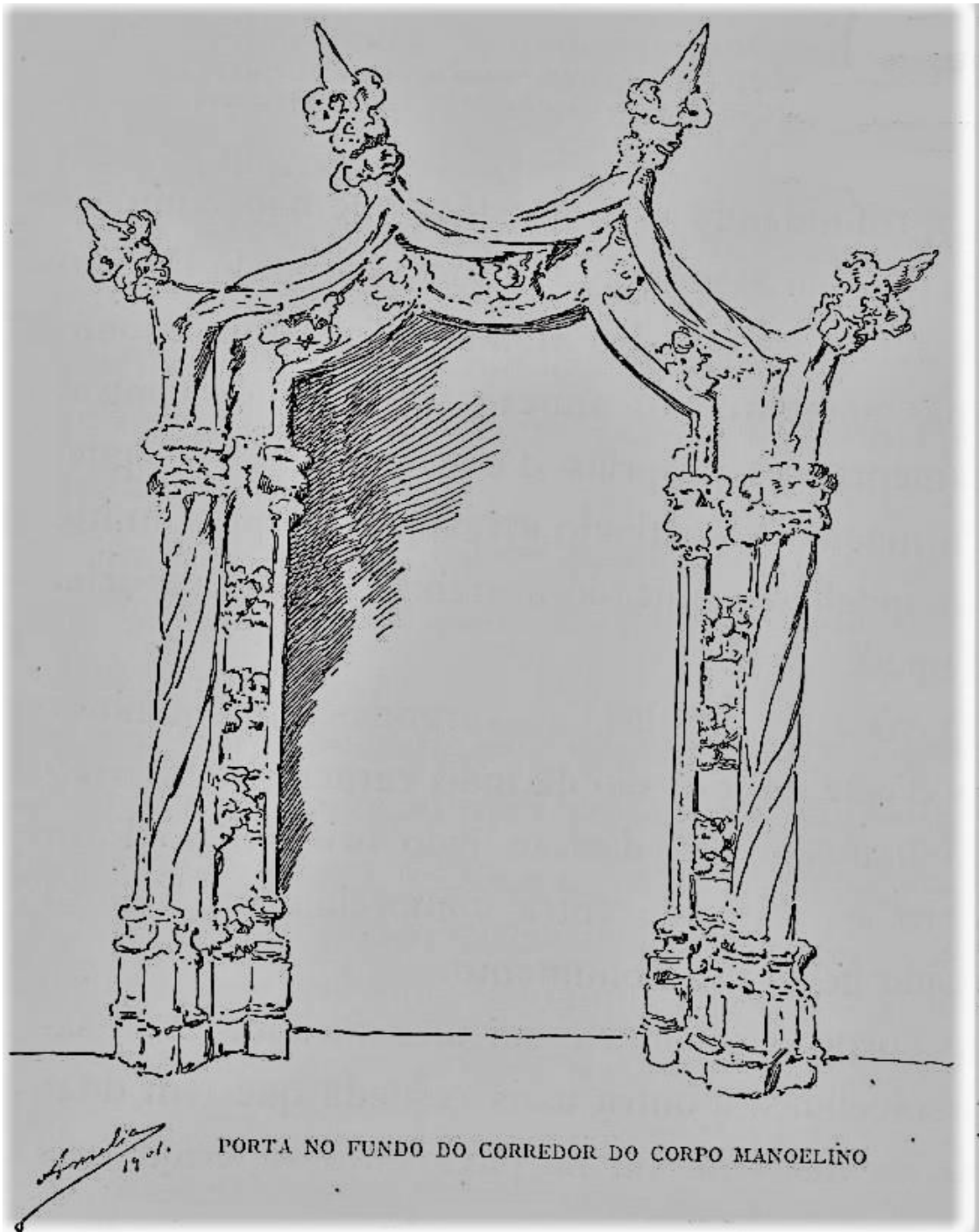


Fig. 29

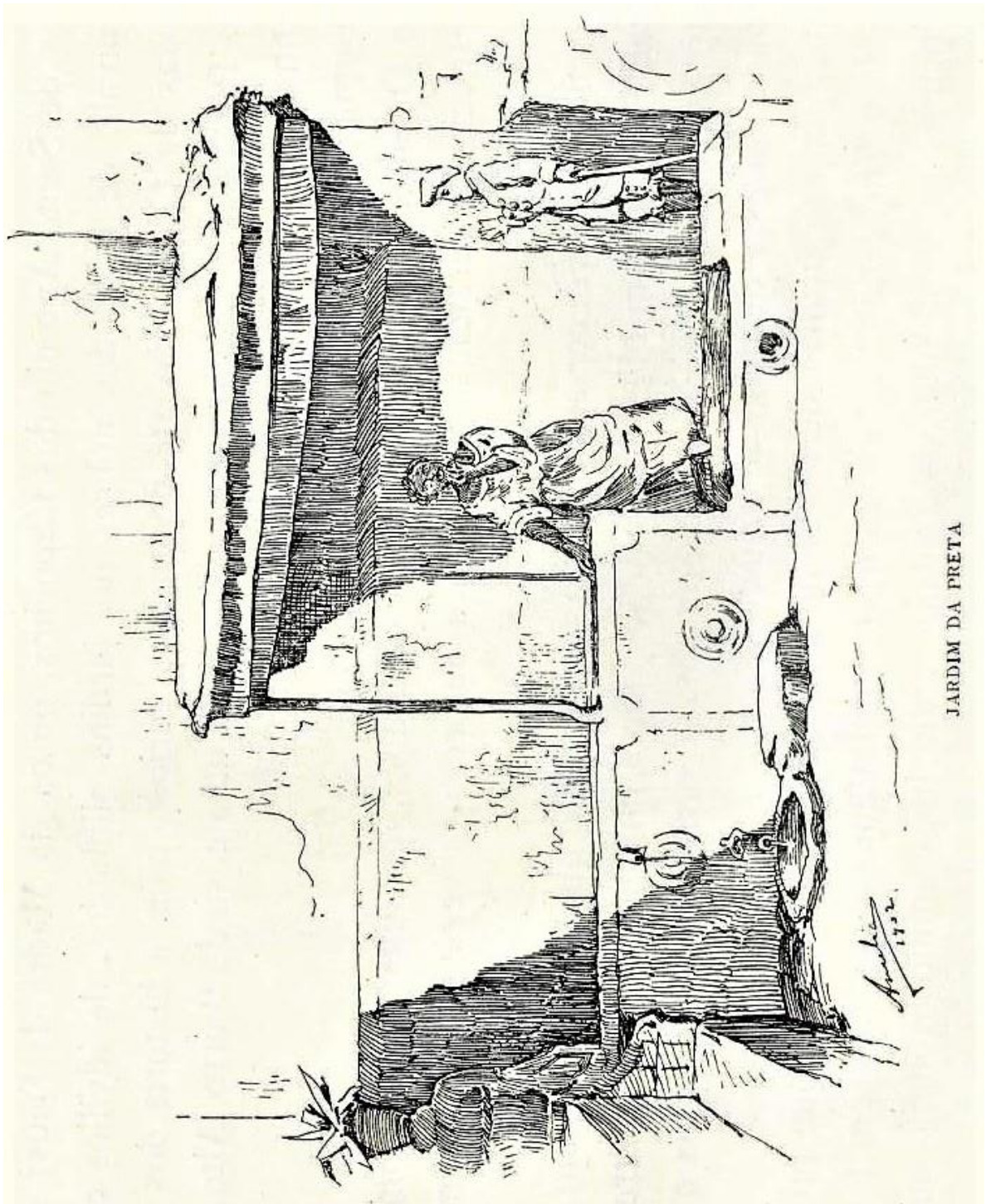


Fig. 30

MES DESSINS – MES ENDROITS PRÉFÉRÉS

MES DESSINS - MES ENDROITS PRÉFÉRÉS
POEMAS, PINTURAS E DESENHOS

Obra Artística	Técnica	Ano
Peça de armadura de Francisco I por Benvenuto Cellini - Museu da Ajuda	Desenho	s.d.
Iluminura medieval	Aguarela	1900
Vitória de Samotrácia	Desenho	1902
Capela da Piedade - Sintra	Desenho	s.d.
Pervincas (flores)	Aguarela	s.d.
A Sulamita - busto feito pela Duquesa de Palmela	Aguarela	1893
Relógio numa escada	Aguarela	1902
Muralha exterior e porta de entrada do velho castelo de Vila Viçosa	Desenho	1902
Arquitetura gótica	Desenho	1895
Morcegos	Aguarela	s.d.
Jardim da preta - Paço de Sintra	Desenho	1893
Girassóis	Aguarela	s.d.
Um cardo	Aguarela	1900
Um canto de Penha Verde	Aguarela	1995
Baixo-relevo do grande prato cinzelado de Gil Vicente	Desenho	1995
Porta de azulejos do Palácio de Sintra	Aguarela	1995
Palácio de Sintra, visto da fonte do Sabugo	Desenho	1997
Fonte dos passarinhos - Pena	Desenho	1898
Cardos	Aguarela	1893
Campanário ao luar	Aguarela e guache	1892
Figura formando a asa de um jarro em vermeil da (baixela) Germain	Aguarela	s.d.
Livro antigo proveniente de Alcobaça (Biblioteca Nacional)	Aguarela	s.d.
Canto da Penha Verde	Aguarela	s.d.
Canto da capela da Pena	Desenho	1898
Canto do teto das Pegas - Sintra	Aguarela	1896
Haste de um cardo perto do mar	Aguarela	1900
Moinho de vento	Desenho	1902
Entrada da Quinta Saldanha - Sintra	Desenho	1895

**MES DESSINS - MES ENDROITS PRÉFÉRÉS
POEMAS, PINTURAS E DESENHOS**

Nome do Poema	Poeta / Obra	Nacionalidade	Nascimento - Morte	Nº de vezes citado
Canto I - I, II, III	Camões / Os Lusíadas	Portuguesa	1524 - 1579/80	9
Dom Gil Sanches	Cancioneiro da Ajuda	Portuguesa	-	-
Hélène sur la tour	Homero / Ilíada, III, 146-160	Grega	928 AC - 898 AC	1
Saudade! Gosto amargo de infelizes	Almeida Garrett	Portuguesa	1799 - 1854	14
Ronde!	Charles d'Orléans	Francesa	1394 - 1465	1
Yo soy ardiente, yo soy morena...	Gustavo Adolfo Becquer	Espanhola	1836 - 1870	2
The old clock on the stairs	Henry Longfellow	Americana	1807 - 1882	2
Dell'Inferno - Canto Quinto	Dante Alighieri / La Divina Commedia	Italiana	1265 - 1321	1
Alma Minha Gentil, que te Partiste	Camões	Portuguesa	1524 - 1579/80	
Le Poete...La Muse	Alfred de Musset	Francesa	1810 - 1857	7
É bom viver assim	Conde de Ficalho	Portuguesa	1837 - 1903	1
Sonnet	Louise Labé	Francesa	1524 - 1566	1
Um leque	Gonçalves Crespo	Portuguesa	1846 - 1883	2
Hoy como ayer, mañana como hoy	Gustavo Adolfo Becquer	Espanhola	1836 - 1870	
Canto IV - LXXXIV, LXXXV	Camões / Os Lusíadas	Portuguesa	1524 - 1579/80	
Oriental	Zorrilla	Espanhola	1817 - 1893	1
Oh, nobres passos da risonha Cintra	Almeida Garrett	Portuguesa	1799 - 1854	
Sonetto LXIV	Petrarca	Italiana	1304 - 1374	1
Fados	Autor desconhecido	-	-	-
Ballade a la Lune	Alfred de Musset	Francesa	1810 - 1857	
Le vase brisé	Sully Prudhomme	Francesa	1839 - 1907	3
Odor di Femina	Gonçalves Crespo	Portuguesa	1846 - 1883	
Sous les Arbres	Victor Hugo / Les Contemplations	Francesa	1802 - 1885	5
Hymne à la Douleur	Alphonse de Lamartine	Francesa	1790 - 1869	2
Por Bem - As pégas de Cintra	Almeida Garrett / Romanceiro	Portuguesa	1799 - 1854	
Amor he hum fogo que arde sem se ver	Camões	Portuguesa	1524 - 1579/80	
A Padeirinha	Conde de Sabugosa	Portuguesa	1851 - 1923	1
Rappelle-toi	Alfred de Musset	Francesa	1810 - 1857	

MES DESSINS - MES ENDROITS PRÉFÉRÉS
POEMAS, PINTURAS E DESENHOS

Obra Artística	Técnica	Ano
Espada de Nuno Álvares	Desenho	1895
Porta no claustro dos Jerónimos	Desenho	1899
Fora da árvore de Judas (olaia)	Aquarela	s.d.
Canto da estrada perto de S. Bento - Sintra	Desenho	1897
Lírio vermelho na Quinta Saldanha - Sintra	Aquarela	1900
Canto do claustro do convento das Chagas - Vila Viçosa	Desenho	1894
Canto do claustro da Pena	Desenho	s.d.
Letra copiada de um missal do Museu das Janelas Verdes	Aquarela	1898
Capela de Santo Amaro em Riba Fria - Sintra	Desenho	s.d.
O leão da quinta - Regaleira - Sintra	Desenho	1894
Cacto em flor	Aquarela	1900
Cristo na cruz	Desenho	s.d.
Entrada da antiga mesquita - Castelo dos Mouros	Desenho	1894
Nossa Senhora e o Menino Jesus sobre uma roseira (Museu das Janelas Verdes)	Desenho	1897
Pátio do palácio Pombal em Sintra	Desenho	s.d.
Três caravelas, motivo do grande prato cinzelado de Gil Vicente	Aquarela	1894
Sala da jantar dos Árabes - Paço de Sintra	Desenho	s.d.
Iris selvagem	Aquarela	s.d.
Cabeça de rapariga de São Pedro do Sul	Desenho	1898
Iris	Aquarela	s.d.
Pormenor do túmulo de Inês de Castro - Alcobça	Desenho	1894
Pastor em adoração de um presépio - Museu das Janelas Verdes	Desenho	s.d.
Penha Verde, rotunda onde se diz que Camões recitou os Lusíadas ao Rei D. Sebastião	Desenho	1899
Janela do castelo do Alvíto	Aquarela	s.d.
Beladona (flor)	Aquarela	s.d.
Caulo de ervilhas em semente	Aquarela	1900
Pia de água benta e aspersório - Museu de Coimbra	Desenho	s.d.
Mulher de Vilharigues - Beira	Aquarela	1896

Quadro 2A

**MES DESSINS - MES ENDROITS PRÉFÉRÉS
POEMAS, PINTURAS E DESENHOS**

Nome do Poema	Poeta / Obra	Nacionalidade	Nascimento - Morte	Nº de vezes citado
Canto IV - XIV	Camões / Os Lusíadas	Portuguesa	1524 - 1579/80	
Lucie	Alfred de Musset	Francesa	1810 - 1857	
Le meilleur moment des amours	Sully Prudhomme	Francesa	1839 - 1907	
Partir, c'est mourir un peu	Edmond Haraucourt	Francesa	1856 - 1941	1
Don Juan Tenorio, Acto 1º	José Zorrilla y Moral	Espanhola	1817 - 1893	1
Histoire d'une âme	Eugène Manuel	Francesa	1823 - 1901	1
Aimons-nous	Jean Pleyber (Émile Grandjean)	Francesa	1888 - 1986	1
Cantar guayado por El-Rei D. Diniz	Rei D. Dinis	Portuguesa	1261 - 1325	1
O Mosteiro deserto - IV	Alexandre Herculano	Portuguesa	1810 - 1877	1
Les Animaux malades de la Peste	La Fontaine	Francesa	1621 - 1695	1
Correi sobre estas flores desbotadas	Almeida Garrett	Portuguesa	1799 - 1854	
Vous qui pleurez venez à ce Dieu, car il pleure	Victor Hugo	Francesa	1802 - 1885	
Alli no mais solene das ruínas	Almeida Garrett	Portuguesa	1799 - 1854	
Avé Maria !	Gil Vicente	Portuguesa	1465 - 1536	1
Sonnet imité de l'Italien	Félix Anvers	Francesa	1806 - 1850	1
Canto I - XIX	Camões / Os Lusíadas	Portuguesa	1524 - 1579/80	
Le Cid, Acte III, Scène IV	Pierre Corneille	Francesa	1606 - 1684	1
Harmonie du soir	Baudelaire	Francesa	1821 - 1867	2
Magali	Frédéric Mistral (Mirèio)	Francesa	1830 - 1914	1
Jamais	Alfred de Musset	Francesa	1810 - 1857	
Canto III - CXX, CXXI	Camões / Os Lusíadas	Portuguesa	1524 - 1579/80	
Refugium Peccatorum	António Feijó	Portuguesa	1859 - 1917	1
Estavam d'altas árvores à sombra	Almeida Garrett	Portuguesa	1799 - 1854	
Volverán las oscuras golondrinas	Gustavo Adolfo Becquer	Espanhola	1836 - 1870	1
Amor e Psyche	Souza Monteiro	Portuguesa	1846 - 1909	1
Intimités IV	François Coppée	Francesa	1842 - 1908	1
Le Chrétien Mourrant	Alphonse de Lamartine	Francesa	1790 - 1869	
Rosita	Macedo Papança, Conde de Monsaraz	Portuguesa	1852 - 1913	1

**MES DESSINS - MES ENDROITS PRÉFÉRÉS
POEMAS, PINTURAS E DESENHOS**

Obra Artística	Técnica	Ano
Árvores e pedras num canto diante de Penha Verde	Aquarela	1901
Flores da paixão	Aquarela	s.d.
Estandarte de Montes Claros	Aquarela	1895
Cavaleiro pertencente ao presépio da Madre Deus	Desenho	s.d.
Cruz em cristal de rocha e prata dourada - Setúbal	Desenho	1895
Pelourinho perto do Alfeite	Desenho	1894
Pormenor do ostensório gótico - Sé de Évora	Desenho	s.d.
Galeão de prata - exposição de Arte Sacra - 1895	Desenho	s.d.
P maiúsculo composto de quimeras e figuras retiradas de um jarro em vermeuil do Rei D. Fernando	Desenho	s.d.
Vista da Pena da estrada nova	Aquarela	s.d.
O centauro Nessus raptando Dejanira - fragmento de um prato cinzelado - Museu das Janelas Verdes	Desenho	1899
Coruja sobre uma gárgola	Desenho	1894
Papolia branca	Aquarela	1900
Convento das Chagas em Vila Viçosa, visto da minha janela	Desenho	1900
Idosa de São Pedro do Sul fiando com a sua aroca	Desenho	1894
Cavalos e figuras - grupo do presépio da Madre de Deus	Desenho	1902
Alcea rosea (variedade de rosa)	Aquarela	s.d.
Pelicano em bronze - Sé de Viseu	Desenho	s.d.
Vista da baía de Cascais, a partir da forte	Aquarela	s.d.
Fragmento do portal dos Jerónimos, junto à Casa Pia. Rainha D. Leonor? Mulher de D. Manuel em pedra	Desenho	s.d.
Porta-Paz da Sé de Évora	Desenho	1900
Rosa chá	Aquarela	1901
Cruz-relicário do final do séc. XVI, pertencente à Misericórdia de Vila Viçosa	Desenho	1896
Cofre antigo em prata cinzelada e dourada - Museu das Janelas Verdes	Aquarela	1894
Cruz de Arouca	Desenho	s.d.
Papolia vermelha	Aquarela	s.d.
Porta e muro da Quinta Praia, em frente a Seteais	Desenho	1898
Incensório - Museu de Coimbra	Desenho	s.d.

**MES DESSINS - MES ENDROITS PRÉFÉRÉS
POEMAS, PINTURAS E DESENHOS**

Nome do Poema	Poeta / Obra	Nacionalidade	Nascimento - Morte	Nº de vezes citado
Adieu	Alfred de Musset	Francesa	1810 - 1857	
Os Vencidos	Anthero de Quental	Portuguesa	1842 - 1891	1
Pátria	Fernandes Costa	Portuguesa	1848 - 1920	1
Dom Gaifeiros	Almeida Garrett / Romanceiro	Portuguesa	1799 - 1854	
Canto III - XLV	Camões / Os Lusíadas	Portuguesa	1524 - 1579/80	
A Canção do Figueiral	Autor anónimo do séc. XIII	-	-	-
Le Parfum impérisable	Le conte de Lisle	Francesa	1818 - 1894	2
A Nau Cathrineta	Almeida Garrett / Romanceiro	Portuguesa	1799 - 1854	
A Pepa	Alfred de Musset	Francesa	1810 - 1857	
Em toda a pompa e luxo de suas galas	Almeida Garrett	Portuguesa	1799 - 1854	
Hercule	André de Chénier	Francesa	1762 - 1794	1
Song - The Owl	Alfred Tennyson	Inglesa	1809 - 1892	1
Parfum de la Mort - La Manne	Orphée	Grega	?	1
A impertinência dos Sinos de Villa-Viçosa	Nicolão Tolentino d'Almeida	Portuguesa	1740 - 1811	1
Les Enfants V	Victor Hugo	Francesa	1802 - 1885	
La Reine de Saba	Théodore de Banville	Francesa	1823 - 1891	1
Rosa pallida	Almeida Garrett	Portuguesa	1799 - 1854	
Bazeille	Paul Déroulède	Francesa	1846 - 1914	1
Cascaes	Almeida Garrett	Portuguesa	1799 - 1854	
Canto IV - LXXXVII	Camões / Os Lusíadas	Portuguesa	1524 - 1579/80	
Dictado entre as agonias do seu transito final	Barbosa du Bocage	Portuguesa	1765 - 1805	1
To ---	Percy Shelley	Inglesa	1792 - 1822	1
Santa Teresa's book-mark. From Santa Teresa	Henry Longfellow	Americana	1807 - 1882	1
Bella Infanta	Almeida Garrett / Romanceiro	Portuguesa	1799 - 1854	
Lettre à Lamartine	Alfred de Musset	Francesa	1810 - 1857	
Cyrano de Bergerac	Edmond Rostand	Francesa	1868 - 1918	1
Oh! Cintra...! Oh saudosíssimo retiro	Almeida Garrett	Portuguesa	1799 - 1854	
Hymne	Baudelaire	Francesa	1821 - 1867	

Quadro 3B

MES DESSINS - MES ENDROITS PRÉFÉRÉS
POEMAS, PINTURAS E DESENHOS

Obra Artística	Técnica	Ano
Gaifanhoto	Aguarela	s. d.
Casa antiga em São Pedro do Sul	Desenho	s. d.
Cardo pequeno	Aguarela	1900
Anémonas (variedade de flores)	Aguarela	s. d.
Palácio Velho - Encontro de caça na tapada de Vila Viçosa	Desenho	s. d.
Pormenor do meu terraço na Pena (Sintra)	Desenho	1901
Convo	Aguarela	s. d.
Chalé do Mocho - Pena	Desenho	s. d.
Cruz de D. Sancho - Museu da Ajuda	Desenho	1895
Gornil em vermeil - Necessidades	Desenho	s. d.
Registo da presença cânones da Catedral de Faro - Algarve	Desenho	1906
Cofre Renascentista em prata dourada (Museu das Belas Artes) - Janelas Verdes - Lisboa	Desenho	1906
Cattleya (orquídea)	Aguarela	1903
Porta - Palácio de Sintra	Desenho	1896
Ophrys (família das orquídeas)	Aguarela	1904
Amaryllis - Lírio do Japão	Aguarela	1907
Hércules acabado de atirar sobre o centauro Nessus - Baixo relevo de um grande prato cinzelado - Tesouro da Catedral, Lisboa (Sé)	Desenho	1899
Rapariga da Beira com um capuz	Aguarela	s. d.
Velho sobreiro perto de uma fonte - Penha Verde (Sintra)	Aguarela	1903
Templo de Ptah - Karnak	Desenho	1903
Flor	Aguarela	1906
Cruz de prata dourada que pertenceu ao convento de Santa-Clara em Vila do Conde - Museu das Belas Artes (Janelas Verdes, Lisboa)	Desenho	s. d.
Madressilva	Aguarela	s. d.
Cardo	Aguarela	1903
Porta-Paz	Desenho	s. d.
Porta árabe da igreja de Aznalcázar, pertode Villamanrique (Andaluzia)	Desenho	1902
Relicário em cristal e vermeil - Museu das Belas Artes - Janelas Verdes - Lisboa	Desenho	1906
Águia com as asas abertas	Desenho	1903
Rosa	Aguarela	s. d.
Pedra e um pinheiro - Pena	Desenho	s. d.

MES DESSINS - MES ENDROITS PRÉFÉRÉS
POEMAS, PINTURAS E DESENHOS

Nome do Poema	Poeta / Obra	Nacionalidade	Nascimento - Morte	Nº de vezes citado
Beijo na face	João de Deus	Portuguesa	1830 - 1896	1
Autre Chanson	Victor Hugo	Francesa	1802 - 1885	
Saudades	Almeida Garrett	Portuguesa	1799 - 1854	
Le Réveil d'un Dieu	José Maria de Herédia	Cubana / Francesa	1842 - 1905	2
Soleares	Autor desconhecido	-	-	-
When cold is the Earth	Thomas Moore	Irlandesa	1779 - 1852	4
Le Coeur de Hjalmar	Leconte de Lisle	Francesa	1818 - 1894	
Prière	Sully Prudhomme	Francesa	1839 - 1907	
A Cruz mutilada	Alexandre Herculano / A Harpa do crente	Portuguesa	1810 - 1877	1
Oreste	Jean Racine / Andromaque, Acte V	Francesa	1639 - 1699	2
Judge not	Adelaide Anne Procter	Inglesa	1825 - 1864	2
Madrigal	Pierre de Ronsard	Francesa	1524 - 1585	2
Phèdre	Jean Racine / Phèdre, Acte III	Francesa	1639 - 1699	
When he who adores thee	Thomas Moore	Irlandesa	1779 - 1852	
Ode XXXV	Thomas Moore / Odes of Anacreon	Irlandesa	1779 - 1852	
Ballade à la gloire du Lys	Théodore de Banville	Francesa	1823 - 1891	1
La Robe du Centaure	Leconte de Lisle	Francesa	1818 - 1894	
Prestito Funebre	Guerra Junqueiro	Portuguesa	1850 - 1923	1
Les Vieux	Rosemonde Gérard Rostand	Francesa	1866 - 1953	1
La Vision de khèm	José Maria de Herédia	Cubana / Francesa	1842 - 1905	
Le passant et le Genie	Pierre de Ronsard	Francesa	1524 - 1585	
Consolation à M. du Perrier	François de Malherbe	Francesa	1555 - 1628	1
Mentiras	Martinho de Brederode	Portuguesa	1866 - 1952	1
Don Juan aux Enfers	Baudelaire	Francesa	1821 - 1867	
La Voix des Morts	Jeanne Loiseau	Francesa	1854 - 1921	1
Serenata Morisca	Autor Andaluz desconhecido	-	-	-
The Three Rulers	Adelaide Anne Procter	Inglesa	1825 - 1864	
Lui	Victor Hugo	Francesa	1802 - 1885	
Tis the last rose of summer	Thomas Moore	Irlandesa	1779 - 1852	
Tristesse	Alfred de Musset	Francesa	1810 - 1857	

Quadro 4B



S.M. LA REINE AMÉLIE DE PORTUGAL
Princesse de France

Mes Dessins

(Os meus Desenhos)

Mes Endroits Préférés
(Os meus Logares predilectos)



LE GOUPY, ÉDITEUR

PARIS.1926

MES DESSINS

(Os meus Desenhos)

MES ENDROITS PRÉFÉRÉS

(Os meus logares predilectos)

*Cet Album a été tiré
à deux cent cinquante exemplaires numérotés*

N° 220

Exemplaire imprimé pour
Alberto Boavista

A fatal doença e depois a Morte impediu
o amigo tão fiel, leal e dedicado que foi o Conde
de Valugosa, de terminar a Explicação Prévia.

Afegar de incompleta quiz, como testemunho de
gratidão e de Verdade, que ella fosse publicada tal
qual elle a deixou escripta.

Vem a sua enternecedora insistencia nunca
me teria resolvido a publicar este Album, evocado
de muitos annos cheios de horas alegres e de muitas
horas tristes. . . . Masponde, infelizmente, soz
completa a nossa collaboração, como a tinha sido com
o Taco de Lindra. Um unico sentimento - thro
confessal - o - venceu a reluctancia a que fez
allusão o Conde de Valugosa: 'O Amor pelo
Paiz distante e sempre tão querido. E,

Tambem, o desejo de fazer conhecer a sua belleza,
o seu encanto, o seu thesouro artistico e historico,
reunindo n'um volume - destinado a' Caridade -
esta collecção de obras d'Arte das nossas Igrejas,
dos nossos museus, dos municipios e dos seus mais
bellos monumentos.

Resumindo: Obra da Caridade e de
Amazela Tavia.

J. Amelia Rainha

Explicação prévia

Impressionada com o agravamento sempre crescente da tuberculose em Portugal, - raiz onde o seu coração eravon raizes que, nem as tempestades, nem as tragédias conseguiram arrancar, a Soberana que fundou a "Assistencia Nacional aos Tuberculosos" sentiu em sua alma o impulso de contribuir quanto em si coubesse para diminuir o terrivel flagello.

Para realizar o seu intuito desejaria, recorrendo mais uma vez a todos os que a auxiliaram na sua primitiva empreza, alcançar os meios necessarios para isso.

Mas as circunstancias mudaram; muitos dos primitivos subscriptores morreram, para outros a sorte foi inazdrasta, e outros finalmente tomaram caminhos que os cohibem de

acompanhar a generosa acção da Sua Fundadora.

Ella propria, sentiu o destino cruel cortar - Lhe as azas com que cobria e abrigava tantos desgraçados.

Longe da Sua Patria de adopção, despojada dos Seus haveres, a alma impulsionava - A caridade, enquanto a Sua faina era entravada pela "inopia pecuniae" que impede os corações generosos de serem prodigos para com os semelhantes.

Que fazer ?

Em Portugal a caridade é exercida quasi sempre pelas mesmas pessoas cujos recursos vão cada vez mais diminuindo de valor. Obrigando-as por um dever de realismo a mais sacrificios seria contrario aos desejos da Rainha.

Mas como as noticias iam chegando cada vez mais conflagradas, pintando com sombrias côres o alastramento da doença que dizima tantos portuguezes, o Seu animo soffria

Foi então que alguém Lhe lembrou que dentro de alguns dos caixotes ainda por abrir nas successivas deslocações existiam desenhos que eram ao mesmo tempo testemunho do merecimento de quem os fizera, e a mais

linda collecção de objectos de arte religiosa ou profana,
que o lapis de um artista pode encontrar.

Custodias - baculos - pixides - imagens sacras ou historicas -
cantos reatados de conventos extintos, - impressões de muitos
annos de peregrinações atravez de museus, egrejas e cathedraes,
tornam essa collecção uma verdadeira maravilha que faria
a fortuna de um editor.

Porque não fazer uma publicação cujo exito seguro
permittiria tirar alguns proventos para o caritativo fim?

O alvitre foi accedido com reluctancia, mas logo foi
venceido pela ideia de ser util.

E assim nasceu este album cujo producto é destinado
a instituições de caridade que terá a valorizal - o o fim a
que se destina e o valor do lapis que o compôz

Foi então que recordando o trabalho com que o
rabiscador d'estas linhas explicou os deliciosos desenhos
do "Paço de Cintra" Sua Magestade exigiu de mim que
trouxesse ao publico a explicação do apparecimento do
album.

Conde de Sabugosa



Os Lusíadas. Canto Primeiro.

I
As armas, e os Barões assinalados,
Que da occidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana;
Em perigos, e guerras esforçados,

Fig. 31

Mais do que prometta a força humana—
Entre gente remota edificaram—
Novo reino, que tanto sublimaram—:

II

E tambem as memorias gloriosas
Daquelle Reis, que foram dilatando
A Fé, o imperio, e as terras viciosas
De Africa, e de Asia, andaram devastando—
E aquelles que por obras valerosas
Ve vão da lei da morte libertando—;
Cantando espalharei por toda parte,
De a tanto me ajudar o engenho e arte—

III

Correm do sabio Grego, e do Troiano,
As navegações grandes que fizeram—;
Calle-se de Alexandro, e de Cezaro,
A fama das victorias que tiveram—:
Que eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno, e Marte obedeceram—:
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se levanta—

Camões.



Amelis
1900.

Don Gil Planches.

Eu, que ora vês de Monte-mayor,
tu, que ora vês de Monte-mayor,
digas-me mandado de mia senhor;
digas-me mandado de mia senhor,
ca se eu seu mandado
non vir; trist' e coitado
seri; e gran pecado
fara, se me non val.
Ca en tal ora nado
foi que; mau pecado!
amo-a endoado,
e nunca end' iuvi al!

Tu, que ora viste os olhos seus,
tu, que ora viste os olhos seus,
digas-me mandado d'ela; por Deus;
digas-me mandado d'ela; por Deus,
ca se eu seu mandado
non vir; trist' e coitado
seri; e gran pecado
fara, se me non val.
Ca en tal ora nado
foi que; mau pecado!
amo-a endoado,
e nunca end' iuvi al!

Fig. 32



Amable
1912.

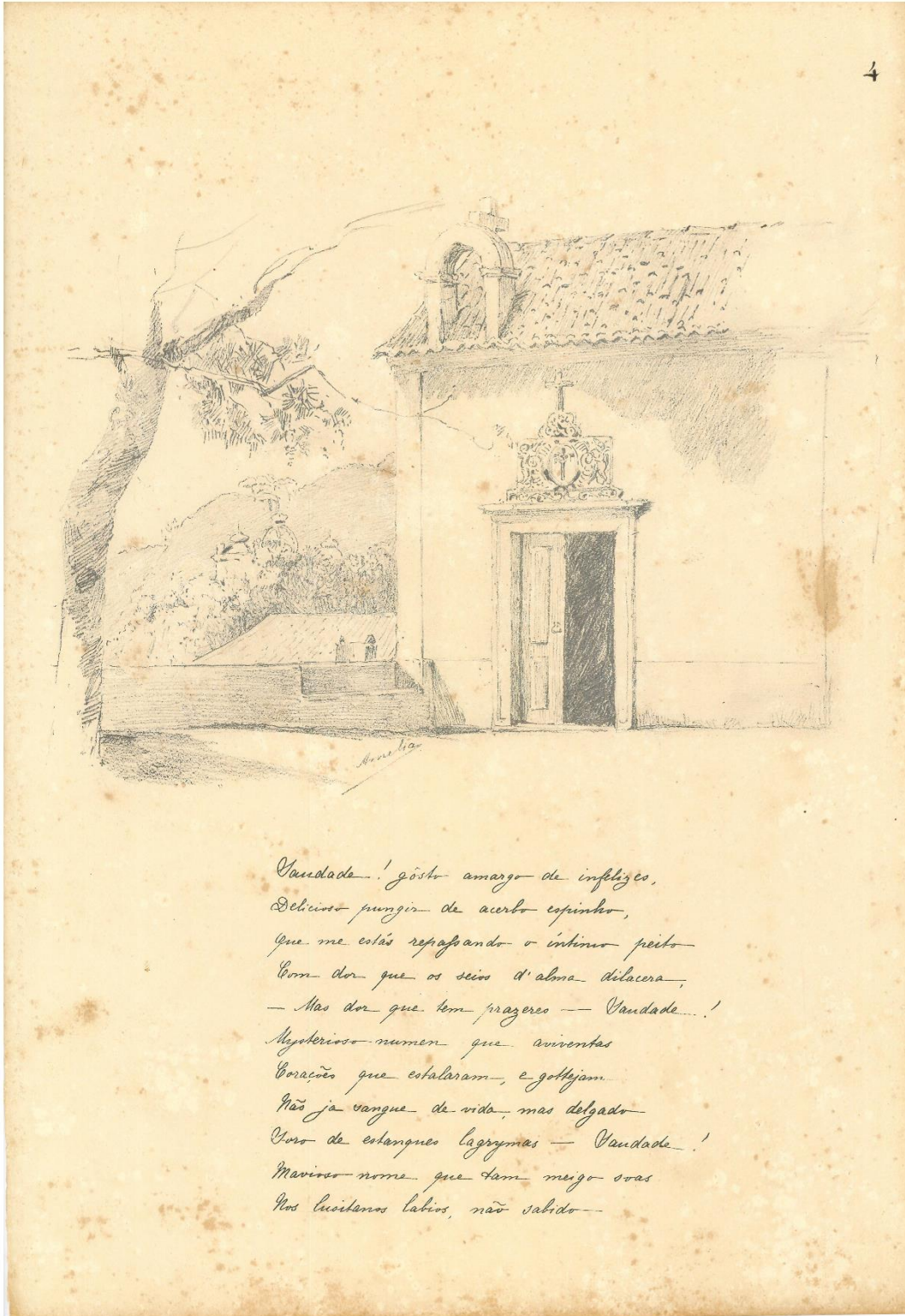
Hélène sur la tour.

Priamos, Panthos, Clytios, Chymaetis,
 Lampos, Héketaïon, fils du divin Arès,
 Ucalégon avec Anténor aux pensées
 Vages, étaient assis auprès des portes Uccées
 Trop vieux pour le combat, mais remplis de raison.
 Ils discouraient; ainsi, parmi la frondaison
 Des arbres, dans un bois, la cigale à voix tendre,
 Douce comme les lis, aime à se faire entendre,
 Tels les chefs des Troyens au sommet de la tour.
 Mais voyant avancer Hélène sur la tour,
 Ils se dirent tout bas ces paroles rapides :
 " Les Troyens et les Grecs aux brillantes crémiides
 Ne suffiraient certes pas sans raison de longs maux
 Pour cette femme. Elle a la beauté sans défauts
 Des déesses et nous paraît une immortelle.
 Dans son pays pourtant bien qu'elle soit si belle,
 Qu'elle retourne au loin sur les vaisseaux mouvants,
 De peur qu'elle ne perde et nous et nos enfants ! "

Homère. *Illiade*, III, 146-160

Traduction de Marc Segond.

Fig. 33



Vaidade! gosto amargo de inflizes,
 Delicissos punjis de acerbo espinho,
 que me estás reprofando o intimo peito
 Com dor que os seios d'alma delacera,
 — Mas dor que tem prazeres — Vaidade...!
 Misterioso numen que aviventas
 Corações que estalaram, e gotejam
 Não já sangue de vida, mas delgado
 Duro de estanques lagrymas — Vaidade!
 Mavioso nome que tem meigo soas
 Nos luctuosos labios, não sabido

Fig. 34

Das orgulhosas bocas dos Gycambros
D'estas alticias terras — Oh. Vaidade! —
Magico numen que transportas a alma —
Do amigo ausente ao solitario amigo,
Do vago amante a amada inconscavel —
E até ao triste ao infeliz proscrito —
— Dos entes o miseravel na terra —
Ao regaco da patria em sonho levas,
— Vanhos que são mais doces do que amargo,
Cruel é o despertar! —

Garrett.



Rondel.

Le temps a laissé son manteau
De vent, de froidure et de pluie,
Et s'est vêtu de broderie
De soleil luisant, clair et beau.

Il n'y a bête ni oiseau
Qu'en son jargon ne chante ou crie;
Le temps a laissé son manteau
De vent, de froidure et de pluie.

Rivière, fontaine et ruisseau
Portent en leurée jolis
Gouttes d'argent, d'orfévrie;
Chacun s'habille de nouveau.

Le temps a laissé son manteau
De vent, de froidure et de pluie.

Charles d'Orléans.

Fig. 35

Yo soy ardiente yo soy morena
 Yo soy el simbolo de la pasion
 De ansia de goce mi alma esta llena
 A mi me buscas? No es a ti; no.

Mi frente es pálida mis trenzas de oro;
 Puedo brindarte dichas sin fin;
 Yo de ternura guardo un tesoro.
 A mí me llamas? No; no es a ti.

Yo soy un sueño, un imposible
 Como fantasma de niebla y luz;
 Soy impúnea, soy intangible,
 No puedo amarte. — Ah, ven; ven tí!

Becquer



Fig. 36

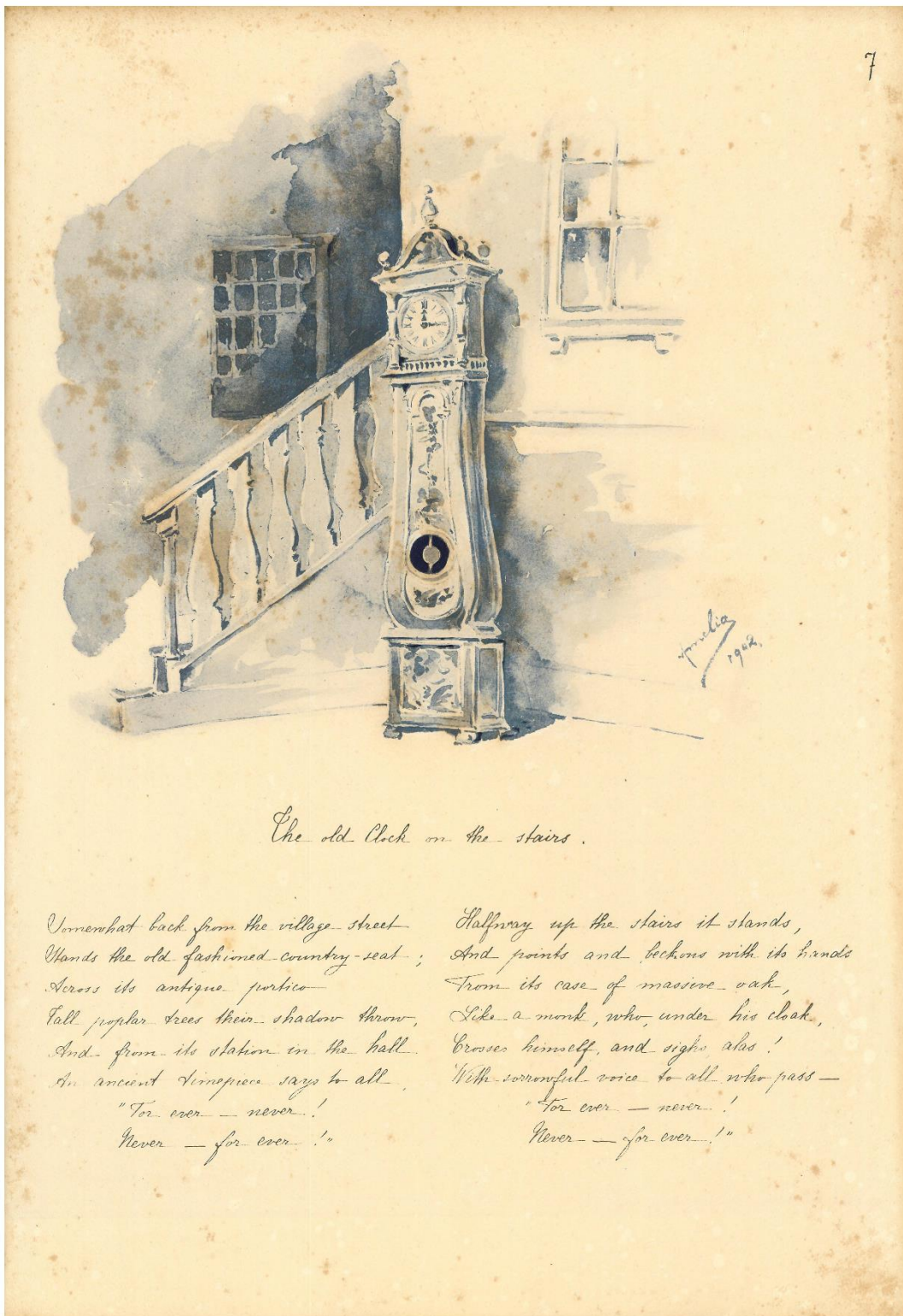


Fig. 37

By day its voice is low and light;
But in the silent dead of night,
Distinct as a passing footstep's fall,
It echoes along the vacant hall,
Along the ceiling, along the floor,
And seems to say at each chamber door,
"For ever — never!
Never — for ever!"

From that chamber, clothed in white,
The bride came forth on her wedding night;
There, in that silent room below,
The dead lay in his shroud of snow;
And in the hush that followed the prayer,
Was heard the old clock on the stair,
"For ever — never!
Never — for ever!"

Through days of sorrow and of mirth,
Through days of death and days of birth,
Through every swift vicissitude
Of changeful time, unchanged it has stood,
And as if, like God, it all things saw,
It calmly repeats those words of awe —
"For ever — never!
Never — for ever!"

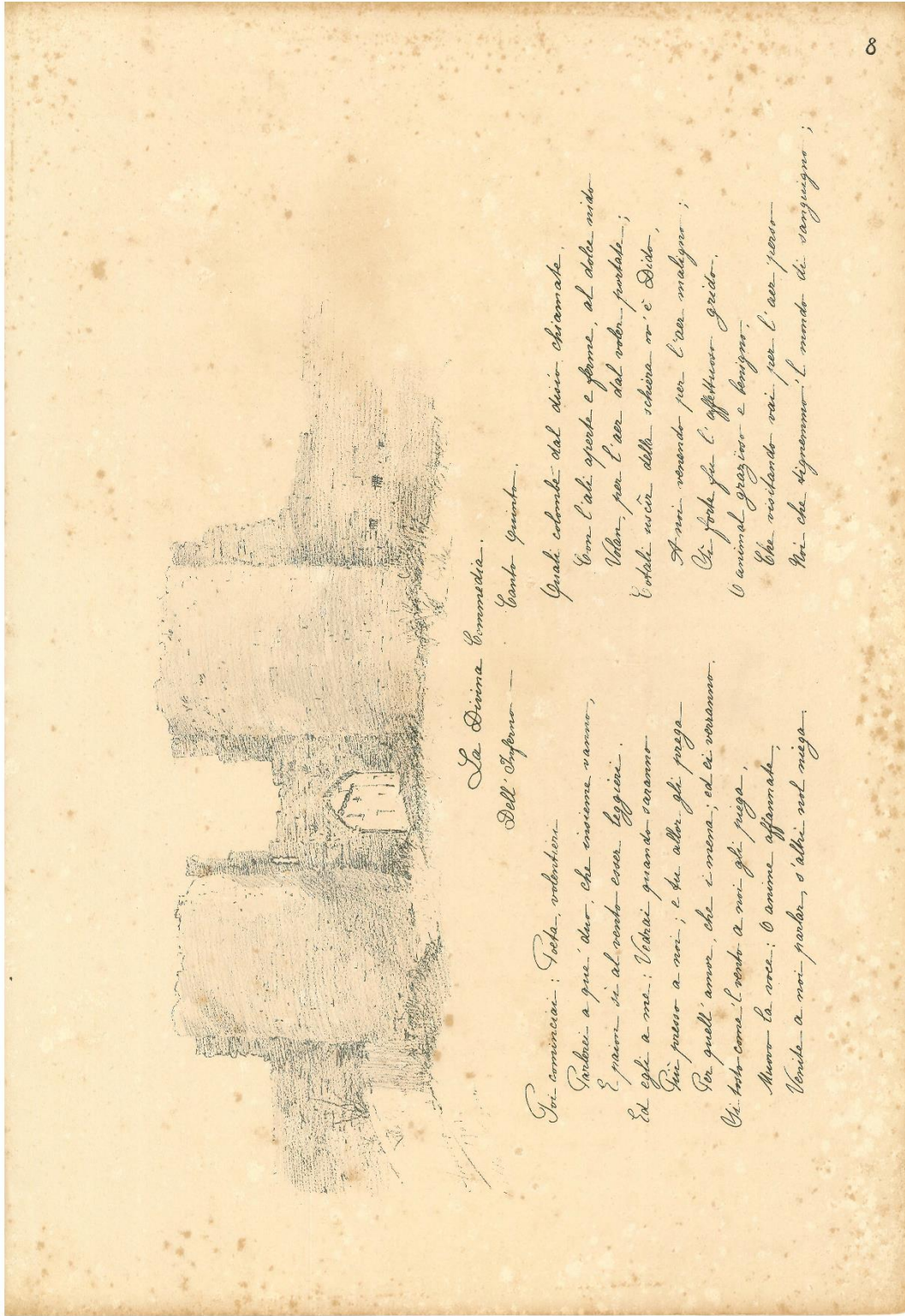
All are scattered now and fled,
Some are married some are dead;
And when I ask, with throbs of pain,
"Ah! when shall they all meet again?
So in the days long since gone by,
The ancient timepiece makes reply,
"For ever — never!
Never — for ever!"

In that mansion used to be
Free-hearted Hospitality;
His great fires up the chimney roared;
The stranger feasted at his board;
But like the skeleton at the feast,
That warning timepiece never ceased —
"For ever — never!
Never — for ever!"

Never here, for ever there,
Where all parting, pain, and care,
And death and time shall disappear;
For ever there, but never here!
The horloge of Eternity
Taps this incessantly, —
"For ever — never!
Never — for ever!"

There groups of merry children played,
There youths and maidens dreaming strayed;
O precious hours! O golden prime,
And affluence of love and time!
Even as a miser counts his gold,
Those hours the ancient timepiece told,
"For ever — never!
Never — for ever!"

Longfellow.



La Divina Commedia.

Dell' Inferno — Canto Quinto.

Tor cominciai: Tosta, volubili.

Parlai a que' dar, che insieme vanno,
E parai sì al vento eoa leggier.

Ed egl' a me: Vedrai quanto saranno

Gni pover a noi; e tu allor gh' prega

Per quell' amor, che i mena; ed a voranno.

Ch' tutto come l' vento a noi gh' prega,

Muor la voce: O anime affannate,

Venite a noi parlar, s' altri nol nega.

Qual colombe dal desio chiamate.

Con l' ali aperte e ferme, al dolce nido

Volan, per l' aer dal voler portate;

È volak, siccà della schiera m' è Dido,

A mi venendo per l' aer maligno;

Ch' forse fu l' effetto grido.

O animal grazios e benigno,

Chè visitando mi per l' aer povero

Noi che stemmo l' mondo di sanguigno;

Fig. 38

Se fosse amico il Re dell'universo,
Noi pregheremmo lui per la tua pace,
Poi c'hai giusta del nostro mal perverso.
Di quel ch'udir e che parlar vi piace
Noi udiremo e parleremo a voi,
Mentre che 'l vento, come già, si face.
Vede la terra, dove nata fui,
Vu la marina dove 'l Po discende
Per aver pace co' seguaci sui.
Amor, ch'a cor gentil ratto s'apprende,
Prese costui della bella persona,
Che mi fu tolta e il modo ancor m'offende.
Amor, ch'a nullo amato amar perdona,
Mi prese del costui piacer sì forte,
Che, come vedi, ancor non m'abbandona.
Amor condusse noi ad una morte:
Caina attende chi vita ci spense.
Queste parole da lor ci fur porte.
Da ch'io intesi quell'anime offese,
Chinai 'l viso; e tanto 'l sonni basso,
Fin che 'l Poeta mi disse: Che pense?
Quando respersi, cominciai: Oh lasso!
Quante dolci pensier, quanto desio
Menò costoro al doloroso passo!
Poi mi rivolsi a loro, e parlai io,
E cominciai: Francesca, i tuoi martiri
A lagrimar mi fanno tristo e pio.
Ma ditemmi: al tempo de' dolci sospiri,
A che, e come, concedette Amore
Che conoscesti i dubbiosi desiri?
Ed ella a me: Nessun maggior dolore,
Che ricordarsi del tempo felice
Nella miseria; e ciò sa 'l tuo dottore.
Ma s'a conoscer la prima radice
Del nostro amor tu hai cotanto affetto,
Farò come colui que piange e dice.

Noi leggeremo un giorno per diletto,
Di Lanciello, come amor lo strinse:
Volei curarmi e senza alcun sospetto.
Per più forte gli occhi ci sospinse
Quella lettura, e scolorocci 'l viso:
Ma solo un punto fu quel che ci vinse.
Quando leggemmo il dattilo riso
Esser baciato da cotanto amante,
Questi, che mai da me non fia diviso,
La bocca mi baciò tutto tremante:
Galeotto fu il libro e chi lo scrisse:
Quel giorno più non vi leggemmo avante.

Dante Alighieri.



Alma minha gentil, que te partiste
 Cão cedo desta vida descontente,
 Repousa lá no Céu eternamente,
 E viva eu cá na terra sempre triste.

Ve lá no afeito Etheres, onde subsiste,
 Memoria desta vida se consente,
 Não te coqueas de aquelle amor ardente,
 Que já nos olhos meus não puru viste.

E se vives que pôde merecer-te
 Algũa cousa a dõr que me ficou
 Da mágoa, sem remedio, de prender-te;

Prega a Deos que tens annos encurtou,
 Que não cedo de cá me leve a vêr-te,
 Quão cedo de meus olhos te levou.

Camões.

Fig. 39



*La Nuit d'Octobre
(Fragments.)*

Le Pêche

*Le mal dont j'ai souffert s'est enfui comme un rêve
Je n'en puis comparer le lentain souvenir
Qui à ces brouillards légers que l'aurore souleve
Et que avec la rose on voit s'évanouir*

Fig. 40

La Muse.

Qu'avez-vous donc, ô mon poète !
Et quelle est la peine secrète
Que de ma voix a séparé ?
Hélas ! je m'en ressens encore.
Quel est donc ce mal que j'ignore
Et dont j'ai si longtemps pleuré ?

Le Poète

C'était un mal vulgaire et bien connu des hommes ;
Mais lorsque nous avons quelque ennui dans le cœur,
Nous nous imaginons, pauvres fous que nous sommes
Que personne avant nous n'a senti la douleur.

La Muse.

Il n'est de vulgaire chagrin
Que celui d'une âme vulgaire.
Ami, que ce triste mystère
D'échappe aujourd'hui de ton sein !
Cris-moi, parle avec confiance ;
Le sévère dieu du silence
Est un des frères de la Mort ;
En se plaignant on se console,
Et quelquefois une parole
Nous a délivrés d'un remord.

Le Poète.

S'il fallait maintenant parler de ma souffrance,
Je ne sais trop quel nom elle devrait porter.
C'est amour, folie, orgueil, expérience,
Ni si personne au monde en pourrait profiter.
Je veux bien toutefois t'en raconter l'histoire,
Puisque nous voilà seuls, assis près du foyer.
Frends cette lyre, approche, et laisse ma mémoire
Au son de tes accords docilement s'écouler.

La Muse.

Avant de me dire ta peine
 O poète ! es-tu guéri ?
 Songe qu'il t'en faut aujourd'hui
 Parler sans amour et sans haine.
 V'il te survient que j'ai reçu
 Le doux nom de consolatrice,
 Ne fais pas de moi la complice
 Des passions qui t'ont perdu

Le Poète.

Jours de travail ! seuls jours où j'ai vécu !
 O trois fois chère solitude !
 Dieu soit loué, j'y suis donc revenu,
 A ce vieux cabinet d'étude !
 Paire réduit, murs tant de fois déserts,
 Fautails poudreux, lampe fidèle,
 O mon palais, mon petit univers,
 Et toi, Muse, ô jeune immortelle,
 Dieu soit loué, nous allons donc chanter !
 Oui, je veux vous ouvrir mon âme,
 Vous saurez tout, et je vais vous conter
 Le mal que peut faire une femme ;
 Car c'en est une, ô mes pauvres amis !
 (Helas ! vous le savez peut-être),
 C'est une femme à qui je fus soumis,
 Comme le serf l'est à son maître.
 Joug détesté ! c'est par là que mon cœur
 Perdit sa force et sa jeunesse ; —
 Et cependant, auprès de ma maîtresse,
 J'avais obtenu le bonheur
 Près du ruisseau quand nous marchions ensemble
 Le soir sur le sable argentin,
 Quand devant nous le blanc s'ectre du tremble
 De loin nous montrait le chemin.

Je vois encore, aux rayons de la lune,
Ce beau corps plier dans mes bras...
N'en parlons plus... je ne prévoyais pas
Où me conduirait la fortune...
Sans doute alors la colère des dieux
Avait besoin d'une victime ;
Car elle m'a puni comme d'un crime
D'avoir essayé d'être heureux.

Le Poète.

Honte à toi qui la première
M'as appris la trahison,
Et d'horreur et de colère
M'as fait perdre la raison !
Honte à toi, femme à l'œil sombre,
Dont les funestes amours
Ont enseveli dans l'ombre
Mon printemps et mes beaux jours !
C'est ta voix, c'est ton sourire,
C'est ton regard corrupteur,
Qui m'ont appris à maudire
Jusqu'au semblant du bonheur ;
C'est ta jeunesse et tes charmes
Qui m'ont fait désespérer,
Et si je tombe des larmes,
C'est que je t'ai vu pleurer.
Honte à toi ! j'étais encore
Aussi simple qu'un enfant ;
Comme une fleur à l'aurore,
Mon cœur s'ouvrait en t'aimant.
Certes, ce cœur sans défense
Put sans peine être abusé ;
Mais lui laisser l'innocence
Était encore plus aisé.
Honte à toi ! tu fus la mère

De mes premières douleurs,
Et du fîs de ma paupière
jaillir la source des pleurs !
Elle coule, vois-en sûre,
Et rien ne la tarira ;
Elle sort d'une blessure
Qui jamais ne guérira ;
Mais dans cette source amère
Du moins je me laverai
Et j'y laisserai, j'espère,
Un souvenir abhorré !

Alfred de Musset.

E' bom viver assim.

Junto de ti um dia, loucamente
Deixei fugir-me a confissão fremente
Do que eras para mim;
E, tendo-me a teu pé de amor rendido,
Dispêste prematura, o olhar perdido:
"E' bom viver assim!"

Não negues que o desejo, não se apaga
Sem de uma palavra, que é a paga
De tanta dor soffida;
Não negues que dispêste essa palavra,
Gotta de orvalho no fogo que lava
Em minha alma ferida.

Não temas que me illuda, no meu peito
Eno um culto de amor e de respeito,
Tempo d'impuras chammaas,
Dei... não poder... não dever, não mi' illudo
Calcanei a esperança aos pés, e sei bem tudo
Dei bem que me não amas.

Mas sei que um dia, um fugitivo instante,
Vibras-te ao som da minha voz vibrante
Cheia de amor sem fim;
E, nas doces palavras embalada,
Murmuras-te ao saber que eras amada:
"E' bom viver assim!"

Gonçalo de Tivallero

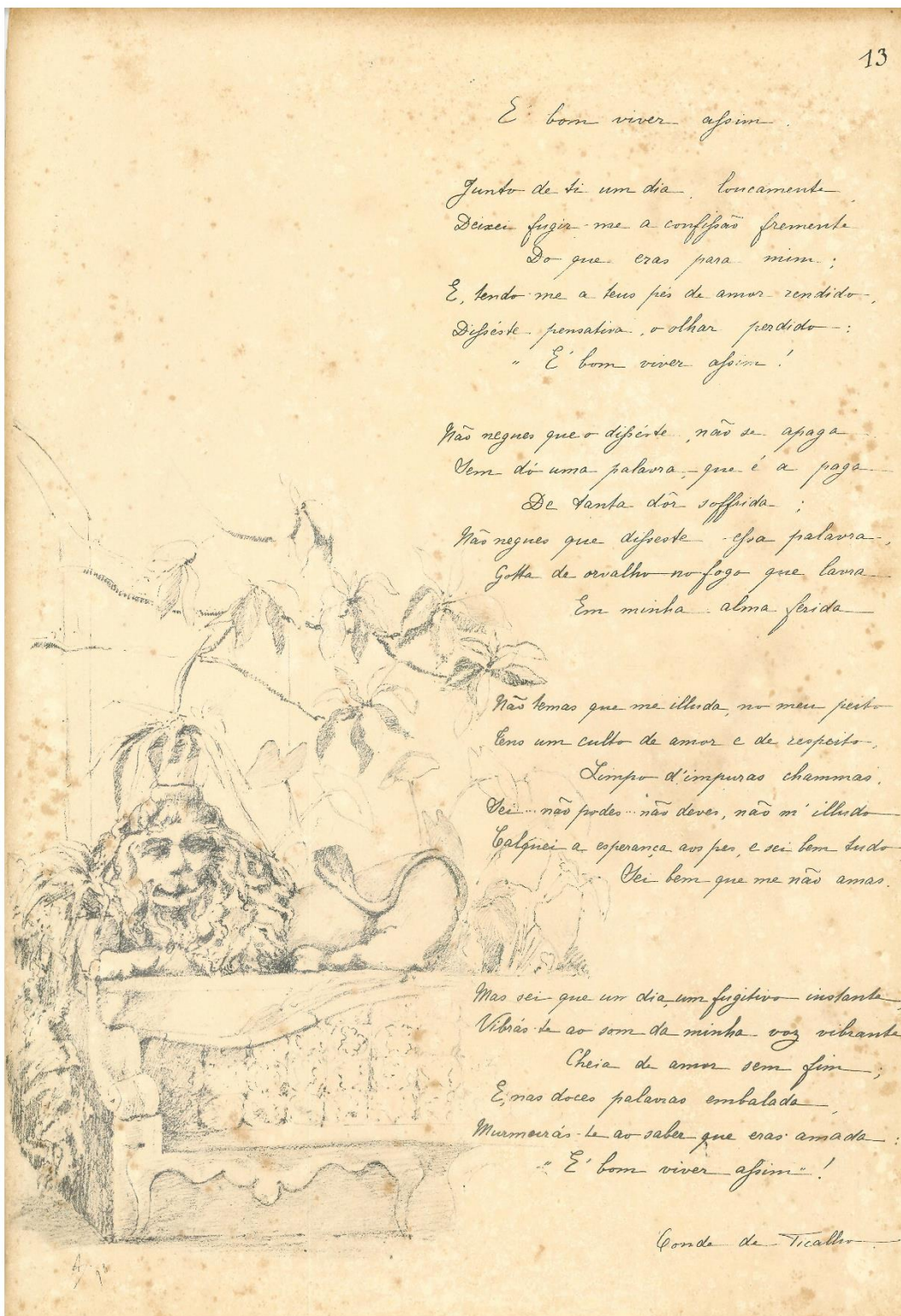


Fig. 41



Fig. 42



Anelia
1900

Hum. legue.

Amar e ser amado, que ventura!
Nao amar, sendo amado, e um triste horror.
Mas na vida ha uma noite mais escura,
E' amar a quem que nao nos tenha amor!

Goncalves Crespo.

Fig. 43



Hoy - como ayer, mañana como hoy,
 Y siempre igual!
 Un cielo gris, un horizonte eterno,
 Y andar..... andar!
 Moviéndose a compás, como una estúpida
 Máquina, el corazón:
 La torpe inteligencia del cerebro
 Dormida en un rincón.
 El alma, que ambiciona un paraíso,
 Buscándole sin fin;
 Fatiga sin objeto, ola que rueda
 Ignorando por qué.
 Voz que incesante con el mismo tono
 Canta el mismo cantar;
 Gota de agua monótona que cae,
 Y cae sin cesar!

Así van deslizándose los días
 Unos de otros en paz,
 Hoy lo mismo que ayer.... y todos ellos
 Sin goce ni dolor.
 Ay! a veces me acuerdo suspirando
 Del antiguo sufrir.....
 Amargo es el dolor; pero si quisiera,
 Padecer es vivir!

Reyeser.

Fig. 44



Os Lusíadas. Vento-Quarto.

LXXXIV.

E já no porto da indyfa Ulysses,
 E hum ahoroço nobre, e c' hum desejo,
 (Onde o leor mistura, e branca areia,
 Co' o salgado Neptuno o doce lizo:)
 As naos prestes estão: e não refra
 Temor nenhum o juvenil desejo,
 Porque a gente maritima, e a de Marte
 Estão para seguir-me a toda parte...

LXXXV.

Pelas praias vestidos os soldados,
 De varias cores vem, e varias artes;
 E não menos de cofreço aparelhados
 Para buscar do mundo novas partes.
 Nas fortes naos os ventos socegados
 Ondeam os arios estandartes:
 Ellas promettem vendo os mares largos,
 De ver no Olympo estellas, como a de Argos.

Camões.

Fig. 45



Amelia
95.

Oriental.

Corriendo van por la vega,
 á las puertas de Granada,
 hasta cuarenta gemelos
 y el capitán que los manda.
 Al entrar en la ciudad
 parando su yegua blanca
 le dijo este á una mujer
 que entre sus brazos lloraba:
 — Enjuga el llanto, cristiana;
 no me atormentes así;

que tengo yo, mi sultano,
 un nuevo Edén para ti.
 Tengo un palacio en Granada,
 tengo jardines y flores,
 tengo una fuente dorada
 con más de cien surtidores.
 Y en la venta del Genil
 tengo parda fortaleza,
 que será reina entre mil
 cuando encierre tu belleza.

Fig. 46

Y sobre todo una villa
extiende mi cenitio:

ni en Córdoba ni en Sevilla
hay un parque como el mío

Allí la altiva palmera
y el encendido granado;
junto a la grande higuera;
cubren el valle y collado.

Allí el robusto nopal,
allí el níspero amarillo,
allí el sombrío morol,
crecen al pie del castillo.

Y olivos tengo en mi alameda
que hasta el cielo se levantan,
y en redes de plata y seda
tengo pájaros que cantan.

Y tú mi sultana eres;
que, desierto mis salones,
cota mi harem sin mujeres,
mis oídos sin canciones.

Yo te daré terciopelos
y perfumes orientales;
de Grecia te haré velos,
y de Cachemira chales.

Y te daré blancas sultanas
para que adames tu frente,
mas blancas que las espumas

de nuestros mares de Oriente;

Y perlas para el cabello,
y banos para el calor,
y collares para el cuello,
para los labios..... amor!

— Que me valen tus riquezas
respondiéndole la cristiana—
si me quitas a mi padre,
mis amigos y mis damas?

Vuelveme, vuelveme, moro,
a mi padre y a mi patria,
que mis torres de León
valen más que tu Granada.

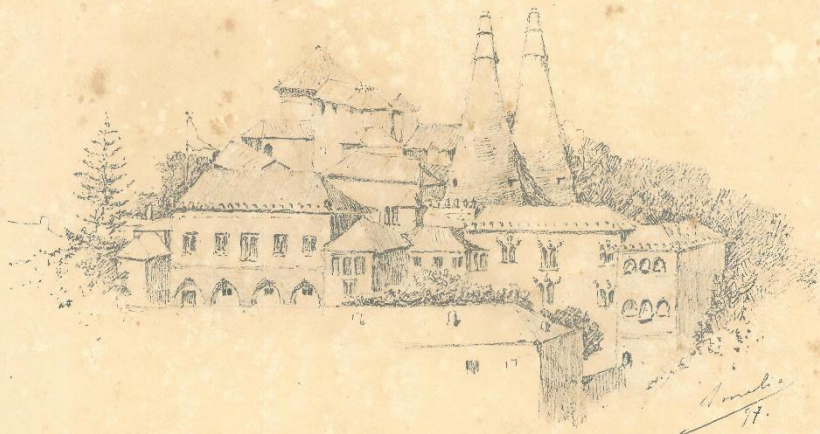
Encuchila en paz el moro,
y, menoscando su barba,
dijo como quien medita,
en la mejilla una lágrima:

— Ve tus castillos mejores
que nuestros jardines son,
y son más bellas tus flores
por ser tuyas, en León.

Y tú diste tus amores
a alguno de tus guerreros,
huro del Edén, no llores;
vete con tus caballeros.

Y dándole su caballo
y la mitad de su guardia,
el capitán de los moros
volvió en silencio la espada.

Zorrilla



Oh! sobre paços da risonha Cinza,
 Não sobra a roca erguidos, mas frisados
 Na planície tranquilla — que memórias
 Não estais recordando sandosas
 Dos bons tempos de Lygia! Nem setteiras
 Nem torreses nem barbicans nem fossos.
 E que havia mister d'esse apparato
 Dado a tyrannos, que inimigos vivem
 De inimigos cercados? Que soldados,
 Que mercenarias hostes de Janizaros
 Treusara um monarcha lusitano,
 Que precedido vai por delois cannas,
 Symbolo da brandura e singeliza
 De bom pastor de povo?

Garrett.

Fig. 47

Sonetto LXIV

Io amai sempre ed amo forte ancora
 È son per amar più di giorno in giorno
 Quel dolce loco, ove piangendo torno
 Oppresse fiato, quando Amor m' accora;
 È son fermo d' amare il tempo e l' ora
 Ch' ogni vil cura mi levâr dintorno,
 E più colui, lo cui bel viso a dorno
 Di ben far co' suoi esempi m' innamorò.
 Ma chi pensò veder mai tutti insieme
 Per assalirmi il core or quindi, or quindi
 Questi dolci nemici, ch' è l' aver l' amo?
 Amor con quanto sforzo oggi mi vince!
 E se non ch' al desio cresce la speme,
 I cadrei morto, ove più viver bramo

Petrarca

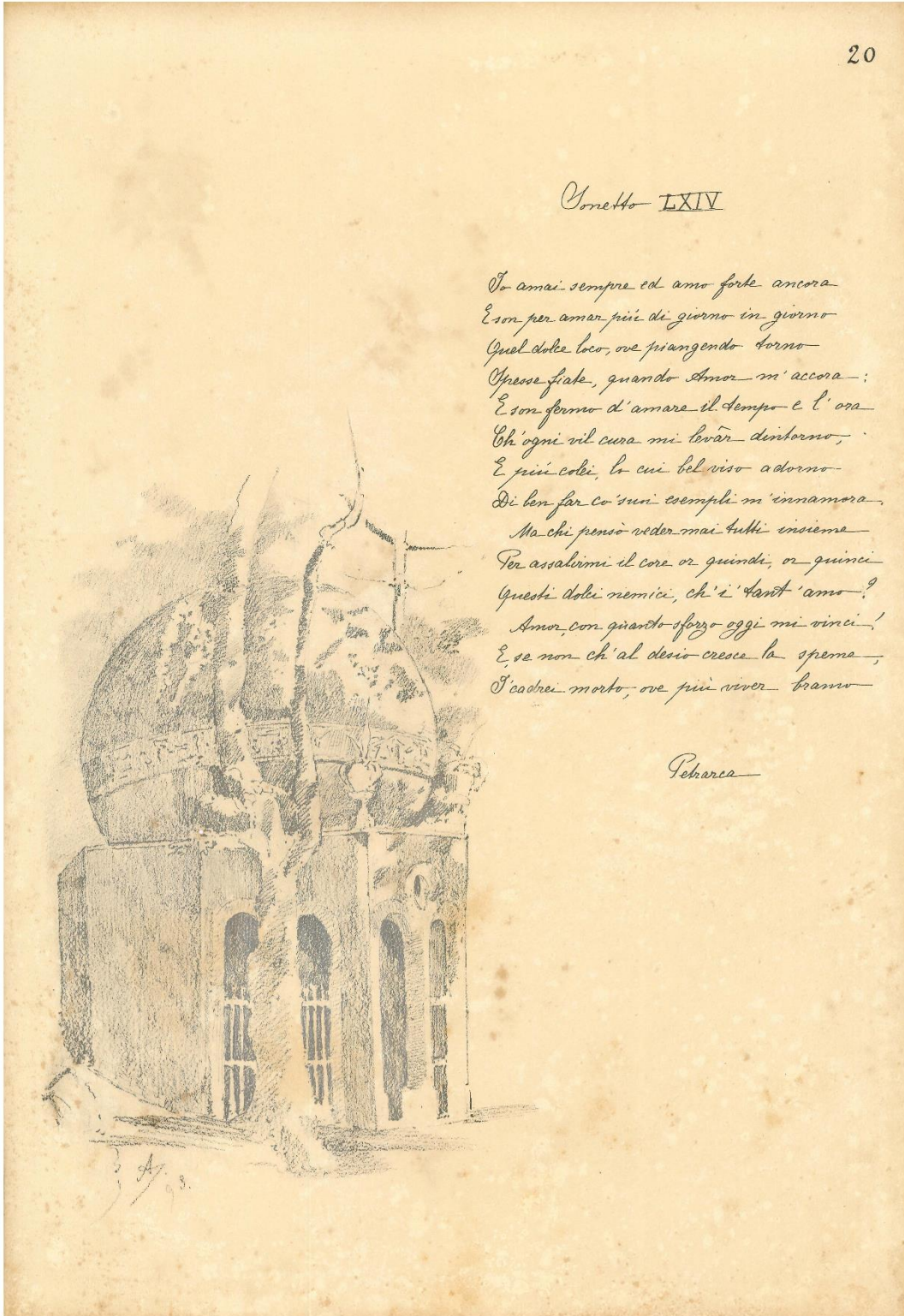


Fig. 48

Factos.

Quem inventou a partida—
 Não sabia o que é amor—
 Quem parte, parte sem vida—
 Quem fica morre de dor—

Vivo coração d' aldeia—
 Coração, sino da gente—
 Um a sentir quando bate—
 Outro a bater quando sente—

Quizera ser a lua—
 Que à noite se faz scismar—
 Quizera ser a sombra sua—
 Não a nunca, nunca se deixar—

Quizera ser o sorriso—
 Que illumina os lábios teus—
 Que ao ar no Paraiso—
 Te'a te põe ao pé de Deus—

Amar e saber amar—
 São dois pontos delicados—
 Os que amam são sem conta—
 Os que sabem são contados—

Os teus olhos negros, negros
 São pretinhos de Guiné :
 De Guiné por serem negros
 Pretinhos por não ter fé.

Os olhos pretos são falsos
 Os azues são lisongeiros,
 Os os acastanhados
 São laes, verdadeiros.

A ausencia tem uma filha—
 Que tem por nome saudade :
 Eu sustento mãe e filha—
 Bem contra a minha vontade—

Anselmo
 93.

Fig. 49

Quessi-tem-Memorias pequenas
Por força lhes ha de cantar
Quantas vezes cantam as mães
Com vontade de chorar.

Amor é sonho que mata,
Perfume que se evapora,
Madeira que se desata,
Correio que desfallece.

Aragem corre de manso,
Boleto mais de leve,
Pousando brisa mais doce,
Não turba o meu descansar,
Miragem que não alcanço
Em minha alma se retrata,
Toga nas azas de prata
Do sonho que me enamora;
Suspira guitarra chora
Amor é sonho que mata.

O sol desampara a vaga,
A vaga foge do mar,
Togem as nuvens no ar
E a branca espuma na praia;
Toga a luz que me afaga,
A luz do sol que me aquece,
Toga dos lábios a prece,
Se tu miragem persistes,
Que amor é sonho dos tristes
Perfume que se evapora.

O lírio ama a campina
A campina a luz do sol,
Ama a noite o rouxinol
E a abelha a flor purpúrea;
Ama a aragem matutina
O manso lago de prata
E eu a miragem ingrata
Da mulher que não me adora;
Amor é flor que desceia
Madeira que se desata.

Minha alma vaga na altura,
Guitarra geme com ansia,
Exhala flor mais fragancia,
Da me aragem mais frescura.
É triste e curta a ventura
Que o prazer nos fornece,
Eu, miragem desapareço
Meu pezar deixa que corre,
Que amor é sonho que morre,
Correio que desfallece.



22

Lune, quel esprit sombre
 Promène au bout d'un fil
 Dans l'ombre
 La face et ton profil ?
 Es-tu l'œil du ciel loigne ?
 Quel cherubin cafarot
 Nous loigne
 Vers ton masque Clafard ?
 N'es-tu rien qu'une boule ?
 Qu'un grand faucheur ben gras
 Qui roule
 Dans pattes et sans bras ?
 Es-tu je t'en soupçonne
 Le vieux cadran de fer
 Qui somme
 L'heure aux dames et confes ?

Sur son front qui voyage
 Le son ont-ils compté
 Quel âge
 Et leur éternité ?

Est ce un œil qui se ronge
 Quand son disque noirce
 S'allonge
 En croissant reboue ?

Qui t'avait choquée
 L'autre nuit ? C'était tu
 Copie
 A quelque ardeur ponde ?

Ballade à la Lune

C'est dans la nuit brune
 Sur le clocher jauni
 La lune
 Comme un point sur un i

Fig. 50

Par un vin, pâle et moine,
Coller sur mes carreaux
La corne
Et travers les barreaux.

Va, lune moribonde,
Le beau corps de Phœbé
La blonde
Dans la mer est tombé.

En n'en es que la face
Et déjà tout ridé
D'efface
Ton front dépossédé.

Prends-nous la chasseresse
Blanche, au sein virginal,
Qui presse
Quelque ceaf matinal !

Oh ! sous le vert platane,
Vers les frais condriers,
Diane
Et ses grands levriers !

Le chevreau noir qui doute,
Tendu sur un rocher,
L'écoute
L'écoute s'approcher.

Et, suivant leurs curies,
Par les vauz, par les bés,
Les prés,
Les chiens s'en sont allés.

Oh ! le soir, dans la brise,
Phœbé, sœur d'Apollo,
Surprise
A l'ombre, un pied dans l'eau !

Phœbé qui, la nuit close,
Aux lînes d'un berger
Se pose
Comme un oiseau léger.

Lune, en notre mémoire,
De ses belles amours
L'histoire
L'embellira toujours.

Et, toujours rajeunie,
Tu seras au passant
Béni,
Plene lune ou croissant.

L'aimera le vieux père,
Veul, tandis qu'il a bon front
D'alléger
Des dogues aboieront.

L'aimera le piblot
Dans son grand bâtiment,
Qui flotte
Vers le clair firmament.

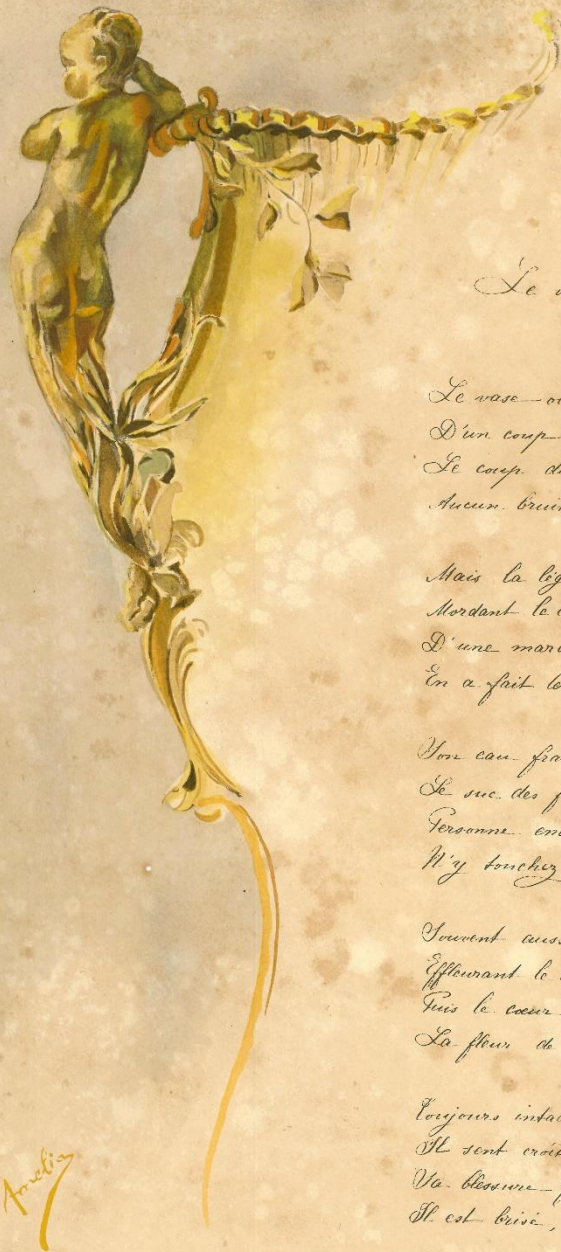
Et la fillette preste
Qui passe le buisson,
Pied lèste,
En chantant sa chanson.

Comme un ours à la chaîne
Toujours sous ses yeux bleus
De traîne
L'Océan monstrueux.

Et qu'il vente ou qu'il neige,
Moi-même, chaque soir,
Que gris-je,
Venant ici m'asseoir ?

Je viens voir à la beune,
Où le clocher jaunit,
La lune
Comme un point sur un s.

Alfred de Musset



Le vase brisé.

*Le vase où meurt cette voisine
D'un coup d'éventail fut fêlé ;
Le coup dut effleurer à peine,
Aucun bruit ne l'a révélé.*

*Mais la légère meurtrissure,
Mordant le cristal chaque jour,
D'une marche invisible et sûre
En a fait lentement le tour.*

*Son eau fraîche a fui goutte à goutte,
Le suc des fleurs s'est épuisé ;
Personne encore ne s'en doute,
N'y touchez pas, il est brisé.*

*Souvent aussi la main qu'on aime,
Effleurant le cœur, le meurtrit ;
Puis le cœur se fend de lui-même,
La fleur de son amour périt ;*

*Toujours intact aux yeux du monde,
Il sent crebra et pleurer tout bas
Sa blessure fine et profonde,
Il est brisé, n'y touchez pas.*

Victor Prudhomme

Amelior

Fig. 51



Odor de Feminina

*Era austero e sério; não havia
 Trada mais exemplar n' esse convento;
 No seu cavado rosto macilento
 Um poema de lágrimas se lia.*

*Uma vez que na extensa livraria
 Folheava o triste um livro paratento,
 Viram-no demasia, caher do assento,
 Convulso, e tivo sobre a lóga fria.*

*De que moçêra o venerando frade?
 Em vão busco as origens da verdade,
 Ninguém m'a disse, explique a quem puder.*

*Conta que um biblióphilo comprára
 O livro estranho e que, ao abri-lo, achára
 Uns dourados cabellos de mulher.....*

Gonçalves Crespo

Fig. 52



25

Sous les Arbres.

La nuit tombait; au tronc d'un chêne, non peinte
Elle s'assait pensif; elle disait " Voyez
Ma prière toujours dans vos cœurs comme un astre,
Et mon amour toujours comme un chien à vos pieds,

Victor Hugo
Les Contemplations.

Fig. 53



Hymne à la Douleur.

*Frappe encore à Douleur, si tu trouves la place !
 Frappe, ce cœur saignant & abhorré, et te rend grâce,
 Puissance qui ne sais plaindre ni pardonner !
 Quoique mes yeux n'aient plus de pleurs à te donner,
 Il est peut-être en moi quelque fibre sonore
 Qui peut sous ton regard se torturer encore.*

Fig. 54

Comme un serpent coupé, sur le chemin géant,
Dont le tronçon se tord sous le pied du passant,
Grand l'homme, racimant une rage assurée,
Cherche encor la douleur, car ne bat plus la vie!
Il est peut-être encor dans mon cœur déchiré
Quelque cri plus profond et plus inespéré
Que tu n'as pas encor tiré d'une âme humaine,
Musique ravissante aux transports de la haine!
Cherche! je m'abandonne à ton regard jaloux,
Car mon cœur n'a plus rien à sauver de tes coups.

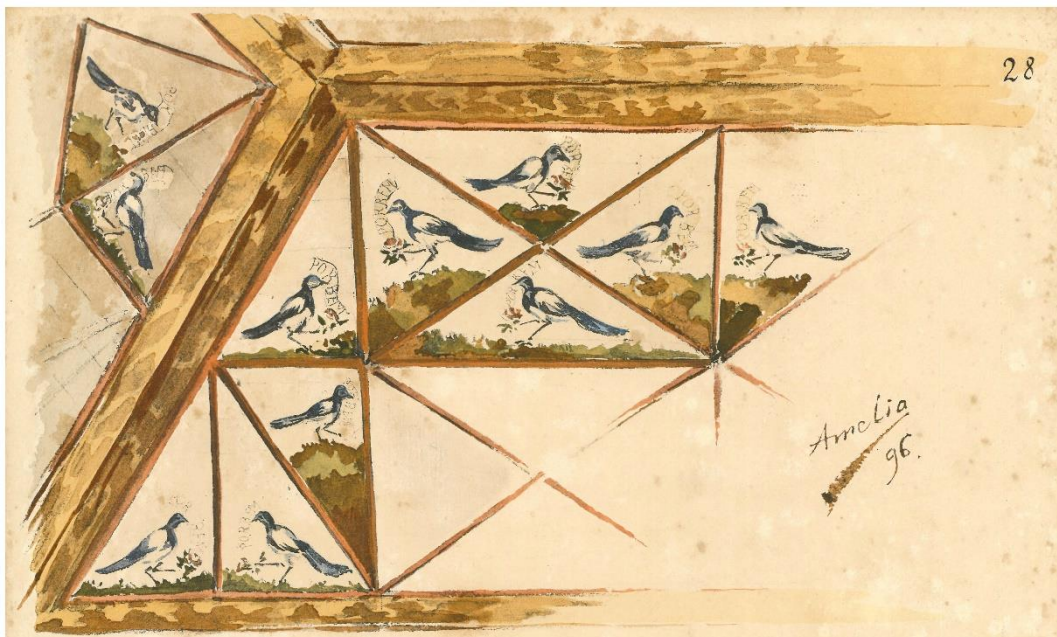
Vousent pour prolonger ma vie et ma souffrance,
Tu visitas mon sein d'un rayon d'espérance,
Comme on laisse reprendre haleine aux voyageurs
Pour les mener plus loin au sentier des douleurs;
Vousent, dans cette nuit qu'un éclair entrecoupe
De la félicité tu me tendis la coupe,
Et quand elle écuma sous mes desirs ardents,
Ta main me la bécota pleine contre les dents,
Et tu me déchirais, dans tes cruels caprices,
La lèvre aux bords sanglants du vase des délices!
Et maintenant, triomphe! Il n'est pas dans mon cœur
Une fibre qui n'ait reconnu sa douleur;
Pas un cheveu blanchi de ma tête penchée
Qui n'ait été bruyé comme une herbe fauchée;
Pas un amour en moi qui n'ait été frappé,
Un espoir, un désir, qui n'ait péri trompé!
Et je cherche une place en mon cœur qui te craigne,
Mais je ne trouve plus en lui rien qui ne saigne.

Et cependant j'hésite, et mon cœur suspendu
Flotte encore incertain sur le nom qui t'est dû,
Ma bouche te maudit; mais, n'osant te maudire,
Mon âme en gémissant te respecte et t'admire.
Tu fais l'homme, ô Douleur! oui, l'homme tout entier,
Comme le creuset l'or, et la flamme l'acier,
Comme le grès, noirci des débris qu'il enlève,

En déhissant le fer, fait un tranchant au glaive,
 Qui ne t'a pas connu ne sait rien d'ici-bas,
 Il foule mollement la terre, il n'y vit pas ;
 Comme sur un nuage il flotte sur la vie ;
 Rien n'y marque pour lui la route en vain suivie ;
 La sueur de son front n'y mouille pas sa main,
 Son pied n'y heurte pas les cailloux du chemin ;
 Il n'y sait pas, à l'heure où faillissent ses armes,
 Prélever ses vertus aux flots brûlants des larmes ;
 Il n'y sait point combattre avec son propre cœur,
 Le combat douloureux dont gémit le vainqueur,
 Élever vers le ciel un cri qui le supplie,
 L'affermir par l'effort sur son genou qui plie,
 Et dans ses déceptions, dont Dieu seul est témoin,
 L'appuyer sur l'obstacle et s'élançer plus loin.

Pour moi, je ne sais pas à quoi tu me prépares,
 Mais tes mains de leçons ne me sont point avares ;
 Tu me traites sans doute en favori des cieux,
 Car tu n'épargnes pas les larmes à mes yeux.
 Eh bien, je les reçois comme tu les envoies ;
 Les maux seront mes biens, et tes soupirs mes joies.
 Je sens qu'il est en toi, sans avoir combattu,
 Une vertu divine au lieu de ma vertu,
 Que tu n'es pas la mort de l'âme, mais sa vie,
 Que ton bras, en frappant, guérit et vivifie !
 Evi donc que ma souffrance a souvent accusé,
 Evi devant qui ce cœur s'est tant de fois brisé.
 Preois, Dieu trois fois saint, cet encens dont tout fume !
 Qui, c'est le seul bûcher que la terre t'allume,
 C'est le charbon divin dont tu brûles nos sens.
 Quand l'autel est souillé, la douleur est l'encens.

Lamarckine



Por Bem.

Gavião, gavião branco
Vai ferido e vai voando;
Mas não diz quem n'ó feriu,
Gavião, gavião branco!

O gavião é callado,
Vai ferido e vai voando;
Assim forá a negra pega
Que hade sempre andar pabrando.

A pega é negra e pabrira,
O que sabe vai contando...
Muito pabra, pabra a pega
Que sempre hade estar pabrando.

Mas quer Deus que os chocatheiros
Guardem as rezes, fallando,
O segredo dos susudos
Que elles não guardam callando.

As pegas de Cintra.

Era uma pega no paço
Que el-rei tomara caçando;
Crazem-n'a as damas mimosa
Com a estar sempre afagando.

Nos paços era de Cintra
Onde estava el-rei poisando;
A rainha e as suas damas
No jardim andam falgando,

Entre assucenas e rosas,
Entre os goivos rebelhando;
Umás regavam as flores,
Outras as vão aparrhando;

E a minha pega com ellas
Sempre, sempre pabrando.
Viuha el-rei atraz de todos
Com Dona Meia fallando.

Fig. 55

Era a mais formosa dama
Que andava n'aquelle bando;
No humil de Dona Micia,
A pèga vinha pisando.
Mas quer Deus que os chocalheiros
Guardem as vezes fallando
O segredo dos siuatos
Que elles não guardam callando.

E zelosa parecia
Que os andava espreitando...
Colheira el rei uma rosa,
A Dona Micia a ia dando.
Riu-se a rainha da pèga,
E ficou acreditando
Que a innocencia do caso
N'ella se estava provando.

Com um requêbro nos olhos
Tam memorado e tam brando...
Inda bem, minha rainha,
Que adiante te vais andando.
Da pèga mexeriqueira,
Do bem que fez, mal pensando,
Nos reaes paços de Vinta
Que memoria está durando.

Fogou na rosa a donzella,
Disfarcada a está cheirando...
Venão quando a negra pèga
Que lh'a tia e vai voando.
E eis aqui, senhora, a historia
Da pèga que ahí vos palbrando,
Da rosa que tem no bico,
Da letta que a está cercando.

Deu um grito Dona Micia...
E a rainha, voltando,
Deu com os olhos em ambos...
Ambos se estão delatando.
A pèga é negra e palheira,
Que sabe vai contando:
Mas quer Deus que os chocalheiros
Guardem segredo fallando.

— "Foi por bem"! — lhe disse o rei, — O gavião, esse é outro;
Seu accõdo recobrando: Vão ferido e vai voando:
— "Foi por bem"! — "Foi bem" repete Mas não diz quem n'o feriu...
A pèga entõm voando, Gavião, gavião branco!

— "Foi bem, por bem!" — grasna a tosta,
De má malicia cuidando
Co'a chocalheira da lingua
Andar o caso inredando.

Do Romancero
de Amel de Gannell.



É um he hum fogo que arde sem se ver ;
 É a ferida que dóe e não se sente ;
 É hum contentamento descontente ;
 É a dor que desatina sem doer ;

 É hum não querer mais que bem querer ;
 É solitário andar por entre a gente ;
 É hum não contentar-se de contente ;
 É cuidar que se ganha em se perder ;

 É hum estar-se preso por vontade ;
 É servir a quem vence o vencedor ;
 É hum ter com quem nos mata a balde .

 Mas como causar pode o seu favor
 Nos mortaes coração conformidade,
 Sendo a si tão contrário o mesmo Amor .⁹

Carriões

Amélia
1900.

Fig. 56



Fig. 57

Linha appetites doídos de mandar—
A todos os diabos o latim—,
Invadir o balcão, de ir amassar—,
De ser padeiro com padeira assim—.

Os repiques de sinos annunciam—
Que a padeira casou com o namorado—,
Ao professor os olhos se annunciam—
E lá se vai a escola acabunhado—.

A noite no seu quarto quando o esmaga—
A solidão, e que o ciúme o gela—,
Consoa-se apagando a ideia vaga—
De ensinar o latim a um filho d'ella—.

Conde de Sabugosa—.



Rappelle-toi.
(Vergiss mein nicht).

Paroles faites sur la musique de Mozart.

Rappelle-toi, quand l'Aurore craintive
Ouvre au Soleil son palais enchanté ;
Rappelle-toi, lorsque la nuit pensive
Passe en rêvant sous son voile argenté ;
A l'appel du plaisir lorsque ton vin palpite,
Aux doux songes du soir lorsque l'ombre t'invite,
Ecoute au fond des bois
Murmurer une voix.
Rappelle-toi.

Fig. 58

Rappelle-toi, lorsque les destins
N'auront de toi pour jamais séparé,
Quand le chagrin, l'exil et les années
Auront flétri ce cœur désespéré;
Veux-tu à mon triste amour, songe à l'adieu suprême!
L'absence ni le temps ne vont rien quand on aime,
Tant que mon cœur battra,
Toujours il te dira:
Rappelle-toi

Rappelle-toi, quand sous la froide terre
Mon cœur brisé pour toujours dormira;
Rappelle-toi, quand la fleur solitaire
Sur mon tombeau doucement s'ouvrira,
Tu ne me verras plus; mais mon âme immortelle
Reviendra près de toi comme une sœur fidèle,
Ecoute dans la nuit,
Une voix qui gémit —
Rappelle-toi

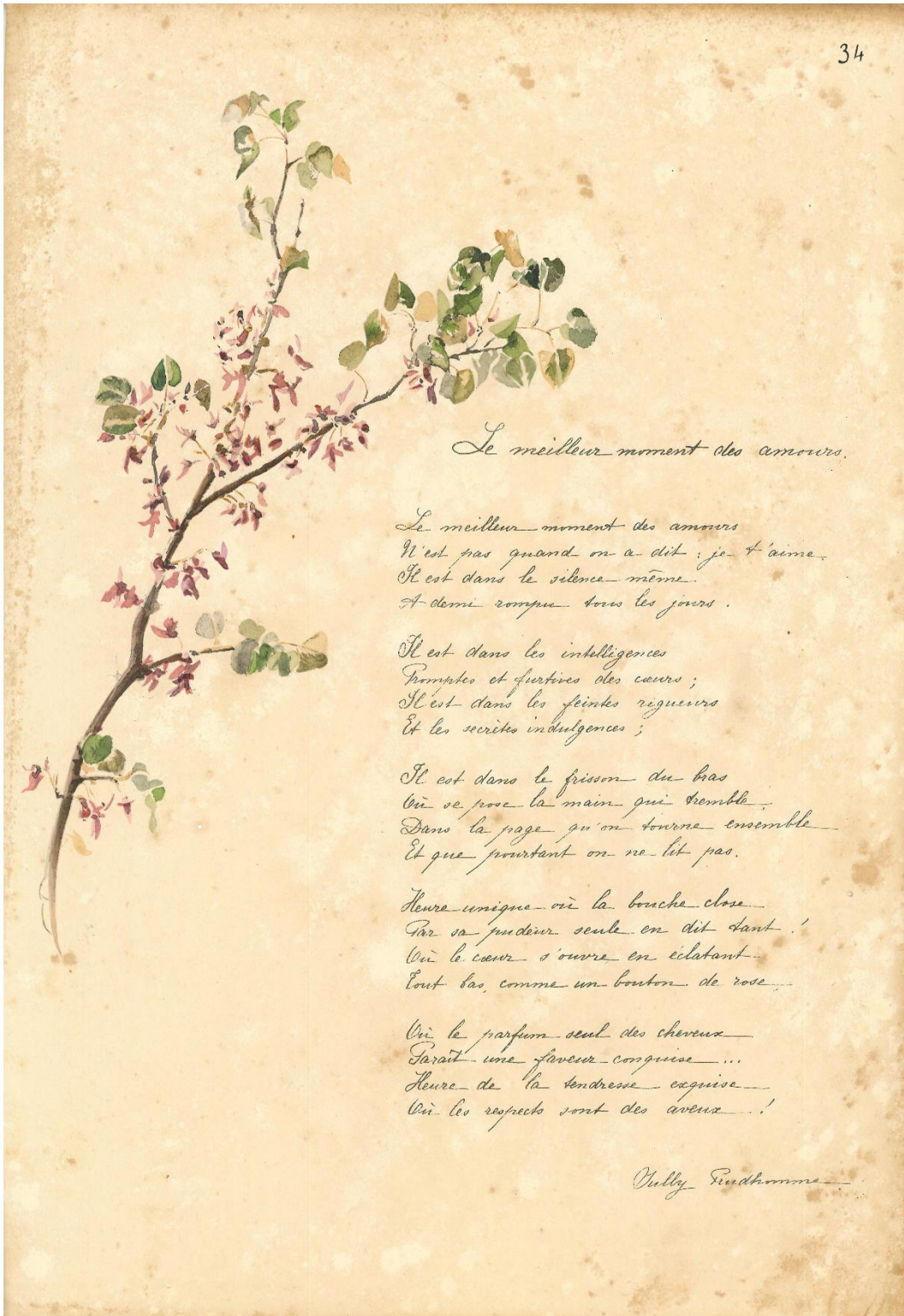
Alfred de Musset.



Fig. 59



Fig. 60



Le meilleur moment des amours.

*Le meilleur moment des amours
N'est pas quand on a dit : je t'aime.
Il est dans le silence même.
A demi rompu tous les jours.*

*Il est dans les intelligences
Promptes et furtives des cœurs ;
Il est dans les feintes rigueurs
Et les secrètes indulgences ;*

*Il est dans le frisson du bras
Où se pose la main qui tremble.
Dans la page qu'on tourne ensemble
Et que pourtant on ne lit pas.*

*Heure unique où la bouche close
Par sa pudeur seule en dit tant !
Où le cœur s'ouvre en éclatant
Tout bas, comme un bouton de rose.*

*Où le parfum seul des cheveux
Parait une faveuse conquise...
Heure de la tendresse exquise
Où les respects sont des aveux !*

Vully Fiedthomme

Fig. 61

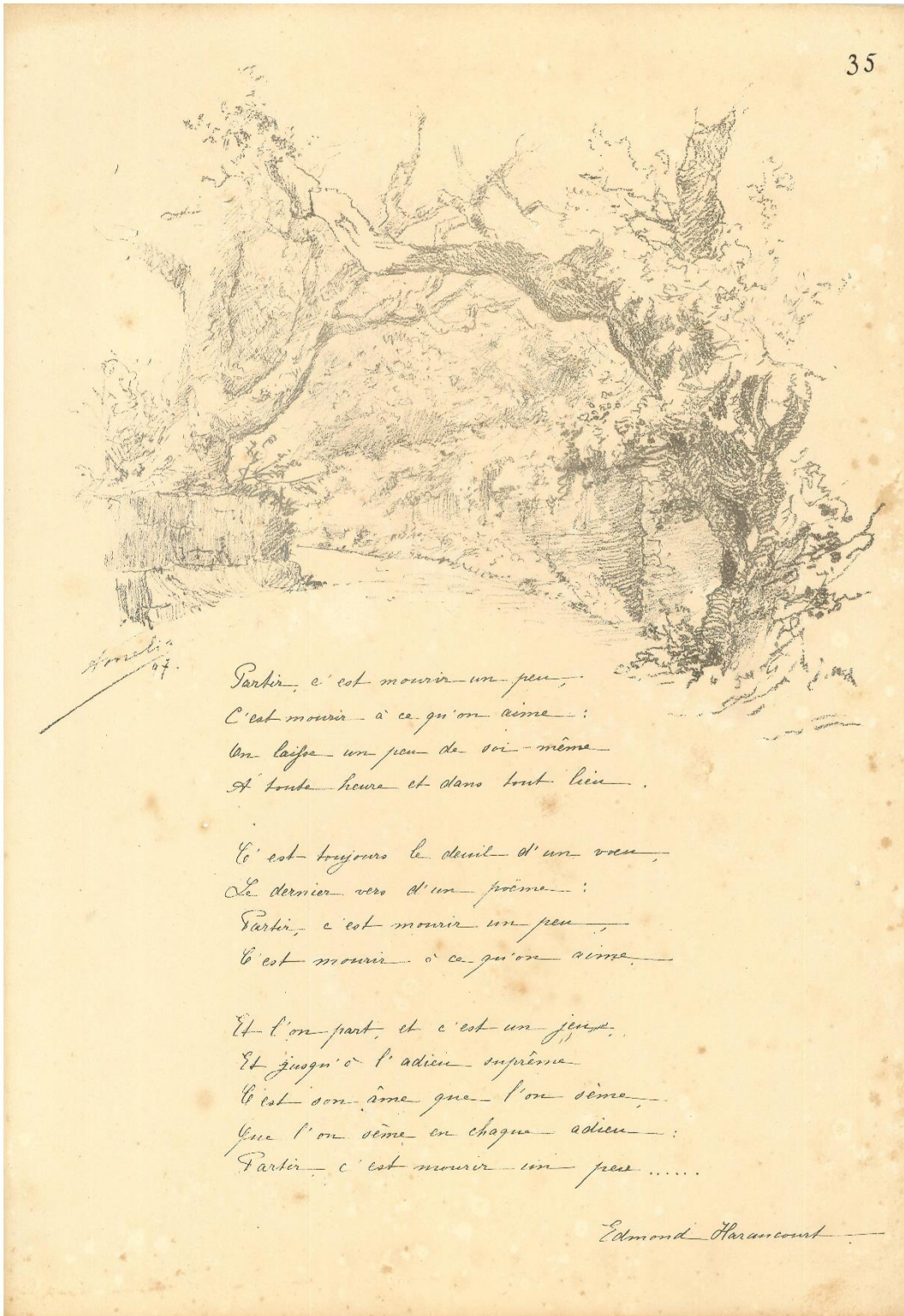


Fig. 62



D. Juan:
D. Luis:
D. Juan

Don Juan Tenorio - Acto 1.º -

Hallad, pues.

No, vos debéis empezar.
Como gustéis, igual es,
que nunca me hago esperar.
Pues, señor, yo desde aquí,
buscando mayor espacio
para mis hazañas, di
sobre Italia, porque allí
tiene el placer un palacio.
De la guerra y del amor
antigua y clásica tierra,
y en ella el Emperador,
con ella y con Francia en guerra,
dijeme: "¿Dónde mejor?
Donde hay soldados hay juego,
hay pendencias y amores."
Di, pues, sobre Italia luego,
buscando a sangre y a fuego
amores y desafíos.
En Roma, a mi apuesta fiel,
fijé, entre hostil y amoroso,
en mi puerta este cartel:
Aquí está don Juan Tenorio

Fig. 63

Y sobre todo una villa
extiende mi cenitio:
ni en Córdoba ni en Sevilla
hay un parque como el mío.

Allí la altiva palmera
y el encendido granado;
junto a la grande higuera,
cubren el valle y collado.

Allí el robusto nogal,
allí el níspero amarillo,
allí el sombrío morol,
crecen al pie del castillo.

Y olivos tengo en mi alameda
que hasta el cielo se levantan,
y en redes de plata y seda
tengo pájaros que cantan.

Y tú mi sultana eres;
que, desierto mis salones,
cota mi harem sin mujeres,
mis oídos sin canciones.

Yo te daré terciopelos
y perfumes orientales;
de Grecia te haré velos,
y de Cachemira chales.

Y te daré blancas sultanas
para que adames tu frente,
mas blancas que las espumas

de nuestros mares de Oriente;

Y perlas para el cabello,
y banos para el calor,
y collares para el cuello,
para los labios..... amor!

— Que me valen tus riquezas
respondiéndole la cristiana—
si me quitas a mi padre,
mis amigos y mis damas?

Vuelveme, vuelveme, moro,
a mi padre y a mi patria,
que mis torres de León
valen más que tu Granada.

Escuchóla en paz el moro,
y, menoscando su barba,
dijo como quien medita,
en la mejilla una lágrima:

— Ve tus castillos mejores
que nuestros jardines son,
y son más bellas tus flores
por ser tuyas, en León.

Y tú dieste tus amores
a alguno de tus guerreros,
huro del Edén, no llores;
vete con tus caballeros.

Y dándole su caballo
y la mitad de su guardia,
el capitán de los moros
volvió en silencio la espada.

Zorrilla



Rappelle-toi.
(Vergiss mein nicht).

Paroles faites sur la musique de Mozart.

Rappelle-toi, quand l'Aurore craintive
Ouvre au Soleil son palais enchanté ;
Rappelle-toi, lorsque la nuit pensive
Passe en rêvant sous son voile argenté ;
A l'appel du plaisir lorsque ton vin palpite,
Aux doux songes du soir lorsque l'ombre t'invite,
Ecoute au fond des bois
Murmurer une voix.
Rappelle-toi.

Fig. 64

Juge inflexible, il veut savoir
Vie jusqu'au bout, malgré l'orage,
Elle accomplira son devoir
Sans démentir ce long courage.

Et s'il la voit, au dernier jour,
Dans que sa fermeté reclame,
Il lui sourit avec amour.
C'est ainsi que Dieu forge une âme !

Eugène Manuel.

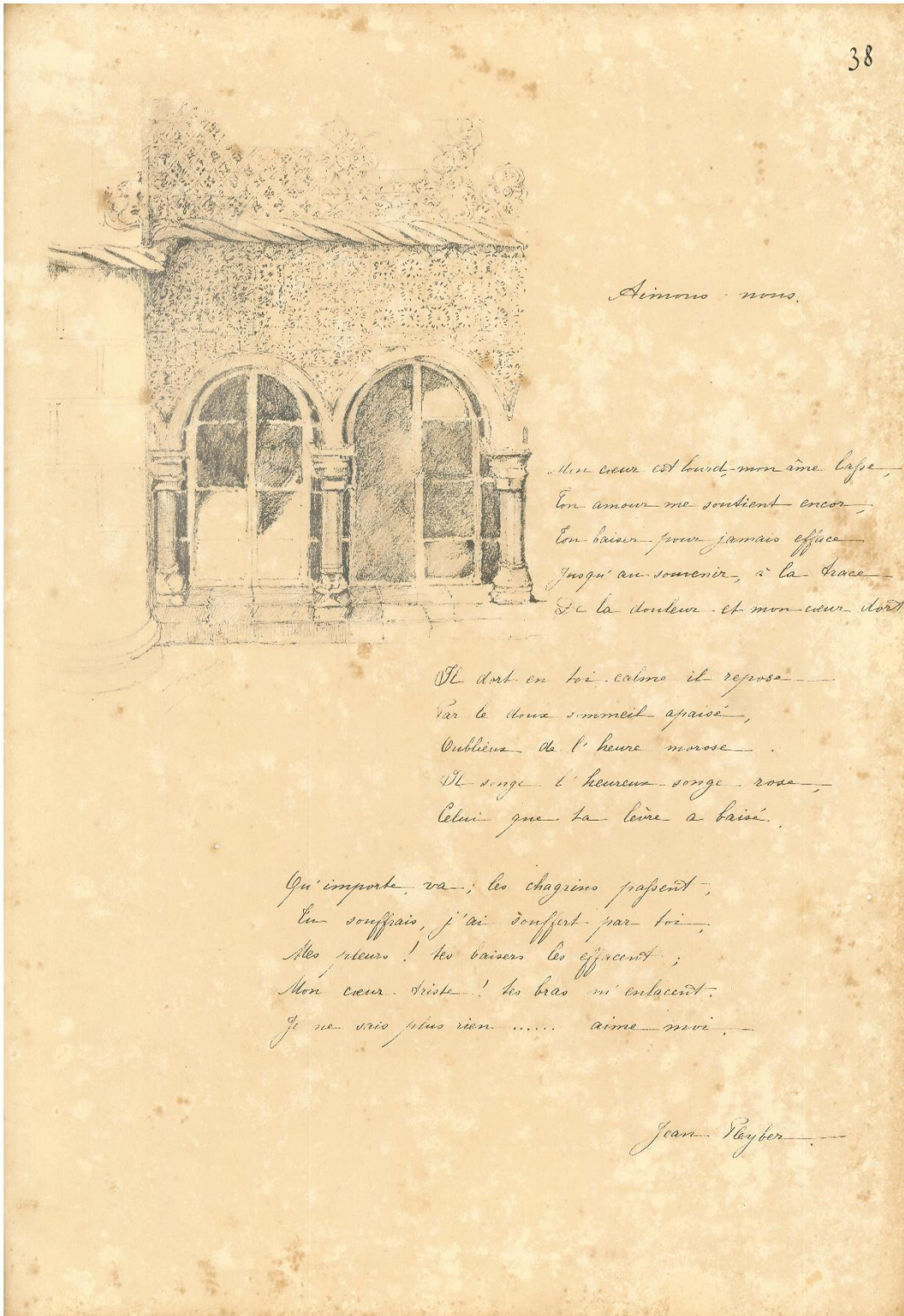
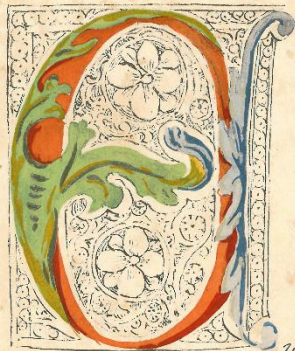


Fig. 65



Cantar guayado por El-Rei D. Diniz.

ay flores! ay flores do verde pinho!
se sabedes novas do meu amigo?

Ay Deus! E hu é!

Ay flores! ay flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado?

Ay Deus! E hu é?

Ve sabedes novas do meu amigo,
aqueil que mentiu do que jaz comigo?

Ay Deus! E hu é?

Ve sabedes novas do meu amado,
aqueil que mentiu do que m'a jurado?

Ay Deus! E hu é?

— Vos me perguntades pel-o vosso amado—
e eu ben vos digo que é vivo e sano—

Ay Deus! E hu é?

E eu ben vos digo que é sano e vivo,
e seerá vosc' ant' o prazo saido—

Ay Deus! E hu é?

E eu ben vos digo que é vivo e sano—
e seerá vosc' ant' o prazo passado—

Ay Deus! e hu é?

1mcl.
98.

Fig. 66



10 Mosteiro deserto.

IV.

É tão doce esta vaga saudade,
Na solidão das montanhas colhida,
Para quem entre mil tempestades
Transitou pelos campos da vida!

Foge a luz; é sol-poente; na aldeia
Dá o sino este triplo signal,
Com que o espirito, erguendo-se a Deus,
Diz ao dia seu último val;

É o pastor, que o rebanho guiava
A malhada, descendo do outeiro,
Parou lá; e ajoelhou descoberto
Juncto ao velho sósinho periteiro.

Gloria a Deus! A oração do crepúsculo
Pelo tronco elevado se ergueu,
É a guia-la ante o Throno do Eterno
O sancto archanjo das preces desceu.

At piedoso pastor no chão duro
Brando a noite o repouso traxa,
E por certo em seu leito de morte
Mais tranquillo ainda o somno será.

A. Herculano.

Fig. 67



Les Animaux malades de la Peste.

Un mal qui répand la terreur,
 Mal que le ciel, en sa fureur,
 Envoie pour punir les crimes de la terre,
 La peste (puisqu'il faut l'appeler par son nom),
 Capable d'enrichir en un jour l'Achéron,
 Faisait aux animaux la guerre.
 Ils ne mouraient pas tous, mais tous étaient frappés:
 On n'en voyait point d'occupés
 À chercher le soutien d'une mourante vie;
 Nul mets n'excitait leur envie;

Fig. 68

Ni loup ni renard n'éprouaient
La douce et l'innocente proie ;
Les soubrettes se fuyaient
Plus d'amour ; parlant, plus de joie.

Le lion tout conseil, et dit : " Mes chers amis,
Je crois que le ciel a permis
Pour nos péchés cette infortune...
Que le plus coupable de nous
Se sacrifie aux droits du cèlèste courroux -
Peut-être il obtiendra la guérison commune.
L'histoire nous apprend qu'en de tels accidents
L'on fait de pareils dévouements.
Ne nous flattons donc point ; voyons sans indulgence
L'état de notre conscience.
Pour moi, satisfaisant mes appétits gloutons,
J'ai dévoré force moutons.
Que m'avaient-ils fait ? nulle offense ;
Même il m'est arrivé quelquefois de manger
Le berger.
Je me dévouerai donc, s'il le faut ; mais je pense
Qu'il est bon que chacun s'accuse ainsi que moi ;
Car on doit souhaiter, selon toute justice,
Que le plus coupable périsse."
- "Vive, dit le renard, vous êtes trop bon roi :
Vos scrupules font voir trop de délicatesse...
Eh bien ! manger moutons, canards, sette espèce,
Est-ce un péché ? Non, non. Vous leur faites, seigneur,
En les croquant, beaucoup d'honneur ;
Et quant au berger, l'on peut dire
Qu'il était digne de tous maux,
Étant de ces gens-là qui sur les animaux
Ont fait un chimérique empire."
Ainsi dit le renard ; et flatté d'applaudir,
On n'osa sans approfondir.

Du signe ni de l'ours, ni des autres puissances,
 Les moins pardonnables offenses :
 Tous les gens querelleurs, jusqu'aux simples matons,
 Au dire de chacun, étaient de petits saints.
 L'âne vint à son tour, et dit : " J'ai souvenance
 Qu'en un pré de moines passant,
 La faim, l'occasion, l'herbe tendre, et je pense,
 Quelque diable aussi me poussant,
 Je tordis de ce pré la largeur de ma langue ;
 Je n'en avais nul droit, puisqu'il faut parler net."
 A ces mots, on cria haro sur le baudet ;
 Un loup, quelque peu clerc, prouva par sa harangue
 Qu'il fallait dévorer ce maudit animal ;
 Ce pré, ce gâs, d'où venait tout le mal
 Sa peccadille fut jugée un cas pondable.
 Manger l'herbe d'autrui, quel crime abominable !
 Rien que la mort n'était capable
 D'expier son forfait. On le lui fit bien voir.

 Selon que vous serez puissant ou misérable,
 Les jugements de cour vous rendront blanc ou noir.

La Fontaine.

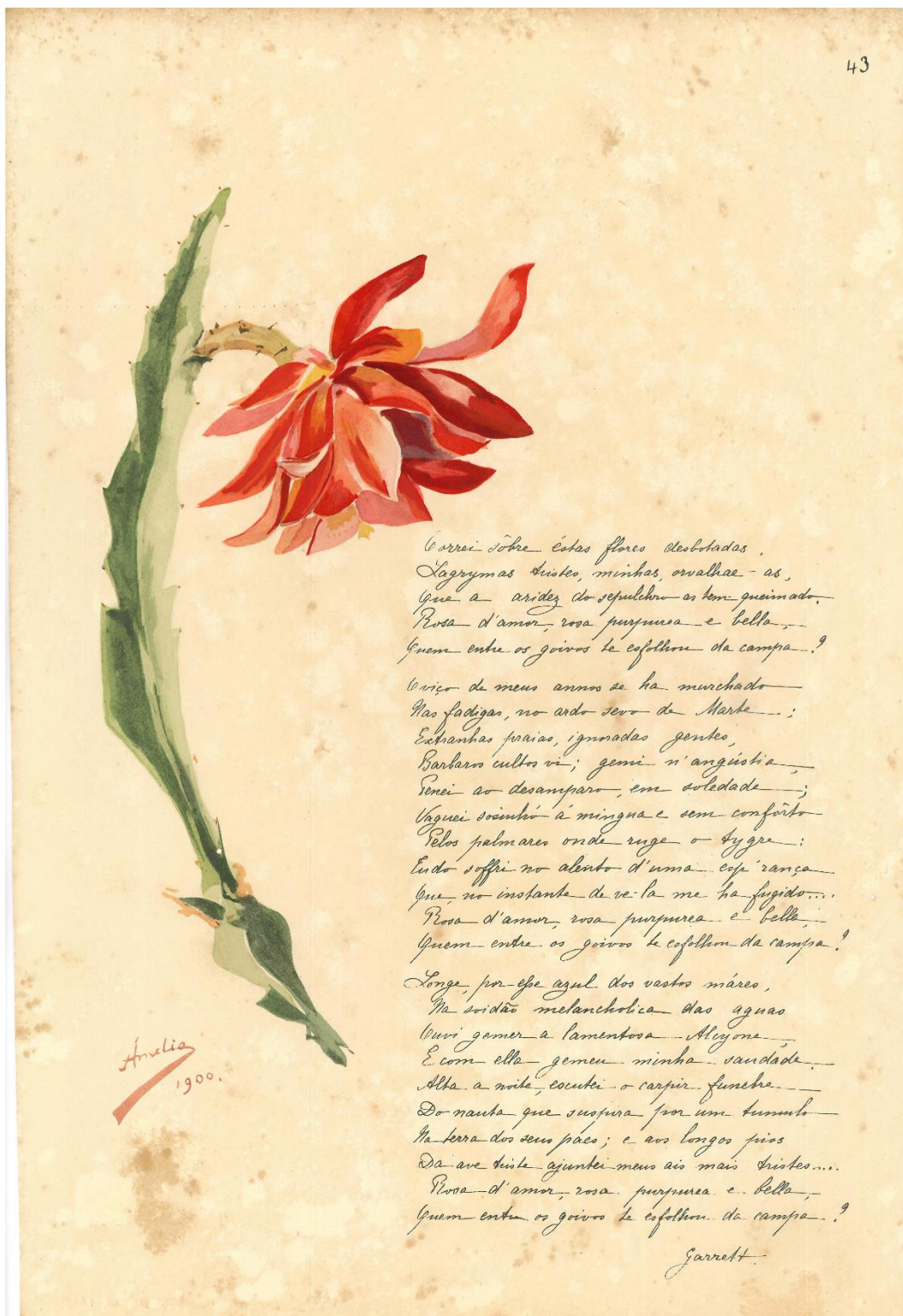
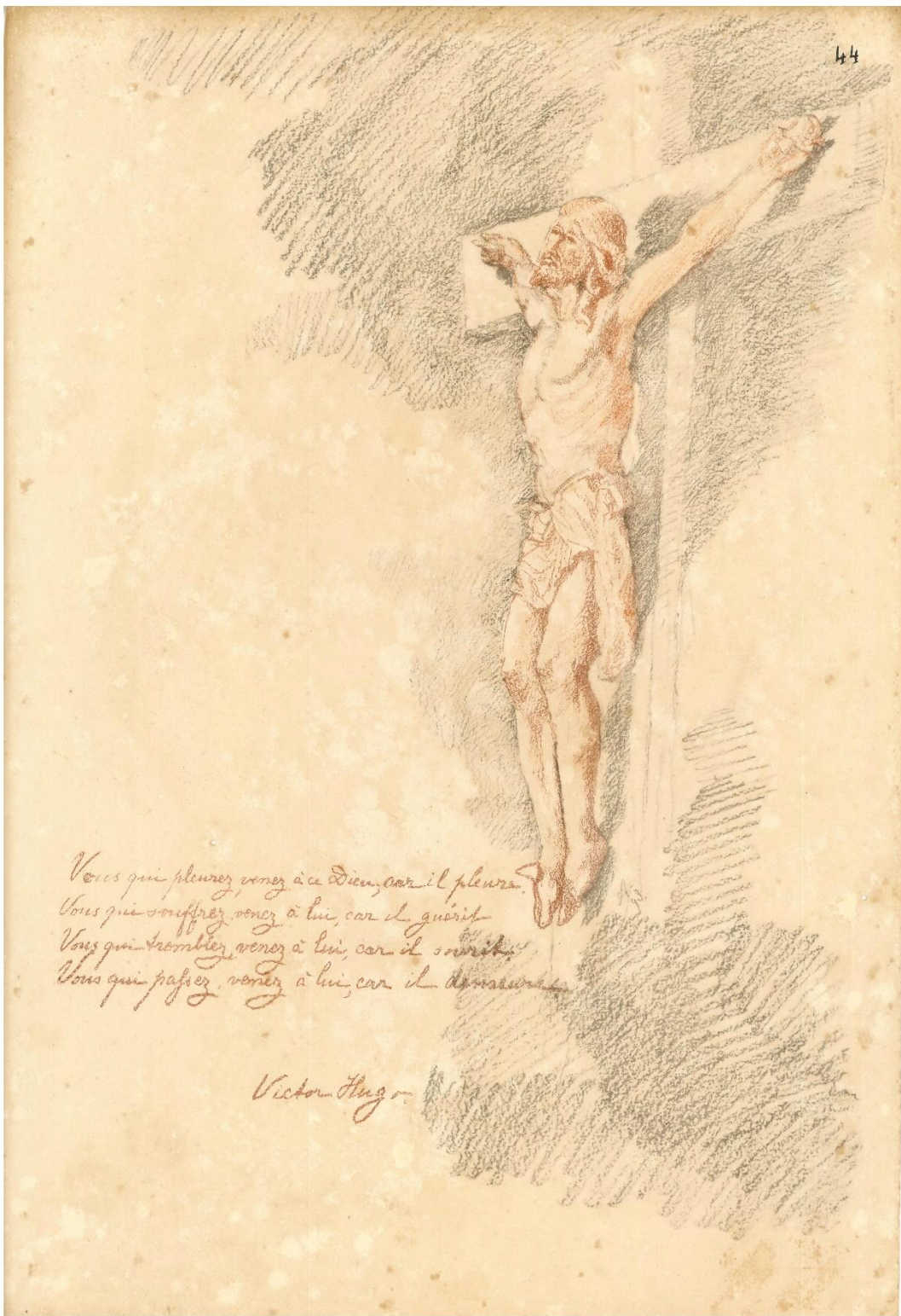


Fig. 69



Vous qui pleurez, venez à ce Dieu, car il pleure.
Vous qui souffrez, venez à lui, car il guérit.
Vous qui tremblez, venez à lui, car il sourit.
Vous qui passez, venez à lui, car il demeure.

Victor Hugo

Fig. 70



Fig. 71

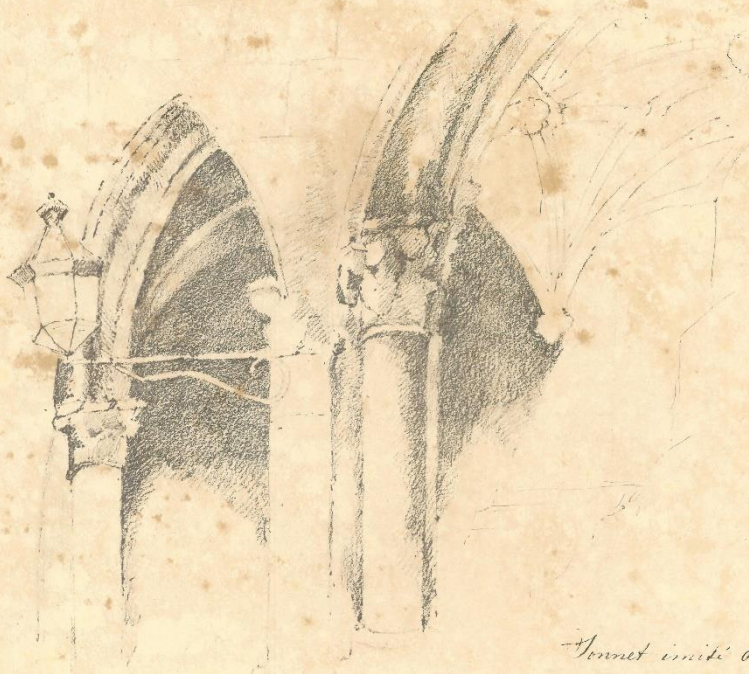


Ave - Maria - !

*Oh - ! Deus te salve, Maria,
 Cheia de graça graciosa,
 Dos peccadores abrigo.
 Gosa-te com alegria,
 Humana e divina rosa,
 Porque o Senhor e contigo.*

Gil Vicente

Fig. 72



Yonnet imité de l'Italien.

Non, l'âme a son secret, ma vie a son mystère :
 Un amour éternel en un moment conçu.
 Le mal est sans espoir, aussi j'ai dû le faire,
 Et celle qui l'a fait n'en a jamais rien su.

Hélas ! j'aurai passé près d'elle inaperçue,
 Toujours à ses côtés, et pourtant solitaire,
 Et j'aurai jusqu'au bout fait mon temps sur la terre,
 N'osant rien demander et n'ayant rien reçu.

Pour elle, quoique Dieu l'ai faite douce et tendre,
 Elle ira son chemin, distraite, et sans entendre
 Le murmure d'amour élevé sur ses pas.

À l'austère devoir pieusement fidèle,
 Elle dira, lisant ces vers tout remplis d'elle :
 "Quelle est donc cette femme ?" et ne comprendra pas.

Félix Arvers.

Fig. 73

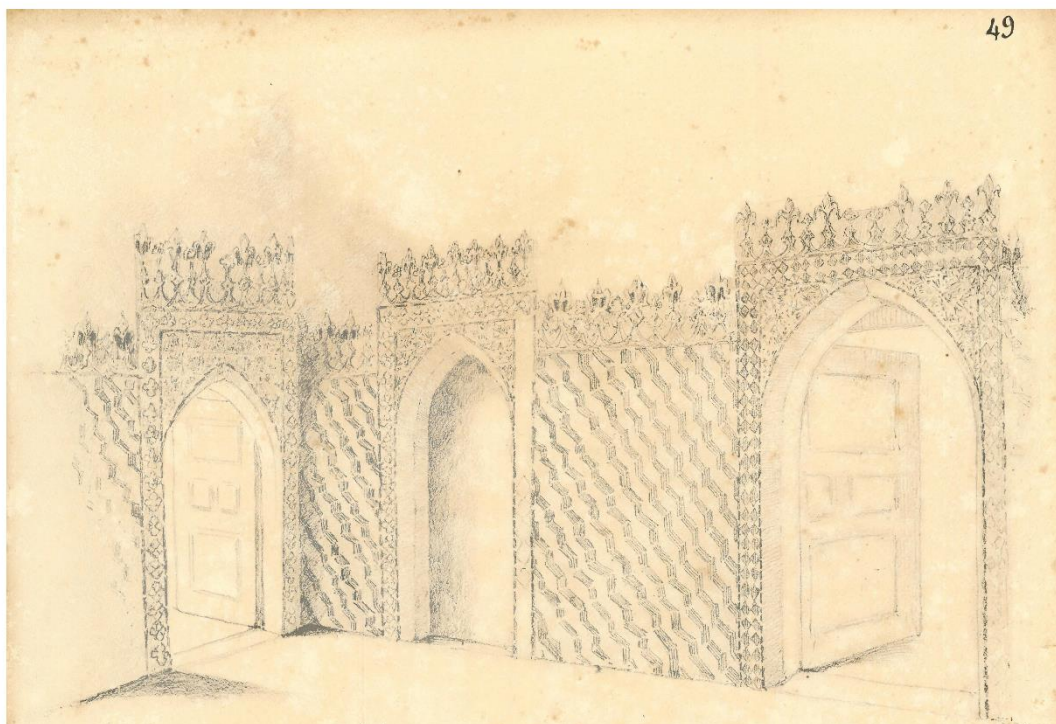


Os Lusíadas. Canto primeiro, XIX.

*Já no largo oceano navegavam—
 As inquietas ondas apartando—;
 Os ventos brandamente respiravam—;
 Das náves as velas concavas inchando—;
 Da branca espuma os mares se mostravam—
 Cobertos, onde as proas vão cortando—
 As marinhas águas consagradas,
 Que do gado de Pieter são cortadas;*

Camões.

Fig. 74



Le Cid. Acte III^e, Scène IV.

D. Rodrigue. Rigoureux point d'honneur ! hélas ! quoique je fasse,
 Ne pourrai-je à la fin obtenir cette grâce ?
 Au nom d'un père mort, ou de notre amitié,
 Fais-moi par vengeance, ou du moins par pitié,
 Un malheureux amant aura bien moins de peine
 À mourir par ta main qu'à vivre avec ta haine.

Chimène.

Va, je ne te hais point.

D. Rodrigue.

En le dois,

Chimène.

Je ne puis.

D. Rodrigue.

Crains-tu si peu le blâme et si peu les faux bruits ?
 Quand on saura mon crime et que ta flamme dure,
 Que ne publiera point l'envie et l'impudence !
 Force-les au silence, et sans plus disputer,
 D'une sa renommée en me faisant mourir.

Fig. 75

Chimène. Elle éclate bien mieux en te laissant la vie,
 Et je veux que la voie de la plus noire envie,
 Éleve au ciel ma gloire et plaigne mes ennemis,
 Châtant que je t'adore et que je te poursuis.
 Va-t'en, ne montre plus à ma douleur extrême
 Ce qu'il faut que je perde, encore que je l'aime.
 Dans l'ombre de la nuit cache bien ton départ;
 Si l'on te voit sortir, mon honneur court hasard.
 La seule occasion qu'aura la médisance,
 C'est de savoir qu'il n'est point de ta présence.
 Ne lui donne point lieu d'attaquer ma vertu,
 Que je meure !

D. Rodrigue. Va-t'en.
 Chimène. Va-t'en.
 D. Rodrigue. A quoi te résous-tu ?
 Chimène. Malgré des feux si beaux qui troublent ma colère,
 Je ferai mon possible à bien venger mon père ;
 Mais, malgré la rigueur d'un si cruel devoir,
 Mon unique souhait est de ne rien pouvoir.
 D. Rodrigue. O miracle d'amour !
 Chimène. O comble de misères !
 D. Rodrigue. Que de maux et de pleurs nous coûteront nos pères !
 Chimène. Rodrigue, qui l'eût eue...
 D. Rodrigue. Chimène, qui l'eût dit...
 Chimène. Que notre heur fût si proche, et si tôt se perdît ?
 D. Rodrigue. Et que si près du port, contre toute apparence,
 Un orage si prompt brisât notre espérance ?
 Chimène. Ah ! mortelles douleurs !
 D. Rodrigue. Ah ! regrets superflus !
 Chimène. Va-t'en, encore un coup, je ne t'écoute plus.
 D. Rodrigue. Adieu ; je vais traîner une mourante vie
 Tant que par ta poursuite elle me soit ravie.
 Chimène. Si j'en obtiens l'effet, je t'engage ma foi
 De ne respirer pas un moment après toi.
 Adieu ; sois, et surtout garde bien qu'on te voie.

T. Corneille.

Harmonie du soir.

*Vous venir les temps se vibrant sur sa tige
Chaque fleur s'évapore ainsi qu'un encensoir ;
Les sons et les parfums tournent dans l'air du soir ;
Valse mélancolique et langoureuse valse !*

*Chaque fleur s'évapore ainsi qu'un encensoir ;
Le violon frémit comme un cœur qu'on afflige ;
Valse mélancolique et langoureuse valse !
Le ciel est triste et beau comme un grand reproche.*

*Le violon frémit comme un cœur qu'on afflige,
Un cœur tendre, qui hait le néant vaste et noir !
Le ciel est triste et beau comme un grand reproche ;
Le soleil s'est noyé dans son sang qui se fige....*

*Un cœur tendre, qui hait le néant vaste et noir,
Du papier lumineux recueille tout vestige !
Le soleil s'est noyé dans son sang qui se fige....
Ton souvenir en moi luit comme un astéroïde !*

Baudelaire.

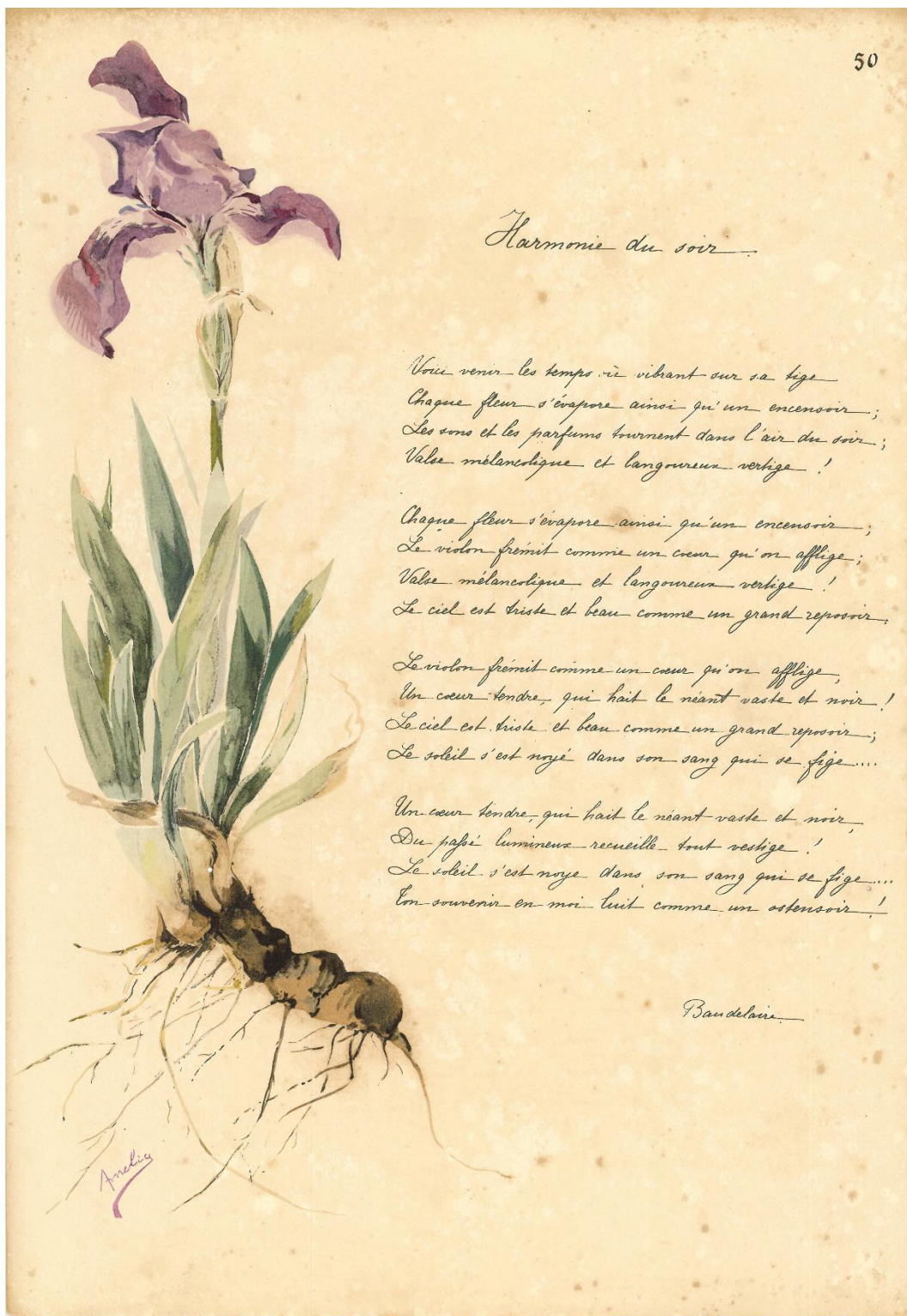


Fig. 76



Amelia
18.

Magali.

O Magali, ma tant amado,
Mete la tete au fenestron !
Ecouste un peu questo aubade
De tambourin e de violoun.

Ei plen d'estello, speramont !
L'auro es tombado ;
Mai les estello palenan ;
Quand te vivan !

Pas mai que d'ou murmure di broudo
De toun aubade ieu fieu cas !
Mai ieu m'envau dans la mar bloude
Me faire angriete de rouco.

Fig. 77

O. Magali, se tu te fas
L'ou piés de l'undo,
Téu lou pescaire me farai,
Te pescarai!

— Oh! moi, se tu te fas pescaire,
L'ou vertolet quand j'aras,
Téu me farai l'ancien voutais,
M'envoularai dins le campos.

— O. Magali, se tu te fas
L'ancien de l'air,
Téu lou cassaire me farai,
Te caosarai.

— Espandegau, i bruscarido,
Se viés, tu, cala te las,
Téu me farai l'erbo fleurido,
E m'escoundrai dins le pradas.

— O. Magali, se tu te fas
La margarido,
Téu l'aigo lindo me farai,
E'arrusarai.

— O tu te fas l'agucto lindo,
Téu me farai lou nivoulas,
E ieu m'enanarai ansindo
A l'Amesio, perabas!

— O. Magali, se tu t'envas
Alin is Indo,
L'air de mar ieu me farai,
Te poutarai!

— O tu te fas la marionade,
Téu figurai d'un autre las;
Téu me farai l'escandihado,
D'un grand souleu que jouent lou glas.

— O. Magali, se tu te fas
La souleido,
Lou verd limbert ieu me farai,
E te béirai!

— O tu te vundes l'olabierro,
Que se recound dins lou becas,
Téu me rendrai la luno plene,
Que dins la nue fai lume i' mase!

— O. Magali, se tu fas
L'uno sereno,
Téu belle niéte me farai,
E acatarai.

— Moi se la niéte m'ennantello,
Tu, pür acé, noun me tendras;
Téu, belle rose vierginello,
M'espandirai dins l'espinas!

— O. Magali, se tu te fas
La rose bello,
Lou papaien ieu me farai,
Te bisarai.

— Vai, calypaire, coure!
Jamai, jamai m'agantaras,
Téu, de la rusco d'un grand roure,
Me vestirai dins lou bouscas.

— O. Magali, se tu te fās
L'autre di moure,
Tou lou etot d'œuvre me farai,
E'embrassari !

— O. Magali, se tu te fās
La pauvre morte,
Adonne la terre me farai,
Aqui. E'aurai !

— He me vos jure à la brasette,
Rien qu'un vici chaîne araparos...
Tou me farai. Blanche moungeto
Dou monastère dou grand Font Blas !

Musical (Miriv)

— O. Magali, se tu te fās
Moungeto Blanche,
Tou, capelari, compensari,
E'aurai !

Aqui le fero ressantier ;
Le reus coucou de man tombéon ...
E'credam à Noe ; Oh ! dege, dege jûci.
Ee que fagûe, n'estint moungeto,
Magali, que déjà, pauvre !
O'ci facho reure emai floueto,
Toune-souben e nira, vilo, aucloune e jûci.

— De la causeur, reprenque Noe,
Vous vau canta ce que demoro.
Merian, se m'essouven, au vade aude elo dis
Que dans la clostet vau se traire
E que respand l'ardent cassaire
Que i'entara jûci confessaire ...
Mai d'elo touanarnai ausi l'entradis :

— He doit couvent passu le porte,
Toute le moungeto trouvaras
Qui à moune entoune saran jûci arte,
Car en soudari me veiras !

Jamais.

Jamais, avez-vous dit, tandis qu' autour de nous
Résonnait de Schubert la plaintive musique ;
Jamais, avez-vous dit, tandis que, malgré vous,
Brillait de vos grands yeux l'azur mélancolique.

Jamais, répétiez-vous, pâle, et d'un air si doux
Qu'on eût cru voir sourire une médaille antique.
Mais des trésors secrets l'instinct fier et pudique
Vous couvrit de rougeur, comme un voile jaloux.

Quel mot vous prononçiez, marquise, et quel dommage !
Hélas ! je ne voyais ni ce charmant visage,
Ni ce divin sourire, en vous parlant d'aimer.

Vos yeux plus sont moins doux que votre âme n'est belle.
Même en les regardant, je ne regrettais qu'elle,
Et de voir dans sa fleur un tel cœur se fermer.

Alfred de Musset.

Fig. 78

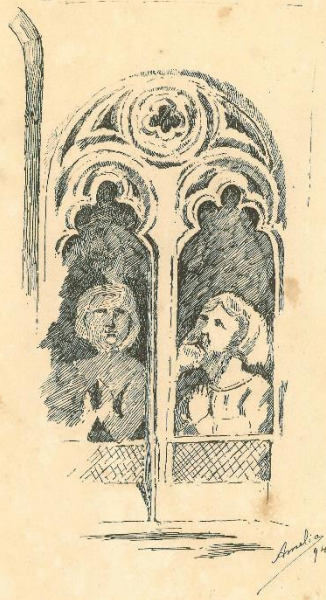
Os Lusíadas. Canto terceiro

CXX.

Estavas, lenda Jones, posto em socego,
 De seus annos colhendo doce fructo,
 Naquelle engano da alma ledo e cego
 Que a fortuna não deixa durar muito,
 Nos saudosos campos do Mondego,
 De seus formosos olhos nunca exaucto,
 Aos montes ensinando e ás herminhas
 O nome que no peito escripto tinha.

CXXI.

Do teu principio alli te respondiam
 As lembranças, que na alma lhe moravam;
 Que sempre ante seus olhos te traziam,
 Quando dos teus formosos se apartavam;
 De noite em doces sonhos que mentiam,
 De dia em pensamentos que voavam;
 E quanto em fim cuidava e quanto via
 Eram tudo memorias de alegria.



Camões.

Fig. 79



Refugium Peccatorum.

*Oração que chora resignado,
Tendo perdido as ilusões da vida,
Como um passaro em busca de guarida,
Acolhe-se ao teu seio immaculado.*

*És como um rio azul, rio sagrado—
Em cuja transparência adormecida,
Ote transforma a existência pervertida—
E se lavam as culpas do Peccado.*

*Bem dita sejas tu, cuja bondade—
Tem sorrisos de paz e de perdão,
Para os tristes que vivem na orfandade.*

*Para a dor que não tem consolção....
Bem dita sejas tu, que és a Piedade,
Conduzindo a Miséria pela mão'...*

Antonio Feijó.

Fig. 80

Estavam d'altas arvores a sombra—
De avelludada relva em fresco assento—
Atento o joven rei filava ancioso—
O guerreiro cantor que o nobre aspecto
Tinha como de gloria resplendente,
E na divina inspiração acceso—

Garrett

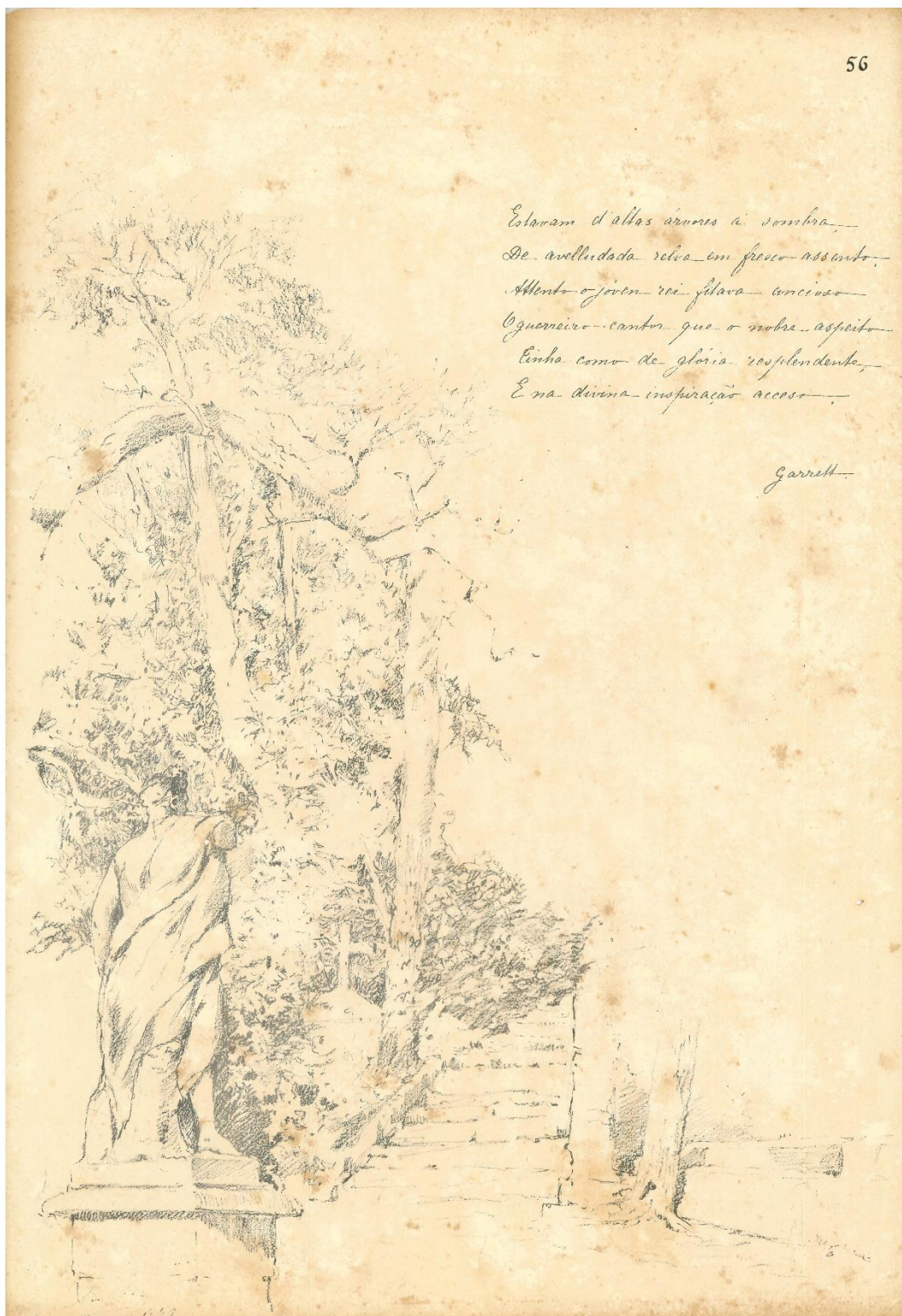


Fig. 81



Fig. 82



Fig. 83

Intimités . IV .

Il faisait presque nuit. La chambre était obscure,
 Nous étions dans ce cabot prolongé que percure
 La fatigue, et j'étais assis à ses genoux,
 Ses yeux cernés, mais plus caressants et plus doux,
 Se souvenaient encor de l'estase finie,
 Et ce regard voilé, long comme une agrisse,
 Me faisait palpiter le cœur à le briser.
 Le logis était plein d'une odeur de baiser,
 Ses magnifiques yeux me tenaient sous leurs charmes;
 Et je lui pris les mains et les couvris de larmes.
 Moi qui serais déjà l'aimer jusqu'à la mort,
 Je vis que je l'aimais bien mieux et bien plus fort.
 Et que ma passion s'était encore accrue.
 Et j'écoutais rouler les fiacres dans la rue.

Francis Coppée

 Anselme
 1900.

Fig. 84

Le Chrétien Mourant

Qui entend je ? autour de moi l'airain sacri résonne !
Quelle foule grince en pleurant m'entouronne ?
Pour qui ce chant funèbre et ce pâle flambeau ?
O mort, est-ce de ta voix qui frappe mon oreille ?
Pour la dernière fois, eh quoi ! je me réveille
Sur le bord du tombeau !

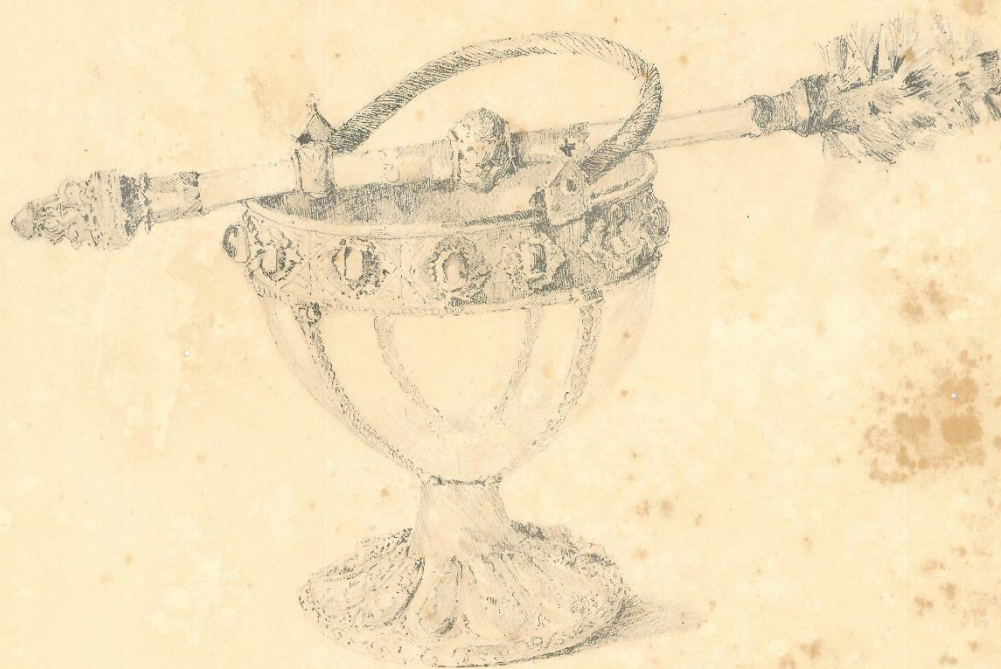


Fig. 85

O toi, d'un feu divin précieuse étincelle,
De ce corps périssable habitant immortelle,
Dissipe ces terreurs : la mort vient s'affranchir !
Prends ton vol, ô mon âme, et dépouille tes chaînes !
Déposer le fardeau des misères humaines
Est-ce donc là mourir ?

Où, le temps a cessé de mesurer mes heures,
Messagers rayonnants des célestes demeures,
Dans quels palais nouveaux allez-vous me ravir ?
Déjà, déjà je rage en des flots de lumière,
L'espace devant moi s'agrandit, et la terre
Où mes pieds semble fuir !

Mais qu'entends-je ? Au moment où mon âme s'éveille,
Des soupères, des sanglots, ont frappé mon oreille !
Compagnons de l'œil, qu'oi ! vous pleurez ma mort !
Vous pleurez ! et déjà dans la coupe sacrée
J'ai bu l'oubli des maux, et mon âme enivré
Entre une céleste port :

Lamartine.



Prosita.

*Prosita sobe a encosta — O sol declina,
Rubro, através do pinheiral sombrio. —
Leva a cabeça o cantaro vazio,
A encher na veia d'agua crystallina.*

*Vai cantando em voz alta, que domina
O silencio da tarde; ao longe o rio
Desdobra-se nos campos como um fio,
Delgado e rubilante, de platina.*

*No alto da serra encontra o jornaleiro,
Aquella mocetão rude e brigueiro
Que a amou e passa agora indifferente.*

*Prosita desce a encosta; vae calada,
No coração a raiva concentrada,
E os olhos marejados no puente.*

*Macedo Papança
Conde de Mouraz.*

Fig. 86



Adieu —

Adieu je crois qu'en cette vie —
Je ne te reverrai jamais.
Dieu passe, et t'appelle et m'oublie;
En te perdant, je sens que je t'aimais.

Pas de pleurs, pas de plainte vaine,
Je sais respecter l'avenir —
Viens la voie qui t'enmène,
En souriant je la verrai partir.

Ce n'est en vas pleine d'espérance,
Avec orgueil tu reviendras;
Mais ceux qui vont souffrir de ton absence,
Ce ne les reconnaîtras pas.

Adieu tu vas faire un beau rêve,
Et t'enivrer d'un plaisir dangereux;
Où ton chemin l'étoile qui se lève
Longtemps encore éblouira tes yeux.

Un jour tu sentiras peut-être
Le prix d'un cœur qui nous comprend,
Le bien qu'on trouve à le connaître
Et ce qu'on souffre en le perdant.

A. de Musset.

Fig. 87



Os Vencidos.

Três cavalleiros seguem lentamente
Por uma estrada erma e pedregosa.
Geme o vento na selva rumorosa.
Cae a noite do céu, pesadamente.

Vacilam-lhes nas mãos as armas rotas,
Têm os corceis froucos e abatidos,
Em desalinho trazem os vestidos,
Das feridas lhes cae o sangue, em gotas.

A devota, fraqueira e pavorosa,
As frentes lhes curvou, com mão potente.
No horizonte escuro do poente
Destaca-se uma mancha sanguinosa.

É o primeiro dos três, erguendo os braços,
Diz n'um soluço: "Amei e fui amado!"
Levou-me uma visão, arrebatado,
Como em carro de luz, pelos espaços!

Com largo vôo, penetrei na esphera
Onde vivem as almas que se adoram,
Livres, contentes e bonas, como os que moram
Entre os astros na eterna primavera.

Porque irrompe no azul do purpur amor,
O sejo do desejo prestilente?
Si de que um dia recebeu de fronte
O seu halito rude e queimador!

A flor rubra e olorosa da paisão
Aire languida ao raio matutino,
Mas seu profundo cálio purpurino
Vio resumir veneno e podridão.

Irmãos, amei - amei - e fui amado...
Por isso vago incerto e fugitivo,
E corre lentamente um sangue esquivo
Em gotas, de meu peito alanceado."

Fig. 88

Responde-lhe o segundo cavalleiro: Que vento de ruina bate os muros
Com sorriso de tragica amargura: Do templo eterno, o templo sacrosanto?
"Amei os homens e sonhei ventura; Proclam, desabam, com fragor e espanto,
Tela justicia hercica, ao mundo inteiro. Os astros pelo ceo, firos e escuros!"

Pelo direito, ergui a voz ardente: Vacilla o sol e os santos desesperam.....
No meio das revoltas homicidas: E odio recuma a luz dos dias vaos....
Caminhando entre racas oprimidas, Ai, dos que juntam com fevor as maos
Fiz as surgir, como um clarim feroz: Ai, dos que creem, ai dos que inda esperam

Quando ha de vir o dia da justicia? Jamais, amei a Deus, com fe profunda....
Quando ha de vir o dia do resgate? Por isso vago sem conforto e incerto,
Tinha-me o gladio em meu do combate Arrastando entre as urzes do deserto
E sonhei na areia movedica: Um corpo exangue e uma alma muribunda.

As nações, com sorriso bestial, E os tres, unindo a voz n'um ai supremo,
Abram, sem lei, o livro do futuro: E deixado prender as maos cansadas
O povo dorme em paz no seu monturo: Sobre as armas inuteis e quebradas,
Como em leito de púrpura real. N'um gesto inerte de abandono extremo.

Jamais, amei os homens e contente: Dormiram-se na sombra duvidosa
Por elles combati, com mente justa..... Da montanha calada e formidavel,
Por isso morro a' mingua e a areia adusta: Dormiram-se na selva impenetravel
Bebe agora meu sangue, ingloriamente." E no palor da noite silenciosa

Diz entao o terceiro cavalleiro:
"Amei a Deus e em Deus puz alma e fado:
Fiz do seu nome fortaleza e escudo
No combate do mundo traiçoeiro.

Arthur de Guental.

Invoquei-o nas horas affrontosas
Em que o mal e o peccado dão assalto,
Procurei-o, com ansia e sobresalto,
Vondando mil sciencias duvidosas.

Patria.

*Patria!... vaga noção indefinida!
 Quer a mente explicar-te, e em vão procura.
 Há, em ti, atrações de morte e vida,
 Ancestrales de berço e sepultura.*



Amelia.
 95.

Fig. 89

Quem pode definir-te, embora amada?
Madrasta, tanta vez, na dura sorte!
Por ti se luta, ao longo da jornada;
Por ti se rasga o peito e affronta a morte.

Relembra o filho teu, que mais te amou.
Relembra, agora, a praga que lhe deste!
Feliz, se após a luta que o prostrou
Fôz o embalar, a sombra de um cipreste.

Mas ainda que sejas mãe sem alma,
De quem venha somente invalidão,
Não peço maior bem, nem outra palma.
Aceita-me, na morte, o coração.

Fernando Costa.



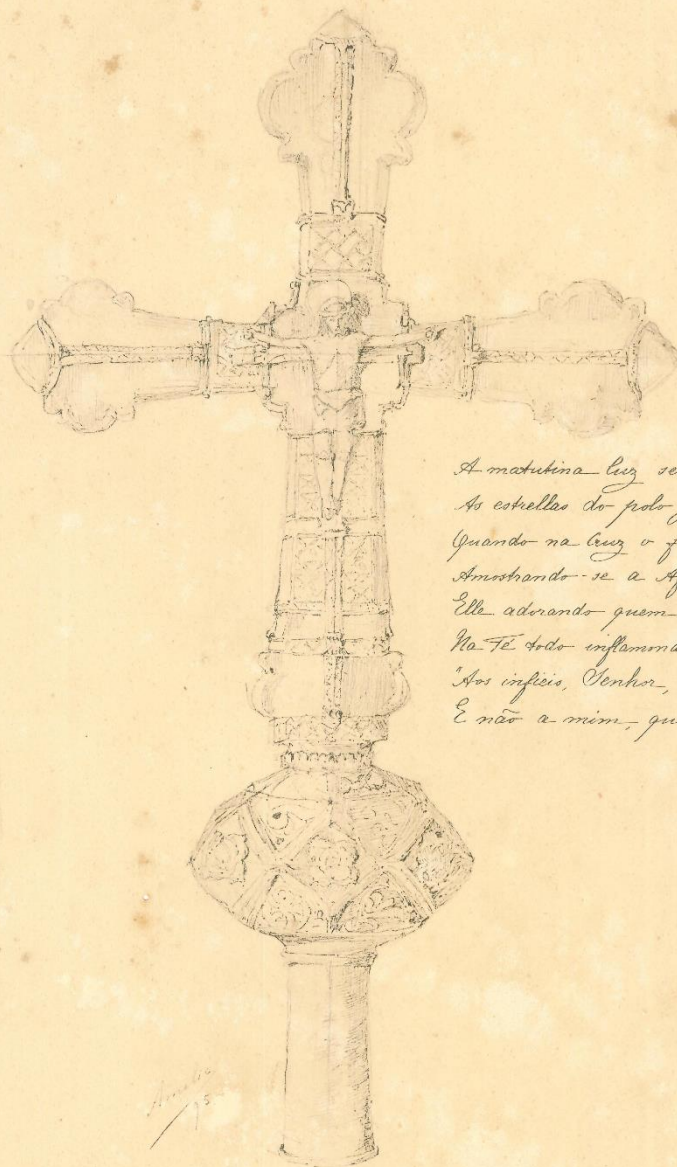
Dom Gaifeiros

Andando vai Dom Gaifeiros,
 Andando de bom andar
 Por essas terras de Christo,
 E a mirama chegar
 Da triste e pensativo,
 Cheio de grande pesar:
 Melisendra em mãos de mouros,
 Como lh'a hade saccar?
 Para as portas de Vianinha
 Com saber como hade entrar
 Estando n'este cuidado
 As portas se abrem de par,
 O rei com seus cavalleiros
 Vahia ao campo a folgar;
 Mui gallans iam de festa,
 Mui ledos a cavalgar.
 Turvou-lhe as voltas Gaifeiros,
 Pelas portas foi entrar:
 Deu com um christão captivo
 Que alli andava a trabalhar

Do Romancero

Almeida Garrett.

Fig. 90



Os Lusíadas, Livro Terceiro.

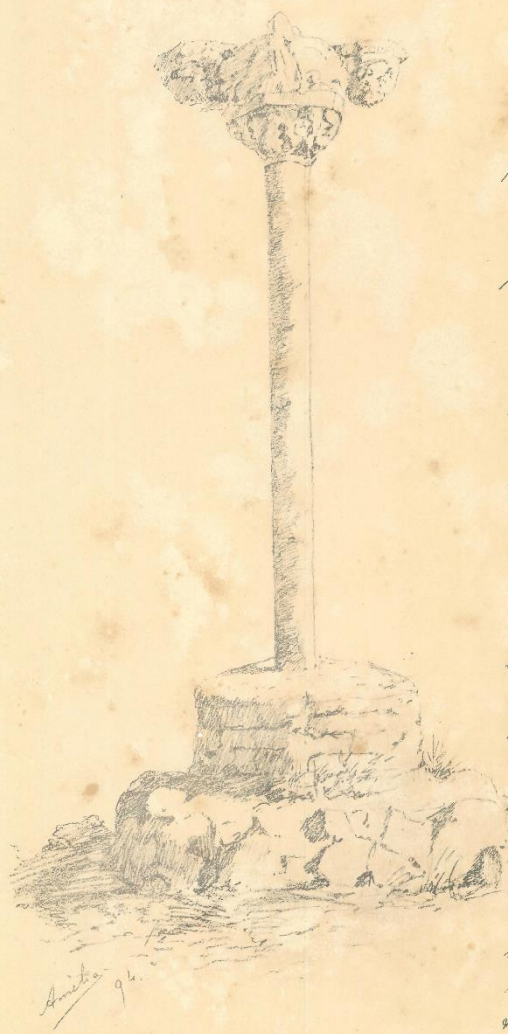
XLV.

*A matutina luz serena e fria
 As estellas do polo já apartava,
 Quando na Cruz o filho de Maria,
 Amostrando-se a Afonso o animava,
 Elle adorando quem lhe apparecia,
 Não se todo inflamado, assi gridava:
 "Aos infieis, Senhor, aos infieis,
 E não a mim, que creio o que podeis!"*

Camões.

Fig. 91

A Canção do Figueiral.



Anito 96.

No figueiral figueirado, a no figueiral entrey,
seis ninhas encontrara, seis ninhas encontrarei,
para elas andara, para elas andei,
chorando las achara, chorando las achei;
logo las procurara, logo las procurei,
quem las mal tratara y a tam mala lei!

No figueiral figueirado, a no figueiral entrey,
uma repucara: "Infancom non sei,
mal cunusse la terra que seme o mal rei;
s'eu las armas usara, ya mi fee non sei,
se hombre a mi levara de tam mala lei,
cedes vos varzades, garcom, ca non sei
se onde me falades mais vos falarei."

No figueiral figueirado, a no figueiral entrey,
eu la repucara: "A mi fee non irey,
ca d'ho d'essa cara caros comparey,
a las longas terras ca hoz vos me irey,
las compridas vias eu las andarei,
longue de ararias eu la falarei,
mouro se me vise eu los matarei."

No figueiral figueirado, a no figueiral entrey,
mouro que las guarda cerca lo achei,
mal las meazara, eu mal me amogey,
troncom desgalthara, troncom desgalthey;
todolos machucara, todolos machucaney,
las minhas fusteco, las minhas fustey,
la que amim falara na alme la chantey.
no figueiral figueirado, a no figueiral entrey.

Fig. 92



Le Parfum impérissable.

*Quand la fleur du soleil, la rose de Lahor,
De son âme odorante a rempli goutte à goutte
La fiole d'argile ou de cristal ou d'or,
Sur le sabbé qui brûle on peut l'épandre toute.*

*Les fleuves et la mer inonderaient en vain
Ce sanctuaire étroit qui la tient enfermée:
Elle garde en se brisant son arôme divin,
Et sa poussière heurteuse en reste parfumée.*

*Puisque par la blessure ouverte de mon cœur
Tu t'écoules de même, ô céleste liqueur,
Inexprimable amour, qui m'enflammas pour elle!
Qu'il lui soit pardonné, que mon mal soit béni!
Par delà l'heure humaine et le temps infini
Mon cœur est embaumé d'une odeur immortelle!*

Seconde de Lisle.

Fig. 93



A Nau Catharina.

*Tá vem a nau Catharina
Que tem muito que contar!
Ouvide agora, senhores,
Uma historia de passar.*

*Passava mais de anno e dia
Que sem na volta do mar,
Ja não tinham que comer,
Ja não tinham que manjar.
Deixaram solda de melho
Para o outro dia jantar;
Mas a solda era tam rija,
Que a não poderam fazer.
Deixaram sortes e ventura
Qual se havia de matar;*

*Logo foi cahir a sorte
No capitão general.*

*—Vote, vote, marujinho,
Aquelle masto real,
Vi se vêo terras de Hespanha,
As praias de Portugal—
—Não vejo terras d' Hespanha—
Nem praias de Portugal—;
Vejo sette espadas suas
Que estão para te matar.
—Acima, acima, gageiro,
Acima ao tope real—!
Olha se inzergas Hespanha,
Áreas de Portugal—"*

Fig. 94

"Alvicasas, capitão,
Meu capitão general!
Ja vejo terras d'Espanha,
Arucas de Portugal.
Mais inxergo tres meninas
Debaixo de um laranjal:
Uma sentada a cozer,
Outra na roca a ffar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar.
"Todas tres são minhas filhas,
Oh! quem m'as dea abraçar!
A mais formosa de todas
Vindigo a heide casar".
"A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar".
"Dar-te hei tanto dinheiro
Que o não possas contar".
"Não quero o vosso dinheiro,
Tis vos custou a ganhar".
"Dou-te o meu cavallo branco,
Que nunca houve outro igual".
"Guardae o vosso cavallo,
Que vos custou a insinar".

"Dar-te hei a nau Catharina,
Para n'ella navegar".
"Não quero a nau Catharina,
Que a não sei governar".
"Que queres tu, meu gageiro,
Que alvicasas te heide dar?"
"Capitão, quero a tua alma
Para conmigo a levar".
"Perego de ti, demonio,
Que me estavas a attentar!
A minha alma é só de Deus;
O corpo dou eu ao mar".

Tomou-o um anjo nos braços,
Não n'o deixam affogar.
Deu um estouro o demonio,
Accabosaram vento e mar;
E a noite a nau Catharina
Estava em terra a varar.

do Romanceiro
do Almeida Garrett



A Tepra

*epa, quand la nuit est venue,
Quand ta mère t'a dit adieu,
Que sous ta lampe, à demi nue,
Tu t'inclines pour prier Dieu;*

*À cette heure où l'âme inquiète
Se livre au conseil de la nuit;
Au moment d'ôter sa corsette
Et de regarder sous son lit;*

*Quand le sommeil sur ta famille
Autour de toi s'est répandue;
O Tepra, charmante fille,
Non amant, à quoi penses-tu?*

*Qui sait? Peut-être à l'héroïne
De quelque infortuné roman;
À tout ce que l'espoir devine
Et la réalité dément;*

*Peut-être à ces grandes montagnes
Qui n'accouchent que de sorciers;
À des amoureux en Espagne,
À des bombes, à des maris;*

*Peut-être aux tendres confidences
D'un cœur naïf comme le tien;
À sa robe, aux airs que ses narces
Peut-être à moi, — peut-être à rien.*

Alfred de Musset

Fig. 95



Fig. 96



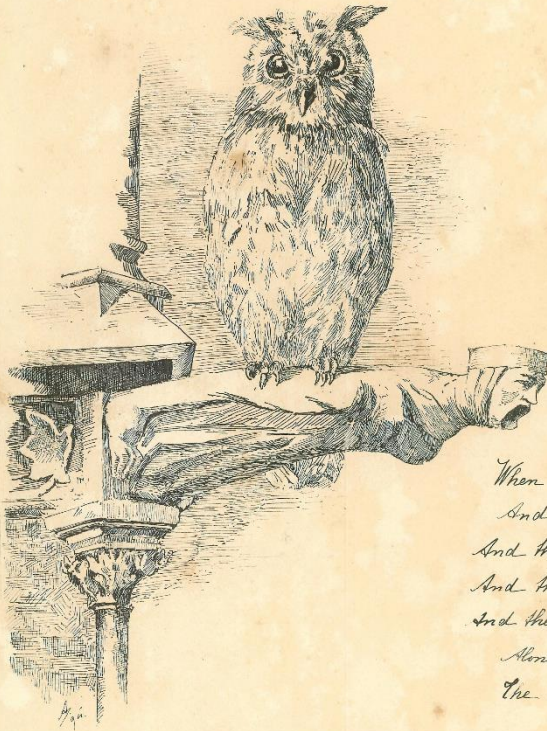
Hercule

AËta, mont ennobli par cette nuit ardente,
 Quand l'infidèle épouse d'une épouse impudente
 Punit de son amour un présent trop jaloux,
 Victime du centaure immolé par ses coups !
 Il brise ses forêts ; sa cime épaisse et sombre
 En un fûcher immense amoncelle sans nombre
 Les sapins résineux que son bras a piloyés.
 Il y porte la flamme ; il monte, sous ses pieds
 Étend d'un vieux lion la dépouille hérisquée,
 Et l'œil au ciel, la main sur la massue antique,
 Attend sa récompense et l'heure d'être un dieu.
 Le vent souffle et mugit, le fûcher tout en feu
 Brillé autour du héros, et la flamme rapide
 Porte aux palais divins l'âme du grand Alcide !

André de Chenier

Année
17.

Fig. 97



Song. — The Owl.

When cats run home and light is come,
 And dew is cold upon the ground,
 And the far-off stream is dumb,
 And the whirring sail goes round;
 And the whirring sail goes round;
 Alone and warming his five wits,
 The white owl in the belfry sits.

When merry milkmaids click the latch,
 And rarely smells the new-moon hay,
 And the cock hath sung beneath the hatch
 Twice or thrice his roundelay,
 Twice or thrice his roundelay;
 Alone and warming his five wits,
 The white owl in the belfry sits.

Errington.

Fig. 98



Parfum de la Mort.
La Morte.

*O Mort, écoute-moi, reine de tous les hommes ;
 Plus ils vivent de jours, plus tu t'approches d'eux ;
 Tu plonges âme et corps dans un étendal sombre ;
 Et tous et pour toujours tu vas fermer les yeux.*

*Par toi, la beauté tombe et la fleur est fragile ;
 Tu ne finis jamais et tout finit par toi...
 Oh ! demain seulement couche-moi dans l'argile,
 Déesse inévitable, ô Mort, écoute-moi !*

Orphée.
Traduction de Marc Legrand.

Franchis
1890.

Fig. 99



A' impertinencia dos Vinos de Villa-Vieosa.

Que importa, ó Torca que dos Vós beninos
Chegue o dia a partirmos destinado—
De hum milhão de cabeças tem quebrado
O ingrato som de teus seimosos Vinos ?

Entre os males, que os barbaros Destinos
Para os nossos ouvidos tem creado—
Pois que se vos ouvir, só tenho achado
Em ouvir as lições dos meus Meninos :

Não posso fazer mal senão co'a penna ;
Se pudesse, aportaria hum tiro rudo—
E fizera o que fez o Carracena :

Vinos creuis, vós fazeis raiua em tudo—
Dobrando, repicando ; e em fim he pena
Que não toqueis tambem a entrar no Estudo—

Nicoláo Valentim d'Almeida—

Fig. 100



Les Enfants V.

*L'enfant, voyant l'aïeule à fibres occupée,
 Veut faire une quenouille à sa grande poupée.
 L'aïeule s'assoupit un peu; c'est le moment.
 L'enfant vient par derrière et tire doucement
 Un brin de la quenouille où le fuseau tourne,
 Puis s'enfuit triomphante, emportant avec joie
 La belle laine d'or que le safran jaunit,
 Autant qu'en pourrait prendre un oiseau pour son nid.*

Victor Hugo.

Fig. 101



La Reine de Saba.

*La Reine Saba, portant des pierreries,
A pour parure un calme et merveilleux concert
De cloques, où l'éclair d'un flot d'étoiles se perd
Dans les lacs de lumière et les flammes fleuries.*

*Un vêtement semblant chargé d'orfèvreries
Est fait d'un tissu rare et sur la pourpre ouvert,
Où l'or éblouissant, tour à tour rouge et vert,
Vest de fond méprisables aux riches broderies.*

*Elle a de lourds pendants d'oreilles, copiés
Sur les feux des soleils du ciel, et sur ses pieds
Mille escarboucles font pâlir le jour livide.*

*Et fière sous l'éclat vermeil de ses habits,
Sur les genoux du roi Salomon elle ride
Un vase de saphir d'où tombent des rubis.*

Ché-dore de Bannille.

Fig. 102



Rosa pallida.

*Rosa pallida, com meu ser
Vem, querida sem receio
Esconder a afflicta cor.
Ai! a minha pobre rosa!
Linda que e monna formosa—
Porque desbotou de amor—*

*Pois sim..... quando leve, ao vento,
Volta de abra e pensamento,
Torta de tua lembrança,
Enhas na folha escondida
O sangue e calor e a vida
Que ora tens no coração.*

*Mas não era, não mais bella—
Cortada, cortada d'ella—
A minha rosa gentil!
Coravam n'a então descejo,
Decemiam n'a agora os beijos....
Cállos mais mil vezes, mil—*

*Imreja das outras flores!
Imreja de que, amores?
Eu, que vieste dos ceus,
Comparar tua belleza
As filhas da natureza!
Rosa, não tentes a Deos.*

Fig. 103

E vergonha... de quê, vida ?
Vergonha de ser querida,
Vergonha de ser feliz ?
Porquê?... porque com teu semblante
A pallida cor da amante
A minha ventura diz ?

Pois quando eras tão vermelha
Não vinha zangar e abelha
Embora de si zumbia ?
Não curias entre as flores
Historias dos mil amores
Que não tinhas, repetia ?

Que hãde elles dizer agora ?
Que pendente e de quem chora
E o teu languido olhar ?
Que a tez fina e delicada
Tão de ser muito beijada
Que te veio a desbotar ?

Deixa-os : pallida ou corada,
Ou incompta ou namorada,
Que brilhe no rosto flor,
Que fulga no teu estrellar,
Sinda e ditosa e bella
De lhe dar o um amor.

Si! deixa-os, e no meu seio
Vem, querida, sem receio
Vem a fronte reclinar,
Que pallida estás, que livida
Oh! quanto mais te amo ainda
Des que te fiz desbotar.

Garrett.



Barzeille ---

Le blâme qui voudra, moi je l'aime ce prêtre !
 Est-ce sa faute à lui s'il perdit la raison,
 Si des frissons de haine ont traversé son être,
 Lorsque les Barbares, les peings fulmins de sapeâtre,
 Brûlaient homme par homme et maison par maison ?

Ils avançaient ainsi, dévastant le village,
 Ne laissant derrière eux que ruine et que mort,
 Et qu'importait le sexe, et que leur faisait l'âge ?
 N'aurait-on pas tenté d'arrêter leur passage ?
 Terres par calcul, ils tuaient sans remord.

La place de l'Eglise était encore à prendre,
 Mais nos soldats littaient d'un cœur mal assuré,
 Et quelques-uns déjà murmuraient de se rendre,
 Lorsque sur le parvis un cri se fait entendre :
 "Aux armes ! mes enfants !" C'était le vieux curé.

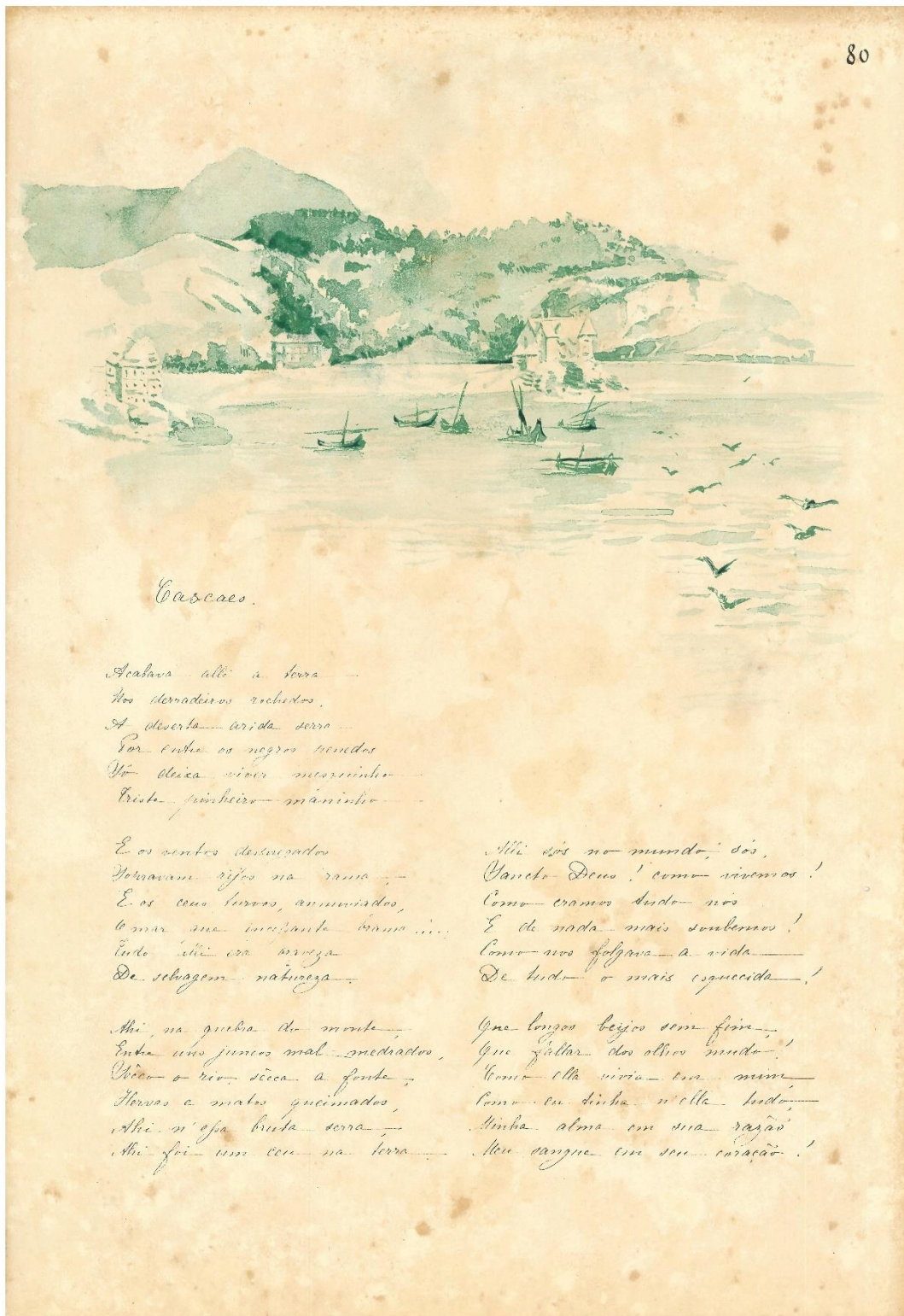
Fig. 104

Et passant sa soutane aux pieds de sa ceinture,
Faisant aux paysans signe de l'imiter,
Il ramasse un fusil que la mort lui procure ;
Chacun s'arme, chacun s'accite et se rassure,
Et la poudre aussitôt recommence à chanter.

Pif ! paf ! Les Bavarois s'avançaient en colonne ;
Derrière un petit mur on se mit à couvert ;
« Feu ! » commandait le prêtre, et que Dieu me pardonne !
Les habits bleus tombaient comme les bûches d'automne,
Mais leur flot grossissait toujours, comme la mer.

La lutte se finit, hélas ! comme on peut croire,
Mais les fiers Allemands ont regardé, surpris,
Les paysans couchés sous la muraille noire ;
Ce fut court, mais ce fut assez long pour la gloire ;
Le curé de Bazelle est mort pour son pays !

Paul Déroulède.



Cascaes.

Acabava ali a terra —
 Nos derradeiros ardeidos,
 A deserta arida serra —
 Por entre os negros penedos
 Vo' deica viver m'arruinho —
 Triste pinheiro maninho —

E os ventos desmoroados
 Derravam rijo na ruina —
 E os cascos luvras, arremisados,
 Lomar sua imitante brava —
 Tudo ali era m'arreja
 De selvagem natureza —

Ahi, na quibaa do monte,
 Entre uns juncoz mal-predicados,
 Vicia o rio, seica a fonte,
 Herbas e matos queimados,
 Ahi n' opa bruta serra —
 Ahi foi um cou na terra —

Ahi sos no mundo; sos,
 Sancto Deus! como vivemos!
 Como cramos sendo nos
 E de nada mais sabemos!
 Como nos folgava a vida —
 De tudo o mais esquecida!

Que longos beijos sem fim,
 Que g'attar dos olhos mudo!
 Como ella vivia tra mim
 Como eu tinha n'ella todo —
 Minha alma em sua razao
 Seu sangue em seu coracao!

Fig. 105

Os anjos aquelles dias
Contaram na eternidade:
Que esas horas fugidias,
Ocultas na intensidade
Por millenios marca Deus
Quando as dá aos que são seus.

Ai! sim foi a sazes largos,
Longos, fundos que a belia
Do prazer a saza: amargos
Depois..... depois os senti
Os traves que ella deixou.....
Mas como eu ningum gosou.....

Ningum, que é preciso amar
Como eu amei ser amado
Como eu fui; dar, e tomar
Do outro ser a quem se ha dado
Toda a razão, toda a vida
Que em nós se annulla perdida

Ai, ai! que pesados annos
Lardios depois viveram!
Oh! que fataes desinganos,
Pram a razão, a desfezeram
A vinha choca na serra,
Lá onde se acaba a terra!

Ve o vize..... não quero vê-lo
Aquella sibil incantado;
Queto istos não conheci-lo,
Lam outro estara mudado,
Mudado como eu, como ella,
Que a vejo sem conheci-la!

Unde allí acaba a terra,
Mas já o ceu não comosa;
Que aquella visão da serra
Humiu-se na treva escura,
E deixou nua a brudeza
D'essa agreste natureza.

Garrett



Fig. 106

Os Lusíadas. Canto Quarto.

LXXXVII.

Partemos nos ares do sancto templo,
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
Donde Deus foi com carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó Pai, que se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Chuí dentro de duvida, e receio,
Que apenas nos meus olhos precho o preço.

Camões.



Ditado sobre as agonias do seu transitto final.

*Já Bocage não sou!... A' covã escura
 Meu estro vae parar desfeito em vento...
 Eu aos Deos ultrajei! O meu tormento
 Leve-me torne sempre a terra dura:*

*Conheço agora já quão van fôgeira
 Em prosa e verso fez meu louco intento:
 Musa!... tivera algum mercimento
 Se um raio da razão seguisse pura!*

Fig. 107

Eu me arrependo; a lingua quasi fiza
Brado em alta pregão a' mocidade,
Que atroz de som phantastico corria:

Outro Archino fui.... A santidade
Manchei...! Oh! Ve me creste, gente impia,
Fazga meus versos, cre na eternidade!

Barbosa du Bocage.



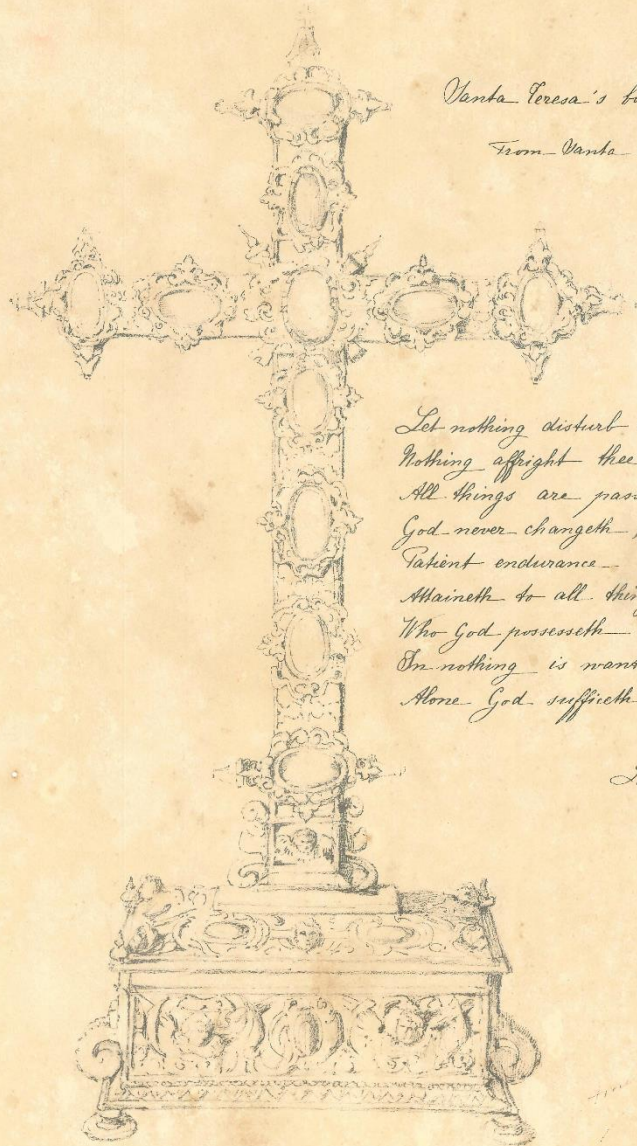
1901

Co

Music, when soft voices die,
 Vibrates in the memory —
 Odours, when sweet nothings sicken,
 Live within the sense they quicken.
 Rose leaves, when the rose is dead,
 Are heaped for the beloved's bed;
 And so thy thoughts, when thou art gone,
 Love itself shall slumber on.

Shelley.

Fig. 108



Santa Teresa's book-mark.
From Santa Teresa.

*Let nothing disturb thee,
Nothing affright thee;
All things are passing,
God never changeth;
Patient endurance
Attaineth to all things;
Who God possesseth
In nothing is wanting;
Alone God sufficeth.*

Longfellow.

Fig. 109

Bella Infanta.



Estava a bella infanta
 No seu jardim assentada,
 Com o pente d'ouro fino
 Seus cabellos penteava.
 Deitou os olhos ao mar
 Viu vir uma nobre armada;
 Capitão que n'ella vinha,
 Muito bem que a governava.
 — "Dize-me, ó capitão
 D'essa tua nobre armada,
 De inconstraste meu marido
 Na terra que Deus jurava."
 — "Anda tanto cavalleiro
 N'aquella terra sagrada...
 Dize-me tu, ó senhora,
 As senhas que elle levava."
 — "Levava cavallo branco,
 Vellim de prata doirada;
 Na ponta da sua lança
 A cruz de Christo levava."
 — "Pelos signaes que me deste
 Lá o vi n'uma estacada
 Morrer morte de valente:
 Eu sua morte vingava."
 — "Ai triste de mim viva,
 Ai triste de mim cobrado!"

Fig. 110

De tres filhinhas que tenho,
Sem nenhuma ser casada-!...
— "Que darias tu, senhora,
A quem n'ó trouxera aqui-?"
— Dera-lhe oiro e prata fina,
Quanta riqueza ha por tu."
— "Não quero oiro nem prata...
Não n'os quero para mi-:
Que darias mais, senhora,
A quem n'ó trouxera aqui-?"
— "De tres moinhas que tenho
Todas tres t'os dera a ti-;
Uma moe o cravo e a canella,
Outra moe do gerzele-:
Purca-farinha que fazem-!
Comia-a os el rei-p'ra-si-."
— "Os teus moinhos não quero,
Não n'os quero para mi-:
Que darias mais, senhora,
A quem t'ó trouxera aqui-?"
— "As telhas do meu telhado
Que são de oiro e marfim."
— "As telhas do teu telhado—
Não n'as quero para mi-:
Que darias mais, senhora,
A quem n'ó trouxera aqui-?"
— "De tres filhas que eu tenho,
Todas tres te dera a ti-:
Uma para te calcar—
Outra para te vestir-;
A mais formosa de todas
Para contigo dormir-"
— "As tuas filhas, infante—
Não são damas para mi-:
Da-me outra coisa, senhora—
O que queres que o trouxa aqui-?"
— "Não tenho mais que te dar—
Nem tu mais que me pedir-."
— "Ludo não, senhora minha—
Que indo te não deste a ti-."

— "Cavalleiro que tal pede,
Que tão villão é de si—
Por meus villões arreastado—
Ozansi andar aqui—
Do rabo do meu cavallo—
A volta do meu jardim—
Vassallos, os meus vassallos,
Acudi-me agora aqui-!"
— "Este annel de sette pedras
Que eu contigo reparti-...
Que é d'ella a outra metade-?
Fois a minha, vê-la aqui-!"
— "Tantos annos que chorei—
Tantos sustos que tremi-!...
Deus te perdoe, marido,
Que me ias matando aqui-."

Do Romancinho
do Almeida Garrett.



Fig. 111

Lettre à Lamartine (fragment.)

Créature d'un jour qui t'agites une heure
De qui viens-tu te plaindre, et qui se fait gémir...?
Ton âme t'inquiète et tu crois qu'elle pleure :
Ton âme est immortelle, et tes pleurs vont l'air :

Tu te sens le cœur pris d'un caprice de femme,
Et tu dis qu'il se brise à force de souffrir.
Tu demandes à Dieu de soulager ton âme :
Ton âme est immortelle, et ton cœur va guérir.

Le regret d'un instant te trouble et te divise ;
Tu dis que le passé te voile l'avenir.
Ne te plains pas d'hier ; laisse venir l'aurore :
Ton âme est immortelle, et le temps va s'effacer.

Ton corps est abattu du mal de ta pensée ;
Tu sens ton front peser et tes genoux fléchir...
Tombé, agenouille-toi, créature insensée :
Ton âme est immortelle, et la mort va venir.

Tes os dans le cercueil vont tomber en poussière,
La mémoire, ton nom, ta gloire vont périr ;
Mais non pas ton amour, si ton amour t'est chère ;
Ton âme est immortelle et va s'en souvenir.

Alfred de Musset.



Fig. 112



Fig. 113

Pensamentos que imbalta adormecido—
O susurro das folhas, e o murmurio—
Das despenhadas lymphas misturado—
Quem, descansado a fresca sombra tua,
Volveu senão venturas? Quem, sentado—
No mungo de tuas rocas escarpadas,
Espiarescento os olhos satisfeitos
Por cems, por mares, por montanhas, prados,
Por quanto ha hi mais bello no universo,
Não sentiu arrotar-se lhe a existencia,
Frisar lhe o coração suavemente—
Vibra esquecidas penas, amarguras,
Anxias, lavour da vida?

Garrett.

Hymne

À la très-chère, à la très-belle
 Qui remplit mon cœur de clarté,
 À l'ange, à l'idole immortelle,
 Salut en immortalité !

Elle se repand dans ma vie
 Comme un air imprégné de sel,
 Et dans mon âme insoumise
 Vers le goût de l'éternel.

Un petit bouquet frais qui parfume
 L'atmosphère d'un cher réduit,
 Encensoir oublié qui fume
 En secret à travers la nuit.

Comment, amour inextinguible,
 Commencer avec vérité ?
 Grain de musc qui jais, invisible,
 Au fond de mon éternité !

À la très-bonne, à la très-belle
 Qui fait ma joie et ma santé,
 À l'ange, à l'idole immortelle,
 Salut en immortalité !

Baudelaire

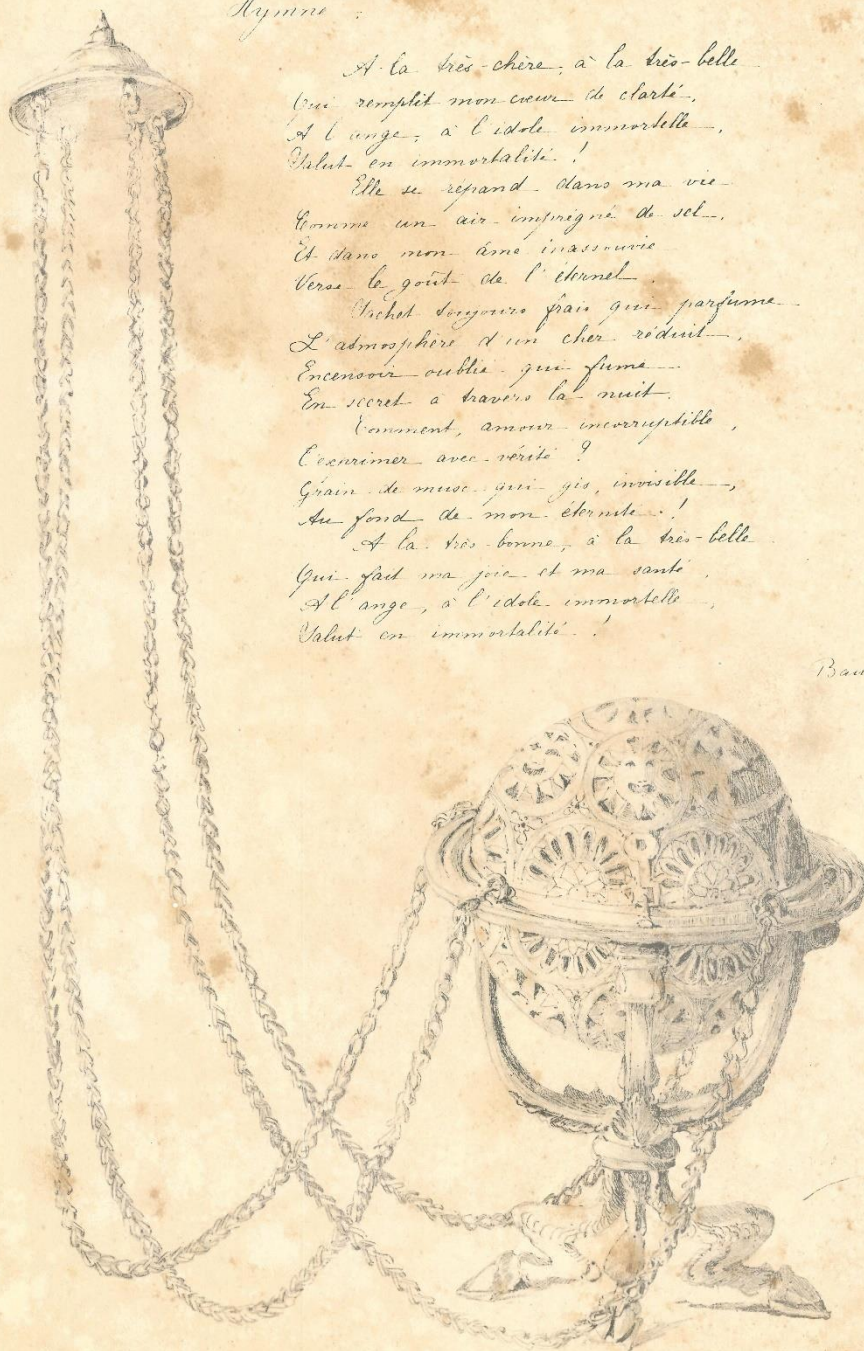


Fig. 114



Beijo na face
 Pede-se e dá-se :
 Dá ?
 Que custa um beijo ?
 Não tenha receio ;
 Vá !

Um beijo é culpa
 Que se desculpa :
 Dá ?
 A borboleta
 Beija a violeta :
 Vá !

Um beijo é graça
 Que a mais não passa
 Dá ?
 Tem que a tent ?
 É innocente
 Vá !

Guardo segredo,
 Não tenha medo...
 Vê ?
 Dê-me um beijinho,
 Dê de mansinho,
 Dê !

Como elle é doce !
 Como elle trouxa,
 Flor !
 Faz a meu seio ;
 Faziar-me seio,
 Amor !

Faziar-me ? Amor...
 Um é fãõ pouco,
 Flor !
 Deixa, comede
 Que eu mate a sede,
 Amor !

Fig. 115

Talvez te leve
O vento em breve
Vão...!
A vida foge
A vida é fugir,
Amor...!

Guardo segredo;
Não venhas medo
Vão!
Um mais na face
É a mais não passe...!
Vão...

Oh! deus? piedade...!
Coisas são boas...
Vão?
Quantas pessoas
Tem a bondade...?
Vão!

Vão é a conta
Certinha e justa...
Vão!
E o que te custa...?
Não sejas tolo...!
Vão!

Vão, sim. Não cuides
Que te desgraças;
Vão!
Vão são as graças,
Vão as vitórias,
Vão.

As folhas santas
Que o lírio fecha;
Vão!
E que o már deixam
Manchar, são... guardas?
Vão!...

João de Deus



Fig. 116

Tout frappe à ta porte béni ;
L'aurore dit " Je suis le jour ."
L'oiseau dit " Je suis l'harmonie "
Et mon cœur dit " Je suis l'amour ."

O ma charmante,
Écoute ici
L'amarant qui chante
Et pleure aussi !

Je t'adore ange et t'aime femme
Dieu qui par toi m'a comblé,
A fait mon amour pour son âme
Et mon regard pour sa beauté

O ma charmante,
Écoute ici
L'amarant qui chante
Et pleure aussi !

Victor Hugo.

Saudades.

Lêva este ramo, Pepita,
De saudades portuguezas;
É flor-nossa, e tam bonita
Não n'a ha n'outras devezas.

Seu perfume não seduz,
Não tem variado matiz,
Vive a sombra, foge a luz,
As glórias d'amor não diz;

Mas na modesta belleza
De sua melancholia
É tam suave a tristeza,
Inspira tal sympathia...

É tem um doze esta flor
Que de outo qual se não diz;
Não perde vico ou freixo
Quando a tiram la raiz.

Antes mais e mais florece
Com tudo o que as outas matta;
He as vezes mais crece
Na terra que é mais ingrata.

Vo tem um couel senão,
Que te não deve esconder
Plantada no coração
Esta outa flor faz morrer.

E se o quebra e despedaça
Com as raizes moftimas,
Mais ella tem biltor e graça,
É como a flor das ruinas.

Não, Pepita, não t'a dou...
Tij mal em dar-te essa flor
Que eu sei o que me custou
Cultá-la com tanto amor.

Garrett.



Fig. 117



Le Floeiel d'un Dieu

*La chevelure épars et la gorge meurtrie,
Surtout par les pleurs l'ivresse de leurs sens,
Les femmes de Byblos, en lugubres accents,
Mènent la funéraire et lente théorie.*

*Car sur le lit jonché d'anémone fleurie
C'est la Mort avoit clos ses longs yeux languissants,
Peuplée, parfumé d'aromate et d'encens,
Le jeune homme adoré des vierges de Syrie.*

*Jusqu'à l'aurore ainsi le chœur s'est lamenté.
Mais voici qu'il s'éveille à l'appel d'Astarté,
L'Époux mystérieux que le cinnamome arrose.*

*Il est ressuscité l'antique adolescent !
Et le ciel tout en fleur semble une immense rose
Qu'un Adonis céleste a teint de son sang.*

Jose-Maria de Florencia.

Fig. 118



Solares.

Tengo mas púe que Dios,
Porque Dios no se perdona
Lo que se perdono yo.

Yo no la temo a la muerte
Aunque la encuentre en la calle;
Que sin permiso de Dios
La muerte no mata a nadie!

Dicen que nada cuesta
Las despedidas;
Dile al que te lo ha dicho
Que se despidas.

Firme estoy en tu ausencia—
Firme presente—
Firme despues de muerto—
Y firme siempre—
Y aunque me olvides
En todas ocasiones
Estare firme!

Llorando te escribi,
Llorando te la mandé;
Las lagrimas de mis ojos
No me la dejaron ver!

El rio vuelve a su cance,
La golondrina a su nido,
Volo al corazon no vuelve
La ilusion que se ha perdido.

No me mires que miram
Que nos miramos
Y conocer pudieram
Que nos amamos.
Disimulemos,
Que cuando no nos miran
Nos miraremos.

Fig. 119

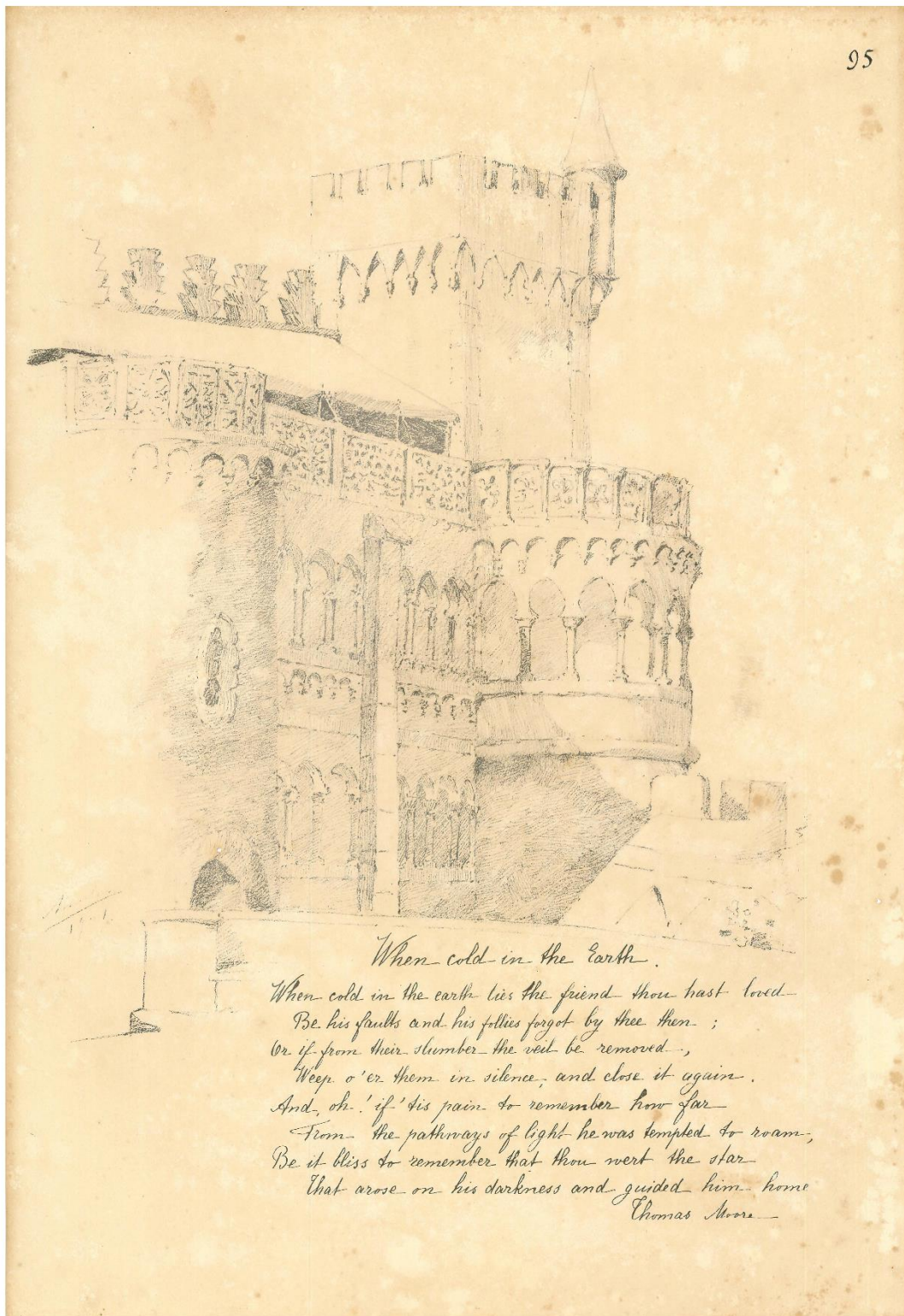


Fig. 120



Fig. 121

— Hélas ! Quelqu'un a-t-il encore un peu d'haléine,
Parmi tant de joyeux et robustes garçons
Qui, ce matin, riaient et chantaient à voix pleine,
Comme des merles dans l'épaisseur des buissons ?

Tous sont muets, Mon casque est rompu, mon armure
Est trébuchée, et la hache a fait sauter ses clous,
Mes yeux saignent, J'entends un immense murmure
Farcit aux hurlements de la mer ou des loups.

Viens par ici, Corbeau, mon brave mangeur d'hommes !
Viens-moi la poitrine avec ton bec de fer,
Tu nous retrouveras demain tels que nous sommes,
Porte mon cœur tout chaud à la fille d'Ymer.

Dans Uysal, où les feux boivent la bonne bière, —
Et chantent, en haussant les cruches d'or, en chœur,
A tire-d'aile vole, l'odeur de brazier !
Cherche ma fiancée et porte-lui mon cœur.

Au sommet de la tour que hantent les corneilles
Tu la verras debout, blanche, aux longs cheveux noirs,
Deux anneaux d'argent fin lui pendent aux oreilles,
Et ses yeux sont plus clairs que l'astre des beaux soirs.

Va, sombre messager, dis-lui bien que je l'aime,
Et que voici mon cœur... Elle reconnaîtra
Qu'il est rouge et solide et non tremblant et blême,
Et la fille d'Ymer, Corbeau, se sourira !

Moi, je meurs, Mon esprit coule par vingt blessures,
J'ai fait mon temps, Bruez, ô loups, mon sang vermeil,
Jeune, brave, riant, libre et sans flétrissures,
Je vais m'asseoir parmi les Dieux, dans le soleil !

Leconte de Lisle.



Frière

Ah si vous saviez comme on pleure
 De vivre seul et sans foyers,
 Quelquefois devant ma demeure
 Vous passeriez.

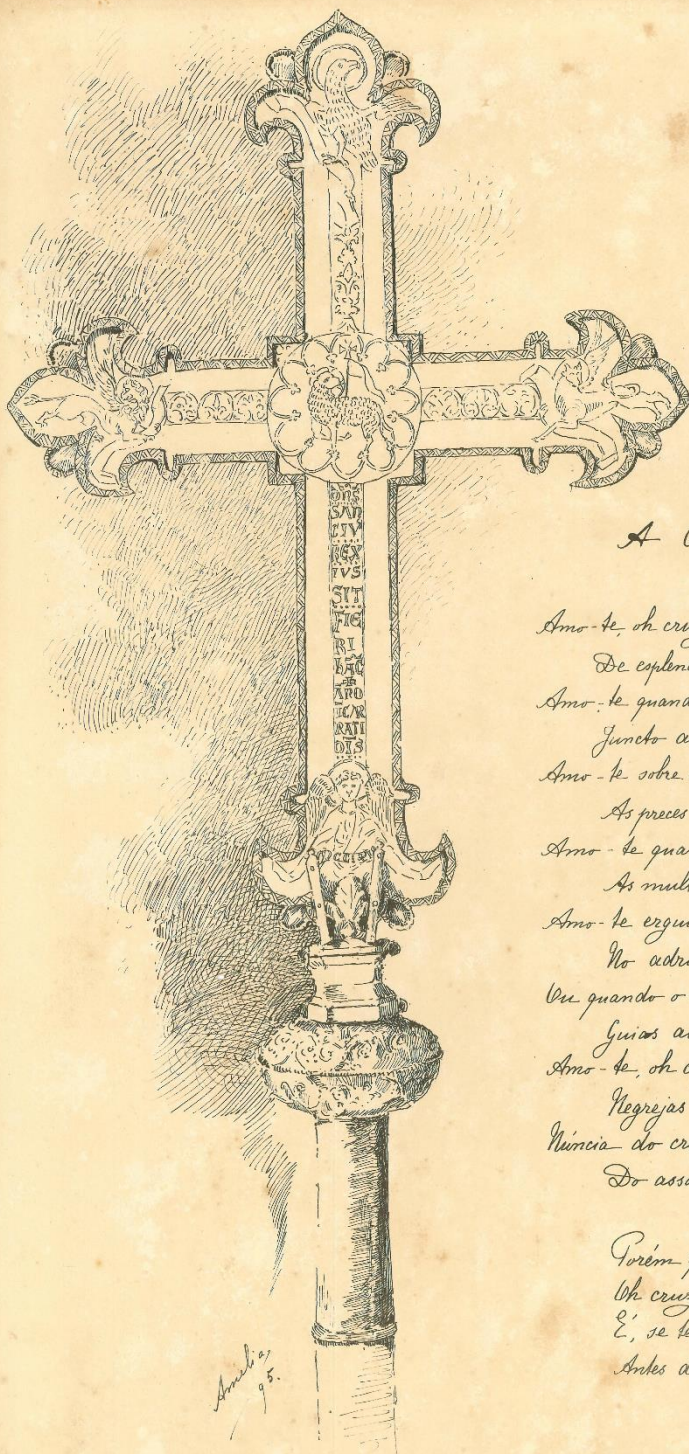
Si vous saviez ce que fait ma tête
 Dans l'âme triste un pur regard,
 Vous regarderiez ma fenêtre,
 Comme au hasard.

Si vous saviez quel baume apporte au cœur
 La présence d'un cœur
 Vous vous assiriez sous ma fenêtre,
 Comme une sœur.

Si vous saviez que je vous aime,
 Surtout si vous saviez comment,
 Vous entreriez peut-être même
 Tout simplement.

Emily Rudhouse

Fig. 122



A Cruz mutilada.

Amo-te, oh cruz, no vertice firmada
 De esplendidas egrejas;
 Amo-te quando á noite, sobre a campa,
 Junto ao cypreste aboças;
 Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,
 As preces te rodeiam;
 Amo-te quando em presbitero festivo
 As multidões te hasteiam;
 Amo-te erguida no cruzeiro antigo,
 No adro do presbyterio,
 Ou quando o morto, empessa no ataúde,
 Guias ao cemiterio;
 Amo-te, oh cruz, até, quando no valle
 Negrejas triste e só,
 Nuncia do crime, a que deveu a terra
 Do assassinado o pé:

Porém quando mais te amo,
 Oh cruz do meu Venhor,
 É, se te encontro á tarde,
 Antes de o sol se pôr,

Fig. 123

Na clareira da serra,
Que o arvoredo assombra,
Quando a luz que fenece
De estira a sua sombra,

E o dia ultimos raios
Com o luar mistura,
E o seu hymno da tarde
O pinheiral murmura.

.....
A. Herculano (A Harpa do Crente.)



Oreste.

Quoi, Pyrrhus, je te rencontre enivré ?
 Cramerai-je partout un rival que j'abhorré ?
 Puis de tant de coups, comment t'es-tu sauvé ?
 Tiens, tiens, voilà le coup que je t'ai réservé.
 Mais que vois-je ? A mes yeux, Hermione l'embrasse.
 Elle vient l'arracher au coup qui le menace !
 Dieux ! quels affreux regards elle jette sur moi !
 Quels démons, quels serpents traînent-ils après soi ?
 Eh bien ! filles d'enfer, vos mains sont-elles purées ?
 Pour qui sont ces serpents qui sifflent sur vos têtes ?
 A qui destinez-vous l'appareil que vous suivez ?
 Venez-vous m'enlever dans l'éternelle nuit ?
 Venez, à vos fureurs Oreste s'abandonne.
 Mais non, retirez-vous, laissez faire Hermione.
 L'ingrate mieux que vous saura me déchirer ;
 Et je lui porte enfin mon cœur à dévorer.

Racine (Andromaque, Acte V.)

Fig. 124

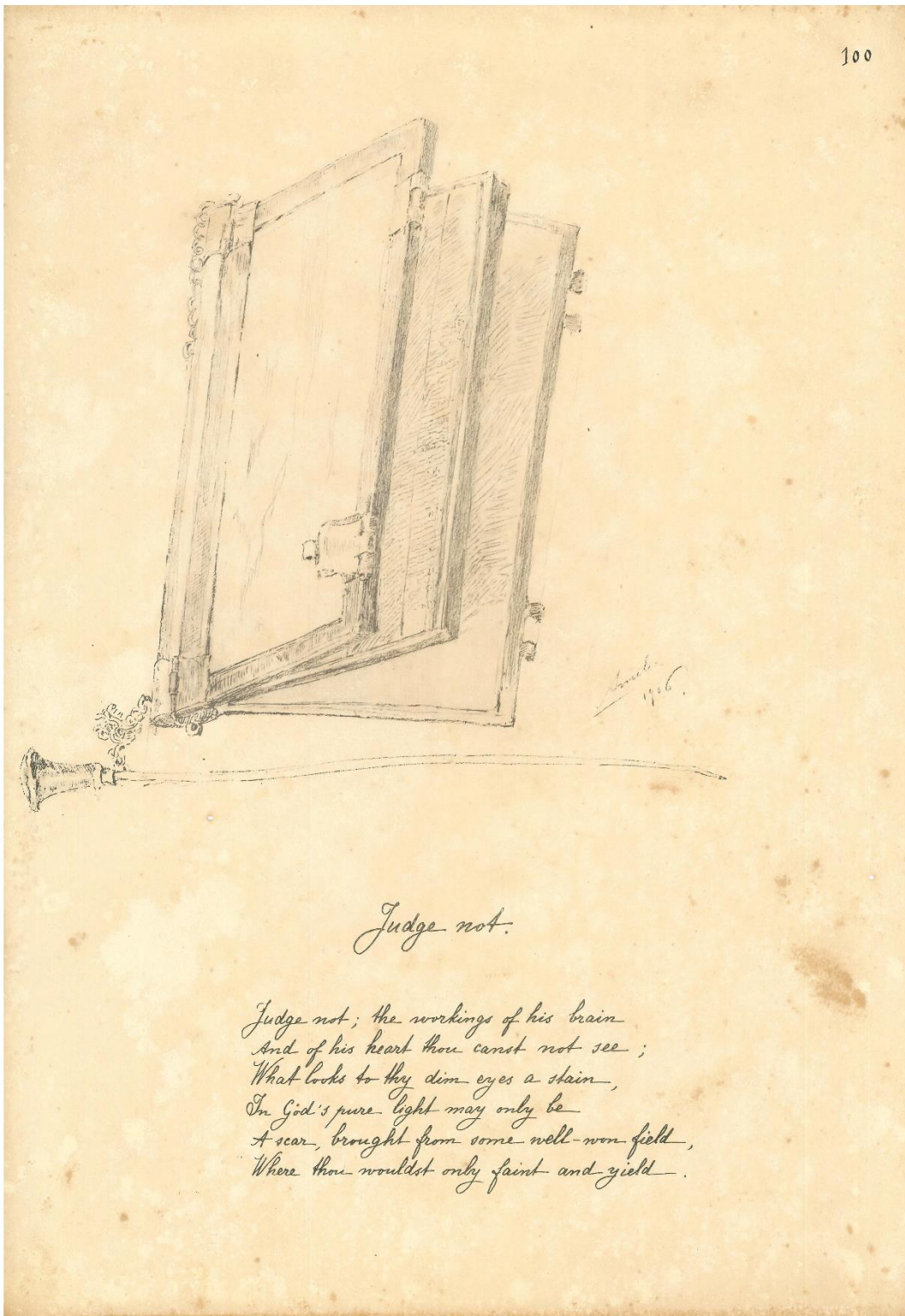


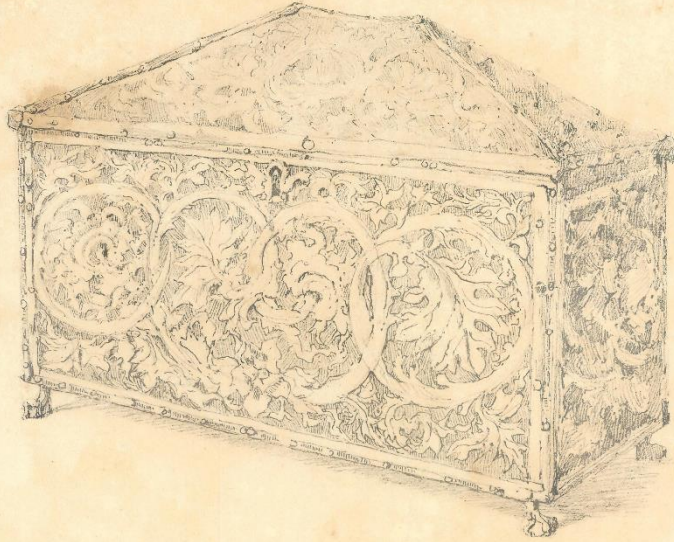
Fig. 125

The look, the air, that frets thy sight,
May be a token, that below
The soul has closed in deadly fight
With some infernal fiery foe,
Whose glance would scorch thy smiling grace,
And cast thee shuddering on thy face!

The fall thou darest to despise —
May be the angel's slackened hand
Has suffered it, that he may rise
And take a firmer, surer stand;
Or, trusting less to earthly things,
May henceforth learn to use his wings.

And judge none lost; but wait, and see,
With hopeful pity, not disdain;
The depth of the abyss may be
The measure of the height of pain —
And love and glory that may raise
This soul to God in after days!

A. A. Tucker.



Madrigal.

Comment au départir adieu pourrai je dire,
 Duquel le souvenir tant seulement me pâme ?
 Adieu, ma chère vie; adieu, ma seconde âme,
 Adieu, mon cher souci, pour qui seul je soupire;

Adieu le bel objet de mon plaisant martyre,
 Adieu, bel oeil divin qui m'englace et m'enflamme,
 Adieu, ma douce glace; adieu, ma douce flamme;
 Adieu, par qui je vis et par qui je respire.

Adieu, belle, humble, honnête et gentille maîtresse;
 Adieu les doux liens où vous m'avez tenu.
 Maintenant en travail, maintenant en liesse.
 Il est temps de partir, le jour en est venu.

Je vous conjure ici, par Amour notre Dieu,
 De prendre cependant mon cœur. Lenez, maîtresse,
 Ici-le-là, baissez-moi, gardez-le, et puis, adieu.
 Pierre de Ronsard.

Fig. 126



Thédre

Ah, cruel! tu m'as trop entendue
 Je t'en ai dit assez pour te faire d'erreur.
 Oh bien! connais donc Thédre et toute sa fureur:
 J'aime! Ne pense pas qu'au moment que je t'aime,
 Innocente à mes yeux, je m'approuve moi-même;
 Ni que du fol amour qui trouble ma raison
 Sa lâche complaisance ait nourri le poison;
 Objet infortuné des vengeances célestes,
 Je m'abhorre encor plus que tu ne me détestes.
 Les dieux m'en sont témoins, ces dieux qui dans mon flanc

Fig. 127

Ont allumé le feu fatal à tout mon sang ;
Les dieux qui se sont fait une gloire cruelle
De séduire le cœur d'une faible mortelle.
Toi-même en ton esprit rappelle le passé ;
C'est peu de t'avoir fui, cruel, je t'ai chassé ;
J'ai voulu te paraître odieuse, inhumaine ;
Pour mieux te résister, j'ai recherché ta haine.
De quoi m'ont profité mes inutiles soins ?
Tu me haïssais plus, je ne t'aimais pas moins
Les malheurs te prisaient encor de nouveaux charmes.
J'ai languie, j'ai séché dans les feux, dans les larmes ;
Il suffit de tes yeux pour t'en persuader,
De tes yeux un moment pouvaient me regarder...
Que dis-je ? est-ce que je te viens de faire ?
Est-ce si honteux, le crois-tu volontaire ?
Essablant pour un fils que je n'osais trahir,
Je te venais prier de ne le point haïr ;
Faibles projets d'un cœur trop plein de ce qu'il aime !
Hélas ! je ne t'ai pu parler que de toi-même !
Venge-toi, punis-moi d'un odieux amour :
Digne fils du héros qui t'a donné le jour,
Délivre l'univers d'un monstre qui t'irrite.
La veuve de Thésée ose aimer Hippolyte !
Crois-moi, ce monstre affreux ne doit point t'échapper ;
Voilà mon cœur ; c'est là que ta main doit frapper ;
Impatient déjà d'expier son offense,
Au devant de ton bras je le sens qui s'avance.
Frappe ; ou si tu le crois indigne de tes coups,
Si ta haine m'envie un supplice si doux,
Ou si d'un sang trop vil ta main serait trempée,
Au défaut de ton bras prête-moi ton épée ;
Donne.

Racine (Théâtre, Acte III.)



When he who adores thee—

When he who adores thee has left but the name
Of his fault and his sorrows behind—
Oh! say, wilt thou weep when they darken the fame
Of a life that for thee was resign'd?
Yes, weep, and however my foes may condemn—
Thy tears shall efface their decree;
For Heaven can witness, though guilty to them—
I have been but too faithful to thee.

With thee were the dreams of my earliest love—;
Every thought of my reason was thine—;
In my last humble prayer to the Spirit above,
Thy name shall be mingled with mine—
Oh! 'blest are the lovers and friends who shall live—
The days of thy glory to see—;
But the next dearest blessing that Heaven can give—
Is the pride of thus dying for thee.

Thomas Moore—

Fig. 128



Ode. XXXV.

Cupid once upon a bed
 Of roses laid his weary head;
 Luckless urchin not to see
 Within the leaves a slumbering bee.
 The bee awaked — with anger wild —
 The bee awaked and stung the child —
 Loud and piteous are his cries;
 To Venus quick he runs, he flies!
 "Oh mother," I am wounded through —
 I die with pain — in sooth I do!
 Stung by some little angry thing,
 Come serpent on a sily ring —
 A bee it was — for once, I know,
 I heard a rustic call it so."
 Thus he spoke, and she the while
 Heard him with a soothing smile;
 Then said, "My infant, if so much
 Thou feel the little wild bee's touch,
 How must the heart, ah, Cupid, be,
 The hapless heart that's stung by thee!"

Thomas Moore —
 (Ode of Anacreon.)

Fig. 129



Fig. 130

Yonche de nacre où s'éveille l'Aurore,
Noble palais que bat la mer souvere,
Blanc coudrier qui sait plaire à Phyllis,
Tomme en fleur qui de rayons se dore,
Rien n'est pareil à la gloire d'un Lys.

La nuit, au bord de la source limpide,
Le Lys s'endort d'un superbe sommeil,
Près du flot bleu qui doucement se ride.
Tel, en songeant, dort sous un dais vermeil
Un roi d'Asie en son riche appareil.
Neige étendue aux rives du Bosphore,
Clair vêtement qu'un sein aigu colore,
Temple de Tyr ou d'Héliopolis,
Lotus divin dont le flot se décore,
Rien n'est pareil à la gloire d'un Lys.

Tel, ô guerrière, ô blanche Cyndaride,
Le sable est fier de baiser son orteil,
Le Lys joyeux, riant, de pleurs humide,
Se dresse, orgueil du monde, à son réveil,
Et resplendit dans l'éclair du soleil.
Perle gisant dans l'or du sable more,
Vaine que tient la svelte chrysothore,
Marbre vivant ciselé par Scyllis,
Nymphé au beau sein compagne du centaure,
Rien n'est pareil à la gloire d'un Lys.

Envoi.

Lys exalté, grande fleur, je t'adore.
Cygne rêvant, contour pur de l'amphore,
Nuit d'argent, voile éthéré des nîlis,
Col de Venus, pieds nus de Cerpichore,
Rien n'est pareil à la gloire d'un Lys.

Chiodore de Beauville.

La Robe du Centaure.



Antique justicier, ô divin Vagittaire,
 Tu foulais de l'Or la cime solitaire,
 Et dormiteur en repos, dans ta force couché,
 Sur ta solide main ton front s'était penché.
 Les pins de Thessalie, avec de fiers muronniers,
 L'abritaient gravement de leurs larges ramures;
 Détachés de l'épaule et des bras indomptés,
 La massue et ton arc dormaient à ton côté.
 Tel glorieux lutteur tu contemplais paisible,
 Le sol sacré d'Hellas où tu fus invincible,
 Ni trêve, ni repos. Il faut encore souffrir;
 Il te faut expier ta grandeur, et mourir.

Robe aux lourds tissus, à l'étreinte suprême!
 Le Némién s'endort dans l'oubli de soi-même;
 De l'immense clameur d'une angoisse sans frein
 Qu'il frappe, ô Destinée, à la voûte d'airain!
 Que les chênes nouveaux, rois aux vieilles années,
 S'embrasent en éclats sous ses mains acharnées;
 Et sauvant d'en bas l'Olympe radieux,
 Que l'Or flamboyant l'exhale dans les cieux!

Désirs que rien ne dompte, ô robe expiatoire,
 L'unique dévorante et manécan de victoire!
 C'est peu d'airain planté d'une immortelle main
 Douze combats sacrés aux haltes du chemin;
 C'est peu, multipliant sa souffrance infinie,
 D'airain longtemps versé la sueur du génie.
 O source de sanglots, ô foyer de splendeurs,
 Un invincible souffle irait vos ardeurs;
 Vos suprêmes soupirs, avant-coureurs sublimes,
 Guidant aux cieux ouverts les âmes magnanimes;
 Et sur la hauteur sainte, où brûle votre feu,
 Vous consommez un homme et vous faites un Dieu.

Leconte de Lisle

Fig. 131



Prestito-tumbre.

*Que alegrias virgens, campezinhas, flemem—
Neste immaculado, limpo arrebol!—
Como os galos cantam!... como as noças gemem!...
Nos olmeiros brancos, cujas folhas tremem—
Resplendente e novo passarinha— sol!...*

*Na estrada, que entre cerejas anda—
Uma pequernucha—tro-la-rá-la-rá!—
Vae cantando e guiando o carro para a aldeia...
Tão os bois enormes, e a carrada cheia—
Com um castanheiro apodrecido já.*

*Oh, que donzotas, linda boiueirinha!—
Grandes olhos garços, sorrisinho arisco...
D'aguilhada em punho lepida caminha—
Com a graça noca d'ave ribeirinha—
Verdilhão, arveda, Andorinha em pescar—
.....*

Guerra Junqueira.

Fig. 132



Fig. 133

" Sur notre banc ami tout verdâtre de mousse,
 Sur le banc d'autrefois nous reviendrons causer.
 Nous aurons une joie attendrie et très douce,
 La phrase finissant souvent par un baiser.
 Combien de fois jadis j'ai pu te dire "je t'aime"
 Alors, avec grand soin nous le recompterons,
 Nous nous ressouviendrons de mille choses, même
 De petits riens exquis dont nous rôtoterons,
 Un rayon descendra d'une caresse douce
 Taroni nos cheveux blancs, tout rose se posera;
 Quand sur notre vieux banc, tout verdâtre de mousse,
 Sur le banc d'autrefois, nous reviendrons causer. "

" Et, comme chaque jour je t'aime davantage,
 Aujourd'hui plus qu'hier, et bien moins que demain,
 Qui importeront alors les rides du visage,
 Mon amour se fera plus grave et plus serein.
 Songe que tous les jours des souvenirs s'entassent,
 Mes souvenirs à moi seront aussi les tiens.
 Les communs souvenirs, toujours plus nous embracent,
 Et sans cesse entre nous tissent de nouveaux liens.
 C'est vrai, nous serons vieux... très vieux faiblis par l'âge,
 Mais plus fort chaque jour je sererai ta main;
 Car, vois-tu, chaque jour je t'aime davantage
 Aujourd'hui plus qu'hier, et bien moins que demain. "

" Et de ce cher amour qui passe comme un rêve,
 Je veux tout conserver dans le fond de mon cœur,
 Retenir, s'il se peut, l'impression trop brève,
 Pour la ressouvenir, plus tard avec lenteur.
 J'enferme ce qui vient de lui, comme un avaro,
 Chisourisant avec ardeur pour mes vieux jours.
 Je serai riche alors d'une richesse rare,
 J'aurai gardé tout l'or de mes jeunes amours.
 Ainsi, de ce passé de bonheur qui s'achève,
 Ma mémoire parfois me rendra la douceur;
 Et de ce cher amour qui passe comme un rêve,
 J'aurai tout conservé dans le fond de mon cœur. "

Madame Postand.



La vision de Khém.

I.

temple de Memphis.

Hiératique.

17.

Midi. L'air brûle et sous la torrille lumière
Le vieux fleuve alongue route des flots de plomb ;
Du zénith aveuglant le jour tombe d'aplomb
Et l'implacable Nère couvre l'Égypte entière.

Les grands sphinx qui jamais n'ont baigné la prairie
Allongés sur leur flanc que baigne un sable blond,
Poursuivent d'un regard mystérieux et long
L'élan démesuré des aiguilles de pierre.

Seul, sachant d'un point noir le ciel blanc et serain,
Au loin tourne sans fin le vol des gypsautes ;
La flamme immense endort les hommes et les bêtes.

Le sol ardeut fébrile, et l'Anubis d'airain
Immobile au milieu de cette chaude joie
Vérécieusement vers le soleil abois.

Fig. 134

II

La lune sur le Nil, splendide et ronde, luit,
Et voici que s'écroule la nécropole antique.
Où chaque roi, gardant la pose hiératique,
Git sous la banderlette et le fenêtré enduit.

Cel qui au jour des Pharaons innombrable et sans bruit,
Écoute un peuple formant le cortège mystique,
Multitude qui absorbe un rêve granitique,
S'ordonne et se déploie et marche dans la nuit.

Se détachant des murs brochés d'hieroglyphes,
Ils suivent la Bari que portent les pontifes
D'Ammon-Ra, le grand Dieu conducteur du soleil;

Et les sphinx, les béliers ceints du disque vermeil,
Élanés, d'un seul coup se dressant sur leurs griffes,
S'éveillent en sursaut de l'éternel sommeil.

III

Et la foule grandit plus innombrable encor.
Et le sombre hypogée où s'alignent les couchés
Est vide. Du milieu déserté des cartouches,
Les éperriers sacrés ont repris leur essor.

Bêtes, peuples et rois, ils vont. L'uraeus d'or
S'enroule, étincelant, autour des fronts farouches;
Mais le bitume épais scelle les maigres bouches,
En tête, les grands dieux: Hor, Khnoum, Ptah, Neïth, Hathor.

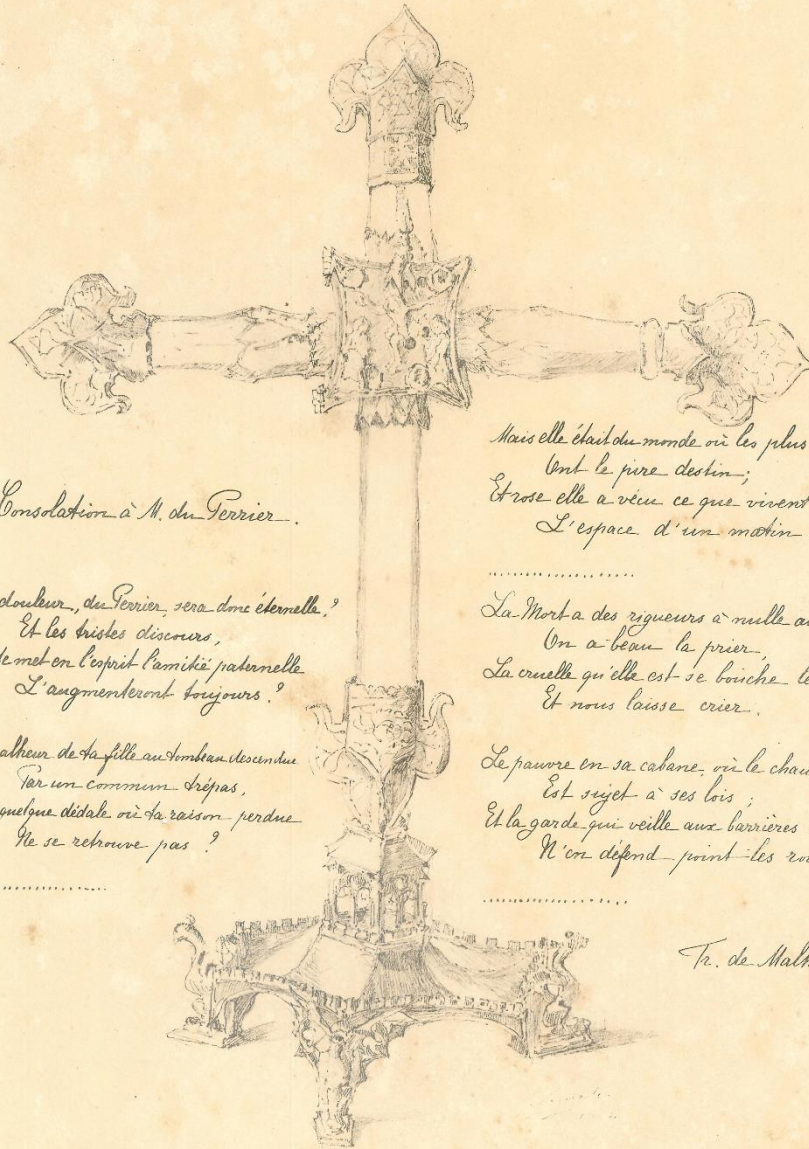
Tous sous ceux que conduit Lohu Hinocephale,
Vêtus de la schenti, coiffés des pschent, ornés
Du lotus bleu. La pompe errante et triomphale

Ondule dans l'horreur des temples ruinés,
Et la lune, éclatant au pare froid des salles,
Prolonge étranquement des ombres colossales.

José Maria de Heredia



Fig. 135



Consolation à M. du Ferrier.

La douleur, du Ferrier, sera-t-elle éternelle ?
Et les tristes discours,
Que se met on l'esprit l'amitié paternelle
L'augmenteront toujours ?

Le malheur de ta fille au tombeau descendue
Par un commun sépas,
Est-ce quelque désastre où ta raison perdue
Ne se retrouve pas ?

Mais elle était du monde où les plus belles choses
Ont le pire destin ;
Et rose elle a vécu ce que vivent les roses,
L'espace d'un matin.

La Mort a des rigueurs à mille autres pareilles :
On a beau la prier,
La cruelle qu'elle est se bouche les oreilles
Et nous laisse crier.

Le pauvre en sa cabane, où le chaume le couvre,
Est sujet à ses lois ;
Et la garde qui veille aux barrières du Louvre
N'en défend point les rois.

P. de Malherbe.

Fig. 136

Heróicas.

O' Madresilha não sabes
Ao quarto do meu Amor...!
Que se julgar que me queres,
Basta-se mal minha flor...!

O' Hera sempre fiel,
O' Julia morte vendida,
O' Hera, nunca lhe digas
Que matou a minha vida...!

O' sombra da madrugada
Que não é noite nem dia...!
— Não sempre do coração
A Luz é menos sombria...!

O' Sol apaga os teus raios
Que pra mim não têm emprego...!
Não a verás mais meus olhos...
— De que serve a luz ao cego...?!

Estrelas da noite fria,
Docezinhas cor de cera,
Conheceis vós a doença
De quem ama e não espera...?!

O' Mar não chures comigo
Que a minha dor já serena...!
Não sentas pena de mim,
Tem pena d'ella, tem pena...!

O' vento mau das charnecas,
E as furias bravas do mar,
O vento varre de praia
Os meus castellos no ar...!

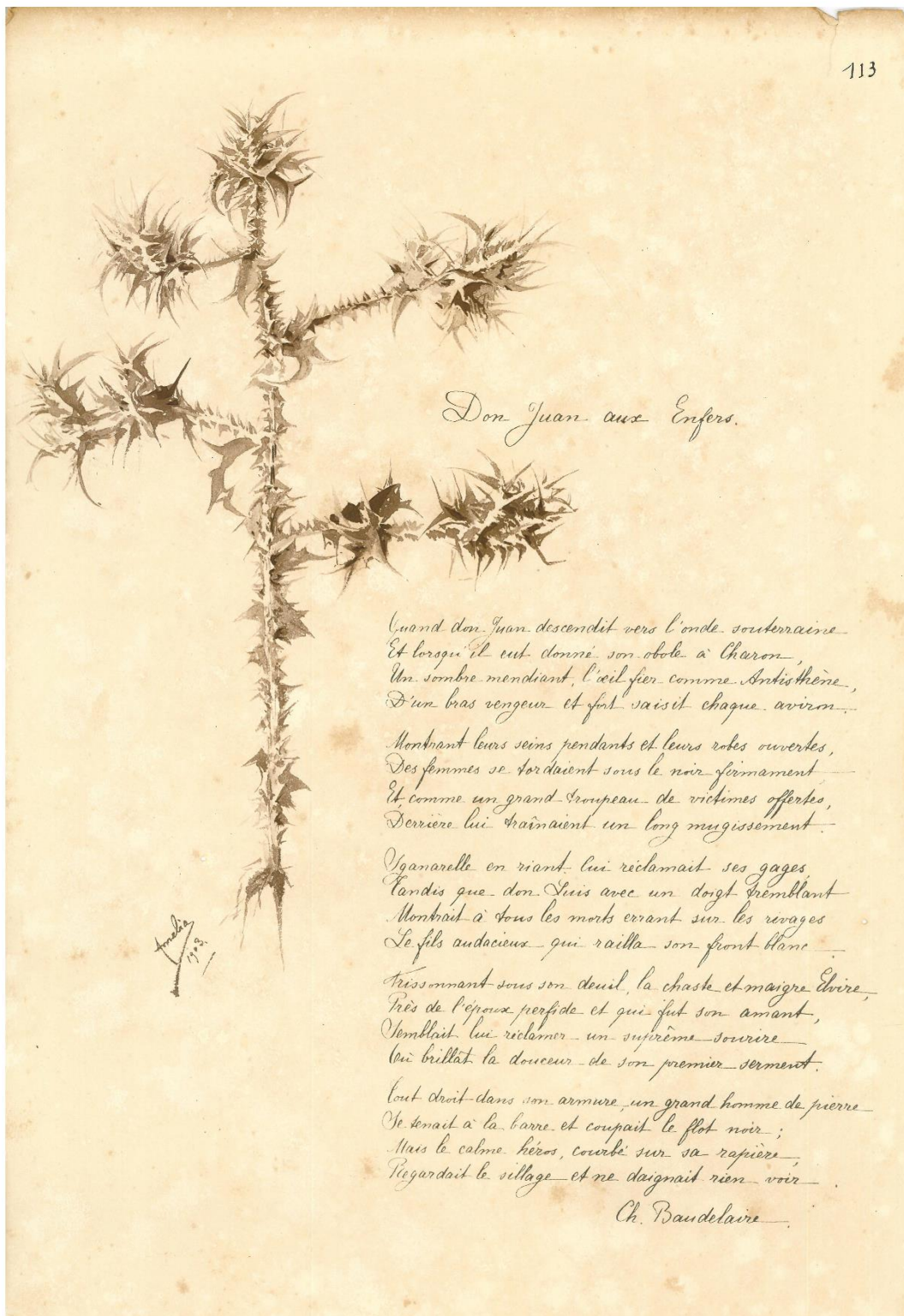
Andorinhas se algum dia
Vardes junto ao meu rosto,
Dizei-lhe como se viam
As penas do meu desgosto...!

O' Luar que sabes tudo
Não contes nunca esse enredo
Não digas nada, não digas...
— O' Luar, guarda o segredo...!

Martinho de Piedade.



Fig. 137



Don Juan aux Enfers.

Quand don Juan descendit vers l'onde souterraine
Et lorsqu'il eut donné son obole à Charon,
Un sombre mendiant, l'œil fier comme Antisthène,
D'un bras vengeur et fort saisit chaque aviron.

Montrant leurs seins pendants et leurs robes ouvertes,
Des femmes se torvaient sous le noir firmament
Et comme un grand troupeau de victimes offertes,
Derrière lui traînaient un long mugissement.

Uganarelle en riant lui réclamait ses gages
L tandis que don Luis avec un doigt frémissant
Montrait à tous les morts errant sur les rivages
Le fils audacieux qui raille son front blanc.

Très-mourant sous son deuil, la chaste et maigre Èvire,
Près de l'époux perfide et qui fut son amant,
Semblait lui réclamer un suprême serment
Qui brillât la douceur de son premier serment.

Tout droit dans son armure, un grand homme de pierre
Se tenait à la barre et coupait le flot noir ;
Mais le calme héros, courbé sur sa rapière,
Regardait le sillage et ne daignait rien voir.

Ch. Baudelaire.

Fig. 138



La Voix des Morts.

*Morts qui dormez, couchés dans nos blancs cimetières,
Parfois, en relisant tous vos noms oubliés,
Je songe que nos cœurs à vos froides poussières
Par des fils infinis et puissants sont liés.*

*Morts, vous dirigez nos volontés altières,
Par vos devoirs éteints nos desirs sont pliés,
Vos âmes dans nos seins revivent tout entières,
En nous vos longs espoirs vibrent, multipliés.*

Fig. 139

Bien que nous franchissions une sphère plus haute,
Vos antiques erreurs nous induisent en faute,
Nous aveuglant encor malgré tous nos flambeaux ;

Car le passé de l'homme en son présent subsiste,
Et la profonde voix qui monte des tombeaux
Dicte un ordre implacable, auquel nul ne résiste.

Jeanne Loiseau.



Fig. 140

Hacen su nido los colorines,
Duermen los genios de los amores,
Y buscan sombra los serafines.
¿Dónde hay belleza de criatura
Que se compare con tu hermosura?
Tienes el cuello airoso
De la paloma,
Y el aliento oloroso
Como el aroma;
Tus ojos puros
Son ojos de gazela,
Dulces y oscuros
Cristiana bella
Por ver un rayo de tu mirada
Ventir tu aliento, seguir tu huella
Yo te daría
El mejor carmen de mi Granada
Mi mejor torre de Andalucía.



The Three Rulers.

I saw a Ruler take his stand—
 And trample on a mighty land :
 The People crouched before his back,
 His iron-heel was on their neck,
 His name shone bright through blood and pain,
 His sword flashed back their praise again—

I saw another Ruler rise—
 His words were noble, good, and wise—
 With the calm sceptre of his pen—
 He ruled the minds and thoughts of men :
 Some scoffed, some praised—while many heard,
 Only a few obeyed his word—

Another Ruler then I saw—
 Love and sweet Pity were his law :
 The greatest and the least had part—
 (Yet most the unhappy) in his heart—
 The People, in a mighty band,
 Rose up, and drove him from the land—

A. A. Procter—

Fig. 141



Lui

Toujours lui, 'lui-partout' — Un brûlant ou glacé,
Son image sans cesse ébranle ma pensée.
Il verse à mon esprit le souffle créateur.
Je tremble, et dans ma bouche abondent les paroles
Quand son nom gigantesque, entouré d'auroles
Se dresse dans mon vers de toute sa hauteur.

Là, je le vois, guidant l'obs aux bords rapides;
Là, massacrant le peuple au nom des régicides;
Là, soldat, aux tribuns arrachant leurs pouvoirs;
Là, consul jeune et fier, couronné par des veilles
Que des rêves d'empire emplissent de merveilles,
Pâle sous ses longs cheveux noirs.

Fig. 142

Puis, empereur puissant, dont la tête s'incline,
Gouvernant un combat du haut de la colline,
Permettant une étoile à ses soldats joyeux,
Faisant signe aux canons qui vomissent les flammes,
De son âme à la guerre armant six-cent mille âmes,
Grand et serin, avec un éclair dans les yeux.

Puis pauvre prisonnier, qu'on raille et qu'on tourmente,
Brisant ses bras osifs sur son sein qui fermente,
En proie aux géoliers vils comme un vil criminel,
Vaincu, chauve, couvrant son front noir de nuages,
Tronçant sur un roc où passent les orages
Sa pensée, orage éternel.

Qui il est grand, là surtout, quand puissance brisée,
Des ports-chefs anglais misérable risée,
Au sacre du malheur il retrempe ses droits,
Tient au bruit de ses pas deux mondes en haleine,
Et mourant de l'exil, gêné dans Sainte-Hélène,
Manque d'air dans la cage où l'exposent les rois !

Qui il est grand à cette heure où, prêt à voir Dieu même,
Son œil qui s'éteint roule une larme suprême !
Il évoque à sa mort sa vieille armée en deuil,
Se plaint à ses guerriers d'expirer solitaire,
Et prenant pour linceul son manteau militaire,
Du lit de camp passe au cercueil !

Victor Hugo



'Tis the last rose of summer—

'Tis the last rose of summer—
Left blooming alone;
All her lovely companions
Are faded and gone;
No flower of her kindred,
No rosebud is nigh,
To reflect back her blushes,
To give sigh for sigh.

I'll not leave thee, thou lone one,
To pine on the stem;
Since the lovely are sleeping,
Go sleep thou with them.
Thus kindly I scatter
Thy leaves o'er the bed,
Where thy mates of the garden
Lie scentless and dead.

So soon may I follow;
When friendships decay,
And from Love's shining circle
The gems drop away!
When true hearts lie wither'd
And fond ones are flown,
Oh! who would inhabit
This bleak world alone!

Thomas Moore

Fig. 143



Cristesve . . .

J'ai perdu ma force et ma vie,
 Et mes amis et ma gaieté ;
 J'ai perdu jusqu'à la fierté
 Qui faisait croire à mon génie . . .

Quand j'ai connu la Vérité,
 J'ai cru que c'était un amie ;
 Quand j'ai comprise et sentie,
 J'en étais déjà dégoûté . . .

Et pourtant elle est éternelle,
 Et ceux qui se sont passés d'elle
 Ici-bas ont tout ignoré . . .

Dieu parle, il faut qu'on lui réponde
 Le seul bien qui me reste au monde
 Est d'avoir quelquefois pleuré . . .

Alfred de Musset

Fig. 144

Table

1. Pièce de l'armure de François 1^{er} par Benvenuto Cellini .
Musée d'Ajuda. (Dessin).
"Os Lusíadas" .. Canto primeiro .. Str. 1^a, 2^a, 3^a .. Camões .
- 2 Copie à l'Aquarelle d'une des miniatures du Cancioneiro d'Ajuda
"Don Gil Sanches" .. Cancioneiro d'Ajuda .
- 3 La Victoire de Samothrace .. (Dessin d'après un plâtre)
"Hélène sur la tour" .. Homère .. Illiade . (Traduction Marc Legrand)
- 4 Chapelle de Piedade .. Cintra . (Dessin)
"Faudade gosto de" .. Camões de Garrett .. Canto 1^o , Str. 1^a .
- 5 Peryenches . (Aquarelle)
"Rondel" .. Charles d'Orléans .
- 6 La Sulamite .. du buste par la Duchesse de Palmella .
"Yo soy morena" .. Becker .
- 7 Une horloge sur un escalier .. (Aquarelle)
"The old clock on the stair" .. Longfellow ..

- 8 Muraille extérieure et porte d'entrée du vieux château de
Villa Ficosa. (Dessin)
" La Divine Comédie " - Dante - dell' Inferno - Canto 5°.
- 9 Architecture gothique - (Dessin à la plume)
" Alma minha gentil " - Camões
- 10, 11, 12 - Chaumes souris - (Aquarelle)
Fragments de la " Nuit d' Octobre " - A. de Musset .
- 13 Jardim da Preta - Lago de Cintra. (Dessin)
" Ô, bon viver assim " - Condé de Ficalho .
- 14 Tournesols - (Aquarelle)
" Je vis je meurs " - Sonnet - Louise Labe
- 15 Un chardon - (Aquarelle)
" Num leque " - Gonçalves Crespo
- 16 Un coin de Penha Verde (Aquarelle)
" Hôy como ayer " - Becquer .
- 17 Dessin à la plume d'un des bas-reliefs du grand plat
ciselé de Gil Vicente
" Os Lusíadas " - Canto 4° - str 84 e 85
- 18 Une porte d'azulejos du Palais de Cintra. (Aquarelle)
" Corriendo yan por la zega " - Oriental - Zorrilla .
- 19 Le Palais de Cintra, vue prise de la fontaine de Sabugo. (Dessin)
Camões de Garrett .
- 20 Fonte dos passarinhos - Pena. (Dessin)
Petrarca - Sonnet 64°
- 21 - Chardons - (Aquarelle)
" Fados " -

- 22 *Un clocher au clair de lune* (Aquarelle et gouache)
"Ballade à la lune." - A. de Musset.
- 23 *Figure formant l'anse d'une aiguière en vermeil de Germain* (Aquarelle)
"Le vase brisé." - Jully Grundhomme
- 24 *Vieux livre provenant d'Alcobaça (Bibliothèque Nationale)* (Aquarelle)
"Odor di femina" - Gonçalves Crespo.
- 25 *Coin de Penha Verde* (Aquarelle)
"Sous les Arbres" - Les Contemplations - Victor Hugo.
- 27 *Un coin de la Chapelle de Pena* (Dessin)
"Hymne à la douleur" - Lamartine.
- 28 *Un coin du plafond des Pagas* - Cintra (Aquarelle)
"Por bem" - Romaneciro de Garrett.
- 29 *Tige d'un chardon poussé près de la mer* (Aquarelle)
"Amôr he hum sogo" - Camões - Sonetos.
- 30 *Un moulin à vent* (Dessin)
"A Tadicirinha" - Conde de Sabugosa.
- 31 *Entrée Quinta Saldanha* - Cintra (Dessin)
"Rappelle-toi" - Alfred de Musset.
- 32 *L'Épée de Nun'Alvares* (Dessin à la plume)
"Os Lusíadas" - Canto quarto str 14^a
- 33 *Une porte dans le cloître des Jeronymos* (Dessin)
"Lucie" - Fragment - Alfred de Musset.
- 34 *Fleur de l'Arbre de Judée* (Aquarelle)
"Le meilleur moment des amours" - Jully Grundhomme

- 35 Un coin de route près de S. Bento - Cintra (Dessin)
"Partir c'est mourir un peu" - Edmond Raraucourt .
- 36 Lys rouge de la Quinta Saldunka - Cintra - (Aquarelle)
D. Juan Tenorio - Acte 1^{er} Zorrilla .
- 37 Un coin du cloître du Couvent das Chagas à
Vila - Figeira - (Dessin)
"Histoire d'une âme" - Eugène Manuel .
- 38 Coin du cloître de Pena - (Dessin)
"Amours-nous" - Jean Pleyber .
- 39 Lettre copiée d'un Missel du Musée Janellas Verdes (Aquarelle)
"Cantar D'El Rei D. Diniz" -
- 40 Chapelle de S^{te} Amaro em Riba Fria - Cintra (Dessin)
"O Mosteiro deserto" - A. Herculano .
- 42 Le Lion de la Quinta - Regaleira à Cintra (Dessin)
"Les animaux malades de la peste" - LaFontaine .
- 43 Un cactus en fleur - (Aquarelle)
Rosa d'Amor do Camoês de Garrett .-
- 44 Christ en Croix - (Dessin aux deux crayons)
Le Crucifix... Victor Hugo .
- 45 Entrée de l'ancienne Mosquée, Château des Nôbres (Dessin)
Camoês de Garrett .- Canto 9^o - str 8^o -
- 46 Notre Dame et l'enfant Jésus sur un rosier - fragment
du Porta-Paz de N^o 5^o do Espinheiro d'Égora .-
appartient au Musée Janellas Verdes. (Dessin aux deux crayons)
"Aze Maria" - Gil Vicente .

- 47 Cour du Palais Pombal à Cintra - (Dessin)
"Le Sonnet d'Argers".
- 48 Trois Caravelles, motif du grand plat ciselé
de Gil Vicente - (Aquarelle, une couleur)
"Lusiadas" Canto 1^o str 19^a - Camões
- 49 Sala de Jantar dos Arabes. Paço de Cintra (Dessin)
"Le Cid". Acte III scène IV - Corneille
- 50 Iris sauvage - (Aquarelle)
"Harmonie du soir" - Baudelaire
- 51-52 Tête de gamine de S. Pedro do Sul. (Dessin)
"O Magali" - Mireille - Mistral
- 53 Iris - (Aquarelle)
"Jamais" - Alfred de Musset
- 54 Un motif du tombeau d'Inez de Castro. Alcobaca
(Dessin à la plume)
"Lusiadas" - Canto terceiro 120 e 121.
- 55 Berger en adoration d'un presepio. Missie Janelas Verdes (Dessin)
"Refugium peccatorum" - Antonio Feijó
- 56 Penha Verde, rond-point où dit-on, Camões recita les
Lusiadas devant le Roi - D. Sebastião - (Dessin)
"Camões de Garrett" - Canto 7^o - str. 12^a.
- 57 Fenêtre du château d'Alyto (Sépia)
"Volgeran las oscuras golondrinas" - Becquer.
- 58 Belladone - (Aquarelle)
"Amor e Psyché" - Souza Monteiro

- 59 Une tige de papots en graine (Aquarelle)
"Intimités" 4. - François Coppée.
- 60 Pia d'agua benta et goupillon. Musée Coimbra (Dessin)
"Le chrétien mourant" - Lamartine. (Méditations poétiques)
- 61 Femme de Vilharigues. - Beira (Aquarelle)
"Rosita" - Macedo Papança.
- 62 Arbres et pierres, coin devant Penha Verde. (Aquarelle)
"Adieu" - Alfred de Musset.
- 63 Fleurs de la Passion. (Aquarelle)
"Os vencidos" - A. do Quental
- 64 L'étendard de Montês Claros. (Aquarelle)
"Patria" - de Fernandes Costa.
- 65 Un cavalier appartenant au presépio de Madre Deus.
(Dessin) Fragment de Don Gaifeiros -
Romanceiro de Garrett ..
- 66 Croix cristal de roche et argent doré. Setúbal (Dessin)
"Lusiadas" - Canto terceiro. str 45°
- 67 Pelourinho près d'Alfeite (Dessin)
"A canção do Figueiral".
- 68 Un coin d'ostensoir gothique. Se' d'Ejora. (Dessin)
"Le parfum impérissable" - Leconte de Lisle
- 69 Un gallon d'argent, exposition Arte Sacra 1895 (Dessin)
"A nau Cathrineta" - do Romanceiro de Garrett
- 70 P. majuscule composé de chimères et figures prises vase
en vermeil Roi D. Fernando (Dessin)
"A Cepa" - Alfred de Musset

- 71 *Vue de Pena d'Estrada Nova* (Aquarelle)
"Camões de Garrett" .. Chant 5^{ème} str 10^{ème}
- 72 *Le Centaure Nessus enlevant Dejanire, fragments d'un plat ciselé - Musée Janellas Terdes* (Dessin)
"Hercule" .. André Chenier
- 73 *Hibou sur une gargouille* (Dessin à la plume d'après nature)
"The oyst" .. Tennison
- 74 *Un papot blanc* (Aquarelle)
"Parfum de la mort" .. Orphée (traduction Marc Legrand.)
- 75 *Le couvent des Chagas à Villa Vicosa*
vue de ma fenêtre (Dessin)
"A impertinencia dos Sinos de Villa Vicosa" .. Nicolau Tolentino.
- 76 *Thielle femme de S. Pedro do Sul filant sa quenouille* (Dessin)
"Les enfants" .. Victor Hugo
- 77 *Chevaux et personnages, groupe du Presépio de Madre Deus* (Dessin)
"La Reine de Saba" .. Théodore de Banville
- 78 *Rose troisième* (Aquarelle)
"Rosa pallida" .. Garrett
- 79 *Pelican en bronze. Sé de Vizeu* (Dessin)
"Dazeille" .. Chants du soldat de Paul Déroulède.
- 80 *Vue de la baie de Cascaes prise de la Batterie* (Aquarelle)
"Cascaes" de Garrett
- 81 *Fragment du portail des Jeronimos, côté de la Casa Pia*
La Reine D. Leonôr ? femme de D. Manoel en prière (Dessin)
"Lusiadas" .. Canto 4^º str 37^º

- 82 *Porta - Paz da Sé d'Évora* (Dessin crayon rouge)
"Ja Bocage maô sou". - Barbosa du Bocage
- 83 *Rose thé* (Aquarelle)
"Co." - Shelley ..
- 84 *Croix reliquaire fin XVI^e siècle appartenant à la Misericórdia de Vila Vicosa* (Dessin)
"Santa Teresa's book mark". - Longfellow
- 85 *Coffret ancien argent, ovale et doré.*
Musée Janellas Terdes (Aquarelle)
"Bella Infanta". - Romanceiro de Garrett
- 86 *Cruz d'Arouca* (Dessin)
Fragment de la Lettre à Lamartine". de Musset
- 87 *Pavot rouge* .. (Aquarelle)
"Le Baiser". - Cyrano de Bergerac. d' Edmond Rostand
- 88 *Une porte et un pan de mur da Quinta Praia en face de Setúbal* (Dessin)
"Camões de Garrett". - Canto 5^o. str 11^a
- 89 *Encensoir, Musée de Coimbra* (Dessin)
"Hymne à la très chère, etc..." - Baudelaire
- 90 *Sauterelle* (Aquarelle)
"Beijo na face". - João de Deus
- 91 *Une vieille maison à S. Pedro do Sul (Portugal)*
"Autre chanson". - Victor Hugo.
- 92 *Petit chardon* (Aquarelle)
" Saudades de Garrett .
- 93 *Anémones* (Aquarelle)
"Le Réveil d'un Dieu". - José Maria de Herédia.

- 94 *Légitime Palais. Rendez-vous de chasse Capada de Villa Vizosa "Solcares".*
- 95 *Le coin de ma terrasse à Pena (Cintra) (Dessin)
"When cold in the Earth". - Thomas Moore.*
- 96 *Un corbeau (Aquarelle).
"Le cœur de Kialmar". - Leconte de Lisle.*
- 97 *Chalet de Mochto - Pena (Dessin)
"Prière". - Sully Prudhomme*
- 98 *Croix de D. Sancho. Musée d'Isuda (Dessin)
A Cruz mutilada. - A. Herculano.*
- 99 *Aiguière en vermeil. Necessidades (Dessin)
"Andromaque. - Acte V. - Racine.*
- 100 *Registre de présence des Chanoines de la Cathédrale de Faro Algarve (Dessin) "Livro de Tonto."
"Judge not". - A. A. Procter*
- 101 *Coffre renaissance en argent doré (Musée des Beaux Arts)
Janellas Verdes - Lisbonne. (Dessin)
"Madrigal" de Ronsard.*
- 102 *Une Calleya (Orchidée) (aquarelle)
"Phèdre". - Racine.*
- 103 *Une porte - Palais de Cintra (Dessin)
"Mancelina When he who adore thee". - Thomas Moore*
- 104 *Un Ofrys (Aquarelle)
Ode XXXV d'Anacréon. - Traduction Thomas Moore*

105. *Amaryllis*. *Lys du Japon*. (Aquarelle)
 "Ballade à la gloire du Lys" .. Théodore de Banville
106. *Hercule venant de tirer sur le centaure Nessus*. bas relief
 d'un grand plat ciselé appartenant au trésor de la
 Cathédrale, Lisbonne. (da sé)
 "La Robe du Centaure" .. Leconte de Lisle.
107. *Jeune fille de Beira avec le "Capuz"* (Aquarelle)
 "Prestito funebre" .. Guerra Junqueiro.
108. *Vieux chêne-liège près d'une fontaine, Penha Verde (Cintra)*
 "Les Vieux" .. Madame Rostand
109. *Temple de Ptah, Karnak.* (Dessin)
 "La Vision de Khém" .. José Maria de Herédia
110. *Fleur* (Aquarelle)
 "Le Passant et le Génie" .. S. de Ronsard
111. *Croix d'Argent doré ayant appartenu au couvent de
 Santa-Clara à Villa do Conde. Musée des Beaux Arts
 (Janelas Verdes. Lisbonne)* (Dessin)
 "Stances" de Malherbe.
112. *Chéprefeuille* (Aquarelle)
 "Mentiras" .. Martinho de Bredersde
113. *Un chardon* .. (Aquarelle)
 "Don Juan aux enfers" .. Ch. Baudelaire.
114. *Porta paz* (Dessin)
 "La voix des morts" .. Jeanne Loiseau
115. *Porte arabe de l'Eglise d'Aznalcázar, près
 Villamanrique (Aralousie)* (Dessin)
 "Serenata Morisca" .. Estribillo

- 116 Reliquaire cristal et vermeil - Musée des Beaux Arts
Janellas. Terdes - Lisbonne (Dessin)
"The Three Rulers" - A. A. Procter
- 117 Aigle aux ailes déployées (Dessin d'après nature)
"Lui" - Victor Hugo
- 118 Une Rose (Aquarelle)
"This the last rose of summer" - Thomas Moore
- 119 Une pierre et un fin - Genà. (Dessin)
"Cristesse" - Alfred de Musset
-

L'impression de cet ouvrage
a été achevée
par Daniel Jacomet et Cie
le quinze Mars 1927
à Paris